2023
Dois mil e vinte e três
(crônicas)
CHRISTINA RAMALHO
Criação

DOIS MIL E VINTE E TRÊS

AUTORA
Christina Ramalho

ISBN: 978-85-8413-601-8

Criação Editora

Dois mil e vinte e três

(crônicas)

CHRISTINA RAMALHO

A crônica é uma gata largando
pegadas pelas ruas.

Criação Editora

Aracaju, 2025

Editoração eletrônica
Adilma Menezes

Revisão do autor

Fotografia da Capa
Christina Ramalho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

R166d Ramalho, Christina.
Dois mil e vinte e três / Christina Ramalho. – Aracaju: Criação Editora, 2025.
170 p.
E-book
ISBN: 978-85-8413-601-8

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas.
I. Título. II. Ramalho, Christina.

CDU: 821.134.3(81)-94

SOBRE ESTE LIVRO/E-BOOK

No início de 2023, a convite do jornalista e poeta Jozailto Lima, tornei-me articulista do Portal JL Política & Negócio (https://jlpolitica.com.br/), o que representou, naquele ano, uma experiência muito interessante. Entre criações inéditas e resgate de produções mais antigas, pude sentir, semana a semana, através do retorno dado por Jozailto, o prazer que toda pessoa que escreve sente quando seus textos são lidos. E não importa se a recepção é positiva ou não. O elogio dá força para seguir escrevendo e a crítica negativa nos faz buscar ser melhor. E também é importante dizer que, às vezes, a recepção negativa pode ser um elogio.... Nesse processo, inclusive, o grande público do JL me garantiu até o retorno de amigos/as que me liam sem que eu soubesse.

Os trinta e nove textos que aqui apresento, organizados, em ordem crescente, a partir da data em que cada um foi publicado no portal, não são todos os que lá estiveram em 2023. Excluí os poemas, porque queria, sob o signo de "crônicas", reunir essa escrita que, embora pudesse ser dividida em crônicas propriamente ditas, resenhas e artigos políticos, me parece, em conjunto, capaz de traduzir o sentido da palavra "crônica", dada sua inscrição no tempo e seu foco nos acontecimentos do dia a dia.

O título desta publicação – Dois mil e vinte e três – é uma pequena provocação. Gostaria que, feitas as leituras, você se perguntasse: terão mesmo datas esses textos? Ou será que as questões que envolvem a presença humana no mundo vivem se

repetindo, às vezes disfarçadas de novas, e, no final das contas, estamos sempre discutindo os mesmos problemas e exprimindo as mesmas emoções? Eu tenho minhas respostas para essas questões (não à toa recuperei textos mais antigos). Mas deixarei você totalmente livre para ter as suas.

Agradeço demais a Jozailto pelo privilégio de participar do JL. E deixarei as crônicas de 2024 para outra coletânea.

Abraço

Christina Ramalho

SUMÁRIO

TUDO QUE É BOM DURA POUCO?

A máxima "Tudo que é bom dura pouco" sugere imediatamente uma perspectiva pessimista diante da felicidade. Raul Seixas, por exemplo, trouxe esse pessimismo para o campo semântico do amor quando compôs a canção que, com esse título, chegou ao público brasileiro através da voz de Jerry Adriani, em 1969. Os versos de abertura da canção – "Algo estranho em nosso amor/ Está pra acontecer/ Com esse olhar fugindo ao meu/ Não precisa dizer/ Eu sei que tudo que é bom dura pouco" – contêm uma espécie de conformismo diante do que seria inevitável, segundo o famoso dito popular. E acreditar nisso, ou, em outros termos, estar sempre de prontidão para a chegada do tempo da tormenta, parece, às vezes, uma forma de evitar o impacto que a partida do que é bom provoca. No entanto, há quem não dê a mínima para essa máxima, com exceção daqueles momentos em que vale a pena fazer um pouco de graça.

Confesso que, nesse sentido, e otimista como costumo ser, sempre me pareceu gracioso atribuir ao mês de fevereiro esta característica: durar pouco, justamente por ser um mês bom demais. Motivos para a tal graça teria muitos: nasci no primeiro dia de fevereiro, filha de um casal cujo matrimônio também aconteceu em fevereiro, e eu mesma e meu marido elegemos o dia do casamento de meus pais para nos casarmos no civil. Uma de minhas filhas, meu irmão e uma sobrinha nasceram em fevereiro. E foi num dia 29 de fevereiro, exatamente no ano de 2012, que saiu minha nomeação como professora concursada da Universidade

Federal de Sergipe. Ademais, 2 de fevereiro é o dia da divina Mãe Iemanjá, e 9 é o dia do fantástico frevo. Histórica e politicamente, foi em 24 de fevereiro de 1891 que o povo brasileiro viu ser promulgada sua Primeira Constituição Republicana... Não bastasse tudo isso, fevereiro é o mês do carnaval (ainda que calendários estranhos o levem para o mês de março algumas vezes), e um marco na estação de que mais gosto, o verão. E mais: é um mês estranhamente capaz de, a cada quatro anos, fazer-se mais longo e ter 29 dias, o que gera uma porção de gente que, cronologicamente, envelhece bem mais devagar.

Neste fevereiro de 2023, entretanto, não há graça nenhuma em despedir-me fazendo uso dessa máxima, porque, infelizmente, este mês desenhou-se carregado de dores coletivas e pessoais. Fevereiro das inundações trágicas no sudeste do Brasil; do terremoto de dimensões funestas na Turquia e na Síria; do incêndio terrível no Chile; das notícias sobre a teimosia perversa de parte do povo brasileiro que continua acreditando no armamentismo como solução enquanto as manchetes de jornais trazem casos horripilantes de homicídios provocados por uso violento de armas; de revelações cada vez mais chocantes sobre a violência genocida contra os povos indígenas no Brasil; da partida de pessoas amadas que veste nossos corações de luto... Um mês curto para dores máximas, que seguirão atravessando março, abril, maio... Mas o que piora tudo é saber que, tal como Raul Seixas e Jerry Adriani cantaram – ainda que se referindo especificamente a uma relação amorosa – instalou-se em nosso coração uma perspectiva pessimista em relação ao mês de fevereiro, principalmente no que se refere ao desequilíbrio causado pelo desrespeito ao meio-ambiente que fez explodir neste mês, aqui e lá fora, as consequências do descaso com a vida.

No meu tempo de adolescente carioca, fevereiro, por exemplo, era mês de céu azul e muita praia. Tempestades? Sim. Havia. Mas eram ocorrências previsíveis e passageiras. Caía a tempestade e logo o céu espargia seu azul sobre nossos espíritos iluminados pelo verão. Agora, tal como o eu-lírico da canção de Seixas, olhamos para fevereiro como se já prevíssemos a chegada do olhar de ruptura que atingirá de forma fatal a sensação alegre de chegarmos à plenitude do verão. E mesmo o carnaval, que nos permitia vestir a fantasia de um existir além dos noticiários e das dores, parece incapaz de esconder a verdade impressa nos versos de "A banda", de Chico Buarque: "Mas para meu desencanto/ O que era doce acabou/ Tudo tomou seu lugar/ Depois que a banda passou". Ou seja, o que é bom não dura pouco, dura pouquíssimo. Aliás, há quem sequer queira mais ver a banda passar, ou porque já não acredita na felicidade efêmera que ela proporciona ou porque não tem mais pele para vestir qualquer fantasia. A vida, ela sim, em fevereiro de 2023, vestiu-se de carne viva. Sem samba, sem banda, sem nada.

Em oposição à máxima, também há coisas ruins que cabem no pouco. Mas o problema se dá quando não se restringem a esse pouco no qual se inseriram. E assim, no caso em pauta, despedem-se de fevereiro de 2023 fazendo transbordar em março as dores que emergiram no mês que, potencialmente, duraria pouco por ser bom, mas que, ironicamente, trouxe não só notícias ruins e eventos incontornáveis como revelou nossa precariedade em reconhecer e preservar o bem que a vida nos oferece.

Resta-nos a sabedoria de extrapolar as máximas e os lugares-comuns e nos perguntarmos até quando seguiremos falhando na compreensão do real sentido da palavra felicidade. Resta-nos investir mais no milagre da vida, não porque ela dure

muito ou pouco, mas porque é nela que realizamos nossa natureza de "seres". Resta, talvez, apenas enfrentarmos com sabedoria os momentos da dor inevitável, que é aquela que acontece sem que tenhamos atuado para que acontecesse. Afinal, tudo que é bom pode durar muito se fizermos a nossa parte e se, em lugar de apenas atestarmos, pessimistas e conformados, que a felicidade parece se despedir de nós, buscarmos os caminhos para revigorar sua força e reinventar sua existência.

Adeus, fevereiro de 2023. Houve coisas boas. Sempre há e sempre agradeceremos por isso. Mas, no saldo, rompeu-se seu charme de ser curtinho e bom. Que, em 2024, um novo ano bissexto, você volte a me permitir brincar com essa máxima que – vejo agora – é bem sem graça.

(Aracaju, 26 de fevereiro de 2023)

SOBRE TEXTOS À BEIRA DA DESPEDIDA

A motivação para esta crônica é triste. Vem da perda recentíssima de três amigas queridas, inscritas em diferentes tempos e espaços de minha história de vida, todas com marcante presença e cores vivas de afeto. As últimas palavras que troquei, pessoalmente, com cada uma delas se perderam em meio à maciça geração de textos breves, promovida pelas redes sociais. Escrevemos uma porção de coisas, postamos comentários, "curtimos" tanto, que, no fim das contas, já nem sabemos mais se houve, de fato, uma comunicação ou se o que se disse entrou no universo das nuvens que transformam tudo em evaporações sem qualquer identidade. E as conversas frente a frente entram nesse emaranhado de memórias líquidas, porque essa presença/ausência virtual atinge também os encontros reais, em que o abraço não tem vogais nem consoantes, mas apenas braços, mãos, tronco, coração. A facilidade dos encontros virtuais, ainda que rompam a barreira da distância física, muitas vezes adiam os encontros reais ou até justificam que, mesmo ao irmos a lugares onde vivem muitos/as amigos/as que moram longe de nós, não os/as busquemos pessoalmente, porque, afinal, o "contato" tem sido constante e as "notícias" estão relativamente atualizadas.

É certo que o fato de viver longe de cada uma delas impediu abraços reais constantes e, consequentemente, não deu espaço às palavras trocadas sem necessidade de papel ou de canais virtuais de comunicação. O contato virtual, como disse antes, deixava a saudade parecer menor e a urgência do abra-

ço sem urgência urgentíssima. Assim, muito possivelmente, as últimas "palavras" trocadas devem ter sido um comentariozinho numa postagem. Pior. Talvez apenas um *emoticon*. O bonitinho, mas ordinário, *emoticon*... Que triste isso! A vida escorre, se vai e não há mais tempo para as palavras que poderiam guardar, com a solenidade dos grandes sentimentos, o tesouro do afeto.

Queria ter como registro do último encontro com cada uma delas uma daquelas longas conversas presenciais que só a verdadeira amizade proporciona. Mas, diante da impossibilidade de construir no presente um passado recente e derradeiro que não houve – pelo menos nesse âmbito da "última conversa", visto que, certamente, a recuperação de troca de mensagens no *Facebook*, no *Whatsapp* ou no *Instagram* não me trará uma "conversa" propriamente dita – me veio de uma lembrança: a emoção que senti ao ler, pela primeira vez e em todas as demais vezes, "A última crônica" do mineiro Fernando Sabino (1923-2004), cuja publicação se deu em 1965 no livro *A companheira de viagem*, mas que, como ocorre com todas as crônicas que rompem a barreira de seu próprio tempo, atravessou e continua atravessando os limites cronológicos.

Como "A última crônica", além de texto conhecido, pode ser encontrada facilmente na Internet, não vou me permitir violentar sua beleza fazendo um resumo do seu conteúdo. Quem não leu deveria fazê-lo. É um texto lindo, que captura a beleza que habita a simplicidade. O que quero mesmo é realçar o flagrante emotivo contido no gesto de se pensar em quais seriam as últimas palavras criativas de alguém que se dedica à escrita – seja ela de crônicas, contos, romances, novelas, poemas, textos dramatúrgicos, ensaios, epopeias – e a correspondência com o sentimento que temos

quando alguém que amamos se vai sem que pudéssemos ter dito as últimas palavras de amor a essa pessoa.

Na esteira desta reflexão, lembro também que, em 1930, no livro *Libertinagem,* o pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968) deixou para a posteridade "O último poema", cujos primeiros versos "Assim que quereria meu último poema/Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais" tornaram-se, devidamente modificados, "Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso", últimas palavras da crônica de Sabino. Creio que os dois escritores captaram algo especial. As últimas palavras deveriam ser apenas e simplesmente ternura.

A ternura é, no meu entender e segundo o que o impacto das perdas me traz, o sentimento mais suave e generoso que podemos dedicar a alguém. E esse alguém pode ser uma pessoa, um animal, uma planta. A ternura deseja, com singularidade, o poder da paz e da segurança. Ela nos torna fonte de apaziguamento dos conflitos e de confiança no porvir. Quando o cronista, sem inspiração para a escrita, repousa os olhos na família pobre que comemora o aniversário da filhinha num bar remoto e encontra, ali, a máxima expressão que poderia capturar e quando o poeta percebe que nas "flores quase sem perfume" habita a beleza mais sublime, dá-se a descoberta da ternura. E eu, pensando nisso, também descubro que gostaria que minha última conversa com cada uma das três amigas tivesse esse teor de simplicidade e afeto. Talvez eu dissesse a elas "Te desejo vida", tomando de empréstimo a canção da paraibana Flavia Wenceslau, no álbum *Saia de retalhos*, de 2011. E reforçaria o poder terno os versos: "Eu te desejo a paz de uma andorinha/No voo perfeito contemplando o mar/E que a fé movedora de qualquer montanha/Te renove sempre e te faça sonhar". Desejaria às três "vida,

longa vida", porque creio profundamente que nada se esgota aqui. Pelo contrário. Há de haver muitas estradas a serem percorridas. E eu desejo ardentemente que seja possível voltar a encontrar cada uma, para sermos, apenas e simplesmente, ternura.

Para uma delas, tive tempo de escrever um poema, antes que se fosse. Mas não sei se pôde lê-lo. Os tracinhos do "Zap" não ficaram azuis... Quando o escrevi, não havia dimensionando, conscientemente, como agora, o impacto da palavra ternura. Mas sua presença no poema antecipava o sentimento de agora. E eu escrevi assim:

DaySE

duas mulheres caminham na areia
suas palavras bordam atalhos
nas curvas do vento
como se fossem aves
abandonando o silêncio
porque havia chegado
o tempo da ternura
seus passos desenham histórias
ora iguais ora distintas
e a melodia de suas memórias
pede orquestra e coro
samba, tango, canção de ninar
porque são mulheres maduras
deixando cada menina falar

duas mulheres caminham na areia
suas palavras pintam paisagens
na tela clara que a praia oferta
não há pressa nem preguiça

apenas o encontro
com dores e alegrias
agora vestidas do espelho
que todo encontro traz
quando aquilo que se diz
faz-se pedra lapidada
no coração que escuta
quando aquilo que se fala
faz-se flor nascendo na estrada
para o caminho ser mais bonito

duas mulheres caminham na areia
sentindo sob seus pés
as ondas mornas da amizade
e o chão nesse momento
é uma seda delicada
que torna essa caminhada
macia, leve e serena
mesmo quando as palavras
contam feridas e medos
é que uma sabe da outra
e recíprocas e vigilantes
logo inserem na prosa
o que foi riso e loucura
e no balanço das horas
as duas mulheres
caminham seguras

duas mulheres caminham na areia
e no desenho raro
de cada uma de suas rugas

a beleza é apenas essa jornada
e estar ali é o que importa
mais nada.
(04/02/2023)

Não foi nossa última conversa, porque não houve uma conversa propriamente dita, mas foi o primeiro e o último poema que dediquei a ela nesta vida. Mas ela se fez musa. E agora vejo claramente a musa que ela foi, por sua personalidade única. E escreverei outros, para recitar diretamente a ela quando nos reencontremos. As outras duas, pelo menos, em algum momento foram musas de minha poesia ou de minha pintura. Mas eu queria mesmo era ter alcançado, na despedida, a ternura da última crônica de Sabino ou do último poema de Bandeira... No entanto, me vem agora à lembrança algo que me servirá para concluir esta crônica sobre palavras à beira da despedida.

Bem perto da própria morte, Clarice Lispector (1920-1977) produziu seu último romance: *A hora da estrela*. Macabéa é a ternura no seu modo mais simples de existir. É impossível ler o romance e não ser tomado/a de paixão pela moça levada pela estrela de um Mercedes-Benz. As primeiras palavras do romance são: "Tudo no mundo começou com um sim"; e o último parágrafo da narrativa traz apenas uma palavra: "Sim". Eis a captura da reinvenção da vida cada vez que, com a ternura do "tempo de morangos", dizemos "sim".

Sim, Helena.
Sim, Dayse.
Sim, Maria.
Até breve, amigas. A ternura não tem ponteiros.

(Aracaju, 6 de março de 2023)

A MENINA DO AVIÃO

Voava de Paris a Lisboa, deixando os pensamentos correrem soltos, como as nuvens que se ofereciam à contemplação serena de meu corpo relaxado, mas um tanto cansado das últimas tarefas acadêmicas. Sempre que estou longe de casa surge aquele compromisso explícito com as divagações sobre o sentido da vida, os pertencimentos, as diferenças, as relações humanas. E o avião amplia esse compromisso, pois nossa fragilidade na situação de voar com asas alheias deixa bem claro que só temos o pensar como resquício de nossa humanidade. Assim ia eu, refém que estava da vontade absoluta do pássaro metálico gigante e, ainda nestes tempos tão tecnológicos, impressionante. A meu lado, sentada e um tanto inquieta, uma menina de uns doze anos, dona de olhos redondos e vivos, esticava o pescoço em busca de alcançar a vista da pequena janelinha da qual eu, aparentemente, era a dona. Via-se claramente que seu desejo era de paisagem, e eu quis muito ceder a ela meu lugar, mas, na terceira poltrona, o pai, sério e concentrado, me deixava tímida. Não conhecia a língua que falavam, o que aumentou minha timidez. Cedi, no entanto, o mais que pude, espaço para que a bela menina saciasse um pouco sua curiosidade de céu, nuvens e pouco mais. Obviamente, a menina não tinha nome para mim. Fiquei a imaginar qual seria. Olhei-a de soslaio, e percebi detalhes como seus brinquinhos azuis, suas unhas com estrelinhas que brilhavam, seus chinelos, sua bolsa cheia de pe-

quenas flores, a cor de jambo de seus braços. Mas ela, concentrada que estava no exercício de buscar o céu, não reparou na minha curiosidade indiscreta.

De repente, a refeição a bordo. Eu recusei. Estava cansada das comidas de avião. Ela aceitou prontamente, mas, logo percebi, nada pareceu lhe agradar muito. Invertendo a dita ordem das coisas, ela começou pela sobremesa. Pequenos pedaços de pera, que eu já havia conhecido no voo de ida. Duros, sem graça... Não deu outra. Ela ficou no primeiro pedaço e logo tampou o pequeno recipiente. Partiu para algo entre uma panqueca e uma lasanha. Uma só garfada bastou. Não havia nada que pudesse ser interessante para uma mocinha certamente acostumada a outros sabores. Desiludida, ela fechou as embalagens e deixou o olhar perder-se, sem comida, sem janela, sem nada. Eu, como tinha um Toblerone na bolsa, tratei de lhe oferecer um pedaço, mas ela não aceitou. Não gostaria de chocolate? Recusou por excesso de educação? Ou seria a figura do pai que lhe deixava sob controle? Comi um pedacinho e guardei o que restava na bolsa. Ela desinteressou-se de minha guloseima. Mais uma hora de voo e estaríamos em Lisboa, mas certamente o tempo lhe deveria parecer eterno, dadas as limitações que a situação lhe impunha. Decidiu dormir. E eu me concentrei novamente em minhas divagações. De repente, o peso leve em meu ombro. Dormindo, a menina deixara o corpo solto, também como as nuvens, e o balanço do avião fez sua cabeça tombar em minha direção. Primeiro, só um peso leve, depois, o peso absoluto de quem se entregou ao conforto de um travesseiro imprevisto: meu ombro. E ali ficaria ela até os minutos finais do voo, dormindo pesadamente, aninhada em meu ombro e, sem saber, oferecendo-me uma onda doce de ternura, que me fez bem.

Acomodei-me o melhor que pude para que meu ombro lhe fosse confortável. O pai também dormia e não vira a filha aninhar-se em meu ombro. Tudo estava em plena paz e equilíbrio. A cabeça de menina me fez lembrar das meninas (já mulheres) que tenho, e vi Gabi e Isa também adormecendo em meu ombro. Tive vontade de lhe fazer um cafuné, tal como faria em minhas meninas. Aquela jovem e desconhecida criatura era, momentaneamente, uma filha adormecida no conforto da mãe. E eu a amei naquele fragmento de tempo e espaço, porque ela era refúgio para minha saudade e era, igualmente, materialidade da leveza que só a infância tem, em sua maravilhosa entrega ao desconhecido. Cheguei a torcer para que o tempo que faltava se arrastasse mais lento que os ponteiros, só para continuar a desfrutar mais um pouquinho daquela maternidade tão artificial e real ao mesmo tempo. Olhei novamente pela janela e me senti feliz pela responsabilidade recém assumida de deixar a menina desfrutar de seu sono em paz. Cerca de quarenta minutos depois, ela acordou aos pouquinhos, e nem se deu conta de haver dormido em meu ombro. Ou, se se deu conta, não pareceu se importar. Ao contrário, levantou a cabeça preguiçosamente, espreguiçou-se, compôs as roupas, puxando a camiseta cor de rosa que vestia, olhou para o pai e viu que continuava dormindo. Nossos olhares, então, se encontraram. E eu, não querendo ser mãe de filha desconhecida, arrisquei: "Comment t'appelles-tu?". A reposta foi brevíssima: "Leah" (Pelo modo como pronunciou, imagino que se escreva assim). Deu-me um sorriso. Eu retribui. E c'est fini! Chegávamos a Lisboa.

(Aracaju, 13 de março de 2023)

ALELUIA, NÓS TEMOS MATEUS!

Aleluia. Mateus Aleluia (Mateus Aleluia Lima). Um nome que combina perfeitamente com o milagre da sensibilidade e do refinamento que imediatamente nos impacta quando entramos em contato com a música desse baiano, cuja história de vida é angolamente marcada por um mergulho de duas décadas nas próprias raízes que multiplicou um talento que já era imenso.

Meu encontro com esse artista foi fruto da costumeira generosidade de meu marido, Ítalo, para quem a música é alimento cotidiano. Ele sempre me traz o que há de melhor. E no dia em que me apresentou a música de Mateus Aleluia, fiquei abismada e envergonhada. Abismada, porque a musicalidade de Aleluia é mesmo impressionante. Envergonhada, porque eu não o conhecia. "Cordeiro de Nanã", em interpretação com Thalma de Freitas, "Despreconceituosamente" e "Amor Cinza" fizeram minhas lágrimas saltarem. A voz e o rosto de Aleluia completam o impacto, porque a serenidade do semblante somada à voz grave o envolvem em uma solenidade rara.

Trazer Mateus Aleluia para este espaço é, ao mesmo tempo, homenagem ao artista que, filho de Nanã e nascido em 25 setembro de 1943 chega, em 2023, aos 80 anos, e expressão de meu absoluto desejo de que nossa herança africana alcance o respeito que merece e que o absurdo, histórico e cruel preconceito que cerca essa herança ganhe uma sepultura definitiva.

Cito aqui a breve biografia disponível na página do artista (https://mateusaleluia.com.br/):

Filho e fruto de Cachoeira, Mateus Aleluia Lima é cantor, compositor e pesquisador da ancestralidade musical pan-africana do Brasil. Iniciou sua carreira em sua cidade natal no Recôncavo Baiano e junto com Dadinho foi responsável pelo perfil artístico ideológico dos Tincoãs, considerado o primeiro grupo vocal a expressar, na história da Música Popular Brasileira, a herança cultural – musical e linguística – de diferentes povos africanos que aqui aportaram. A ligação estreita que estabeleciam com a África tornou-se uma realidade concreta na vida de Mateus e Dadinho, quando, a partir de 1983 passam a viver em Angola. Nas duas décadas que viveram por lá lançaram o último disco dos Tincoãs, mas foi à pesquisa antropológica e cultural que Mateus dedicou grande parte do seu tempo. Contratado pela Secretaria de Cultura de Estado de Angola viajou o país ao encontro de mestres e mestras dos mais diversos saberes. No retorno ao Brasil, em continuidade à sua trajetória artística, lançou dois aclamados álbuns, *Cinco Sentidos* e *Fogueira Doce*, que, junto com a obra dos Tincoãs, são referenciados como matrizes culturais afro-brasileiras.

E adianto ser impossível fazer a homenagem em um só texto, pois há detalhes em suas composições que não podem ser esquecidos. Assim, neste primeiro texto, relembro um pouco das origens da vida artística de Aleluia, trazendo algumas informações sobre “Os Tincoãs”.

O grupo Os Tincoãs foi formado nos anos 60 e contava com o trio Dadinho, Heraldo e Erivaldo, todos filhos de Cachoeira, município do Recôncavo Baiano, 120 quilômetros distante da capital. Cachoeira foi reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como “monumento nacional” por ser fonte expressiva de preservação da história.

O ritmo predominante era o bolero e o registro dessa época foi o vinil "Meu último bolero", de 1961. Em 1963, Aleluia, também filho de Cachoeira, substituiu Erivaldo. Sua voz grave, seu talento como instrumentista e sua criatividade

Os álbuns *Os Tincoãs*, de 1973; *O africanto dos Tincoãs*, de 1975; e *Os Tincoãs*, de 1977, não deixam qualquer dúvida sobre o compromisso do grupo com a herança cultural africana, o que envolve, obviamente, a religiosidade afro-brasileira, o repertório linguístico e musical e ritmos como o samba de roda e a ciranda, entre outros.

O primeiro álbum reúne "Deixa a gira girá", "Yansã, mãe virgem", "Sabiá Roxa", "Ogundê", "Na beira do mar", "Raposa e guará", "Saudação aos orixás", "Canto para Iemanjá", "Capela D'Ajuda" e "Obaluê". Imaginemos: 1973, em um Brasil emburrecido e marcado pelos horrores da ditadura, três homens se põem a pesquisar e a cantar a religiosidade e as tradições afro-brasileiras, fazendo da linguagem do candomblé sua força maior. Isso em tempos em que a influência da "Bossa Nova" seguia firme; a "Jovem Guarda" continuava a atender ao desejo de uma juventude "alegre e ingênua"; os tropicalistas, Chico Buarque e outros/as sofriam com os exílios e a censura; e o rock brasileiro lançava nomes que se inscreveriam definitivamente na história da música brasileira, como Raul Seixas e Rita Lee... Era de se esperar que as dificuldades fossem grandes...

Fonte https://www.onlinevinil.com.br/produtos/lp-os-tincoas-1973-stereo-odeon-1-edicao/

No entanto, o álbum foi um sucesso. Talvez um reflexo da "sede" de novos rumos para o país, talvez o reconhecimento inevitável do talento, talvez a força de versos como "Meu pai veio de Aruanda e a nossa mãe é Iansã" ("Deixa a gira girá"); "Foi gingando no balanço, que eu vi você feliz. /No compasso do meu samba. /Balançando com os quadris. /Ô, sinhá! " ("Sabiá Roxa"); "É essa tradição/ que teve no escravo a criação/ Os Santos. E Louvor/ querendo louvar a Virgem com fervor/ Virgem Santa do Engenho/ Nada posso dar porque nada tenho" ("Capela D"Ajuda"); "Na beira do mar/Chamarei iemanjá/Zumbi, ogum, vodum, erum, ilê oro" ("Na beira do mar"), que, afinal, falam de um Brasil real cuja voz, historicamente marginalizada e apagada, se impunha.

Em 1975, em *O africanto dos Tincoãs*, as canções "Promessa ao Gantois", "Dora", "Salmo", "Homem Nagô", "Canto e danço pra curar", "Sereia", "Jó", "Oxossi te chama", "Anita" e "Ogum Pai" reafirmaram e ampliaram a proposta do álbum de 73. Versos como "Eu fui ao Gantois pagar promessa só/ Levei de ouro maior um adê pra yêyê ô/ Onalewa

Minha prece é verdadeira/ Desce, vem me abençoar!/ Ó, meu Deus! Como é lindo! / O céu se abre, mãe Oxum vem surgindo!", de "Promessa ao Gantois", aprofundam o lastro que Os Tincoãs construíam para o futuro das expressões musicais e culturais afro-brasileiras.

Em 1977, o álbum *Os Tincoãs* reuniu "Atabaque chora", "Lamento às águas", "Canto de dor", "Chão da verdade", "Romaria", "Deixa a baiana sambar", "Canto do boiadeiro", "Enterro da Iyalorixá", "Chapeuzinho Vermelho" e "Arrasta a cadeira". A letra de "Lamento às águas" prova a ousadia do grupo na afirmação de seu "africanto": "É niboboiá/ Cabirê ô Yabá/ É niboboiá/ Cabirê Iemanjá/ Odé, Oxóssi/ Ogum, Ajunssun/ Iemanjá leru/ Boaô, Boaô, Boaô, Boaô/ Iemanjá leru/ Boaô/ Iemanjá leru/ Boaô/ É niboboiá/ Cabirê ô Yabá/ É niboboiá/ Cabirê Iemanjá/ Odé, Oxóssi/ Ogum, Ajunssun/ Iemanjá leru/ Boaô, Boaô,/ Boaô, Boaô/ Iemanjá leru/ Boaô/ Iemanjá leru/ Boaô/ É niboboiá/ Cabirê ô Yabá".

No entanto, uma morte alteraria os rumos de Os Tincoãs e, claro, os de Mateus Aleluia. Sobre isso falarei no próximo texto.

Despeço-me, provisoriamente, com o convite para que assistam ao vídeo "Mateus Aleluia é um milagre", disponível em https://www.youtube.com/watch?v=lq9RagVaocA, que, ao final, nos faz afirmar "Aleluia, nós temos Mateus!".

(Aracaju, 20 de março de 2023)

ALELUIA, NÓS TEMOS MATEUS! (II)

Como afirmei na semana passada: "Aleluia, nós temos Mateus!" e esse sentimento se traduz muito bem quando acontece o encontro com composições como "Amor Cinza" e "Despreconceituosamente", ambas lançadas em 2009, no álbum *Cinco sentidos*. É importante observar canções como essas, porque compreender a dimensão afro-brasileira que predomina em sua produção passa por perceber que Aleluia, sabiamente, também nos prepara para o encontro com sua ancestralidade.

Em vista disso, neste segundo texto-homenagem, coloco "Amor Cinza" e "Despreconceituosamente" no centro de breves reflexões, deixando para a semana que vem mais algumas palavras sobre a história desse poeta da canção brasileira e, principalmente, sobre as composições por meio das quais ele se faz ponte para que a religiosidade afro-brasileira ganhe visibilidade. Vejamos a letra de "Amor Cinza":

> Na linha do horizonte
> Tem um fundo cinza
> Pra lá desta linha
> Eu me lanço e vou
> Não aceito quando dizem
> Que o fim é cinza
> Eu vejo o cinza
> Como um início em cor
> Quando tudo finda

Dizem: virou cinza
Equívoco, pois cinza cura
E poesia e eu sou
Um traje cinza
Lembra fidalguia
Quarta feira cinza
É dia de louvor
Vamos celebrar
O amor há de renascer das cinzas
Vamos festejar
O cinza com amor
Gota de orvalho
Prateada é cinza
Massa encefálica
É cinza amor
A purificação
Também se faz com cinza
Fênix renasceu das cinzas com honor
Só quero dengo
Quando o dia é cinza
Leio poesia
E cantarolo só
Dedilho a viola e sonho colorido
Me vejo no amante
Que o cinza desnudou
Vamos celebrar...

Essa canção extraordinária, cujo componente musical é imprescindível ouvir (para isso, acessem a linda interpretação que Aleluia realiza em parceira com sua filha Fabiana Aleluia:

(https://www.youtube.com/watch?v=FYXNdEVtAA4), demostra a sutil força revolucionária de nosso Mateus.

Partindo do lugar comum que, no imaginário popular e simbólico, se atribui à cor cinza e às cinzas em si, valor negativo associado à morte, à solidão e à tristeza, o eu lírico afirma que "Não aceito quando dizem/Que o fim é cinza" e, para elaborar os argumentos que explicarão essa visão, ele se "lança" no fundo do horizonte cinza e "vai".

Ir além do estabelecido, caminhar em busca de reconstruir visões de mundo, de se rebelar contra um senso geral que pode ser equivocado, mesmo sendo geral: eis uma rota que a própria história de Aleluia nos contou quando ele decidiu buscar suas raízes em Angola, por lá ficando durante duas décadas, para vivenciar o tanto de si próprio que a experiência lhe trouxe.

Na canção, além descrever como equivocada essa imagem negativa que o cinza tem, o eu lírico logo assume posição contrária a ela: "Eu vejo o cinza/Como um início em cor" e passa a elencar as diferenças entre o "dizem" coletivo e o sentir personalíssimo desse eu que caminha pelas trilhas acinzentadas da reflexão e da sensibilidade, vendo-se "amante" no espelho que o cinza, como amor, criou.

Ao contrário de ser um signo do esgotamento, o poema, explorando a polissemia da palavra – cor e resíduo de algo que se queimou – nos diz que cinza é fidalguia, cura, poesia, e o eu-lírico, por ver esse sentido, se faz poesia também. Assim, as associações entre cinza, cura, poesia, amor e celebração elaboram uma atmosfera de esperança, anunciando a possibilidade de desconstruirmos a aparente natureza acomodada e negativa das coisas em prol de uma vida voltada para sua própria reinvenção, como a Fênix, citada na canção.

O mito da Fênix é, talvez, um dos mais importantes em termos de representação simbólica dos laços humanos com a vida, apesar do tanto de dor nela impregnado e do suposto irrefreável destino rumo à morte. Capaz de renascer, mas igualmente capaz de cumprir sua sina de passar pelo ritual da morte para chegar ao renascimento, a Fênix é signo libertário, porque anuncia que sempre chega o momento de renovação. E o que o poema pede é que "celebremos" essa possibilidade.

Ver o cinza na gota de orvalho, na massa encefálica e na purificação faz da cor, costumeiramente – ou preconceituosamente – marginalizada, um ponto de partida para a vivência do amor, em sua forma delicada, porque "amor cinza" pede dengo, poesia, música, viola e sonho.

Essa canção, como eu disse antes, fala muito de Mateus Aleluia. Comprova seu compromisso com o otimismo (como ele afirma na entrevista feita à Trip TV – https://www.youtube.com/watch?v=lq9RagVaocA) e reforça sua crença no ciclo vida-morte-renascimento, como vemos em outra entrevista, desta vez feita por Pedro Bial (https://omny.fm/shows/conversa-com-bial/mateus-aleluia-conversa-com-pedro-bial). No entanto, o convite é plural – "Vamos celebrar", "Vamos festejar" – porque, afinal, todos temos a capacidade de desfazer os rótulos que categorizam o mundo e pré-determinam nossa relação com ele. É inevitável, pois, relacionar cinza e preconceito quando debruçamos sobre "Amor Cinza".

No mesmo álbum, "Despreconceituosamente" fala mais diretamente sobre o enfrentamento do preconceito, revelando a sabedoria de lidar com ele, vestindo-se com a proteção do amor. Eis a letra:

Uma voz rouca
Um violão tão lento, um amor
Um peito acabrunhado, não
Um peito apaixonado, sim
É um passo manso lento
É um passo lento manso, do amor
É um passo manso lento
É um passo lento manso, do amor
Magoado, não
Bem-vindo, sim
Desesperado, não
Querido, sim
Acabrunhado, não
Apaixonado, sim
Por que não?
Despreconceituosamente
Eu vou vivendo a minha vida
Não me importa a cor da pele
Não me importa a cor da ida
Não me importa a cor da volta
É bonita porque estou
Por favor não feche a porta
Me aceite como eu sou
Eu sou filho da poeira
Sinto o pó em minha volta
Se você me fecha a porta
Sei que o amor ampara-me
Abraçando-me
Sublimando-me
Envolvendo-me, amor

Querendo-me bem
Adorando-me
Abraçando-me
Sublimando-me
Adorando-me, amor
Querendo-me bem
Uma voz rouca

Entre sins ("apaixonado", "bem-vindo", "querido") e nãos ("acabrunhado", "magoado", "desesperado"), esse eu segue "vivendo sua vida" livre de tudo aquilo que não importa ("cor da pele", "cor da ida", "cor da volta"). E isso só é possível porque o amor próprio foi construído como escudo e espelho. Escudo e espelho, contudo, que não impedem a paixão.

Se, de um lado, a "voz rouca", pedindo "Me aceite como eu sou/Eu sou filho da poeira", constrói a ambiguidade temática – visto que também fica sugerida a ideia de alguém que partiu e que, ao voltar, clama por ser aceito –; de outro, a alusão a "Não me importa a cor da pele" registra que a cor da pele poderia, supostamente, importar. Não à toa o título é "Despreconceituosamente".

O que se vê nas composições de Mateus Aleluia, e essas duas letras poéticas comprovam, é uma capacidade natural para tornar delicado o que poderia vir vestido apenas de dramaticidade. O cinza negativado, os nãos e as possíveis portas fechadas são signos passíveis de serem enfrentados no momento em que a consciência de si estabelece o "despreconceito" como modo de vida.

É curioso observar que, para uma massa expressiva de brasileiros e brasileiras, será justamente a partir do "despreconceito" que se fará possível "penetrar surdamente no reino das palavras"

e compreender o tanto de beleza que o repertório mais afro-brasileiro de Mateus Aleluia possui. A “chave” – metáfora famosa de Drummond –, no caso desse extraordinário compositor, poeta e músico baiano, pode estar dentro de casa. Basta buscar suas canções e ter a predisposição para amar o cinza.

(Aracaju, 27 de março de 2023)

ALELUIA, NÓS TEMOS MATEUS! (III)

Vagner Gonçalves da Silva, em seu livro *Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira* – Ática, 1994 –, enumera os vários aspectos que levaram e levam essas manifestações religiosas a serem amplamente marginalizadas nas mais diferentes esferas sociais do país.

Essas religiões de origem negra e africana – tratadas como "calundus" até o século XVIII – da Silva, 1998 – estiveram, exatamente por isso, fadadas a serem "esquecidas" ou "apagadas" nos documentos oficiais. E, quando abordadas em relatos como os dos viajantes estrangeiros, por exemplo, em geral, isso se dava na forma de abordagens que faziam uso da demonização de seus ritos e mesmo da reprovação de sua própria inserção no repertório místico brasileiro como "religiões".

Tratados como bruxos, curandeiros, macumbeiros, adeptos de "magia negra", diabólicos, os candomblecistas e umbandistas foram e são alvos de violência, calúnia, difamação, preconceito. Não são poucas as notícias de destruição de terreiros e de ataques físicos a quem "ouse" circular pelas ruas portando vestimentas ou referentes que explicitem o vínculo com essas religiões.

Sua própria estrutura organizacional, descentralizada, e seus rituais que envolvem transe, culto a espíritos, mediunidade, ofertas de comida aos "santos", entre outros, chocam a ignorância que, em lugar de buscar conhecimento, escolhe a violência como caminho para justificar sua própria precariedade e a destruição do outro.

Ciente e impregnado pelas narrativas históricas que desenharam o absurdo da escravização de povos africanos e sendo, ele mesmo, fruto dessa história, Mateus Aleluia usa seu talento, sua música e sua voz para realçar a beleza da religiosidade afro-brasileira.

Ele não faz, como da Silva, Roger Bastide e outros/as, um texto descritivo e expositivo que explique apenas objetivamente essa história e as diferentes manifestações religiosas que se originaram da mistura entre matrizes religiosas africanas, o próprio cristianismo e mesmo referentes indígenas.

Ele nos convida a mergulhar, através dos sentidos, na beleza impactante de sua fé, através de sua música e do que chama de "palestras musicais", como "O canto dos recuados – Afrobarroco em palestra musical".

Quando passeamos por suas criações desde o tempo de Os Tincoãs, encontramos diversas composições centradas na religiosidade afro-brasileira. Algumas composições fazem uso de língua própria, o que nos remete a uma vivência sonora de rituais diretamente capturados da ancestralidade negra.

Em 2004, já de volta ao Brasil, ele apresentou, no Teatro do Irdeb, em Salvador, sua "Opereta Sacro Profana", que, citando o site de Aleluia, "é uma experiência artística que aborda o diálogo entre as culturas tendo em sua constituição sensível o diálogo entre as linguagens artísticas. Por meio da música, do canto, da dança, da poesia, da performance e das artes visuais, a 'Opereta Sacro Profana', toma a liberdade de caracterizar-se, em sua originalidade, como um instrumento para a socialização das manifestações das culturas afro-indígena e brasileira barroca". Essa criação está disponível em https://youtu.be/7VlwgUgNM64. A generosidade de Aleluia reside em sua obstinada elaboração de signos revela-

dores da potente inscrição da religiosidade afro-brasileira, ou "afro-indígena-barroca", na cultura deste país. E ele, como se vê, vai além da música, porque sabe que outras linguagens também podem ser instrumentos para oferecer conhecimento e arte.

Aleluia sabe que é quase preciso fazer milagres para que a sociedade brasileira abandone de vez o preconceito e a violência com que a religiosidade afro-brasileira é tratada no país. E ele constrói esses milagres por meio de canções como "Cordeiro de Nanã", que nos arrebata por sua delicadeza e arte. No entanto, tal como afirmei antes, Aleluia expandiu seu milagre, fazendo do hibridismo um instrumento e nos trazendo o trabalho *Afrocanto das Nações – Jejê*.

Segundo a *Revista Afirmativa* (www.revistaafirmativa.com.br), esse trabalho "é o resultado da primeira etapa do projeto "Nações do Candomblé" e "nele, Mateus Aleluia mergulha nos cantos aos Voduns em suas terras de origem e aqui na Bahia. Após o período de pesquisa e registro, Mateus Aleluia estabeleceu com esses cantos um diálogo sensível traduzido em canções inéditas. O álbum é composto dos cantos e das canções e será acompanhado de um Museu Virtual que apresenta através de fotografias, vídeos e textos, o material de pesquisa e todo o processo de composição da obra".

O que podemos observar é que o talento de Mateus Aleluia se faz um caminho para acessar todos os nossos canais de sensibilidade, para que, tocados por seu universo de beleza, realmente vivamos, sem preconceito, o misticismo dessa religiosidade.

Tal como diz a letra de "Cordeiro de Nanã": "Fui chamado de cordeiro, mas não sou cordeiro não./ Preferi ficar calado que falar e levar não./ O meu silêncio é uma singela oração./ Minha santa, de fé.// Meu cantar./ Meu cantar/ Vibram as forças que

sustentam o meu viver", o candomblecista Mateus Aleluia se sustenta nos braços de Nanã, orixá feminina ligada à transição entre a vida e a morte, à lama que gera vida e à sabedoria, para reiterar, incansavelmente, sua oferta generosa e farta de conhecimento e sensibilidade.

Esse homem, que encontrou em Angola a profunda explicação para sua existência e a afirmação de seu pertencimento, é um expoente da cultura nacional brasileira. E, para ter a certeza disso, basta marcar encontros com sua arte. Afinal, "Aleluia, nós temos Mateus!". Um viva aos 80 anos desse artista incrível!

(Aracaju, 3 de abril de 2023)

UMA CRÔNICA FUTURISTA

Já leram uma crônica futurista? Imagino que não, porque, segundo reza a tradição, as crônicas se prendem ao tempo presente e têm como marca falar das coisas cotidianas. Podem até ter uma perspectiva passadista, abordando o que aconteceu há algum tempo, mas viés futurista?

Bem, há, sim, crônicas futuristas. Pelo menos foi o que fizemos – eu e outros/as cronistas – quando criamos, em 2020, o livro *Ampulhet@*. Nosso objetivo foi brincar não só com o gênero crônica como com o próprio tempo futuro, imaginando (ficcionalmente) o cotidiano de diferentes épocas que ainda virão. A crônica "Rebelião no Agenda★" foi fruto desse exercício, que, claro, acabou por misturar crônica e conto. Eis, portanto, minha crônica futurista:

Rebelião no Agenda★

Desde a invenção do Orkut, passando pelo Facebook, Whatsapp, Instagram, Twitter, Codespace, Cenarium e outras redes sociais e aplicativos de que não me recordo mais, administrar nossas vidas virtuais não era nada fácil. Até que surgiu o aplicativo Agenda★, trazendo o que, aparentemente, seria a solução para as constantes interrupções em nossa concentração, dado que o acesso ao universo íntimo e cotidiano de cada pessoa conectada à realidade virtual se tornou cada vez mais invasivo e sem limites.

Pois bem, prometendo organizar as relações virtuais, o Agenda★ criou, vamos assim dizer, um "pacto ético". Explicarei mais adiante esse meu modo de ver as coisas. Confesso que, na altura de meus sessenta e cinco anos, assim que soube da novidade, declarei que não me meteria em mais um controlador de vidas. Porém, lendo as notícias que circulavam, entendi que talvez, sim, esse aplicativo pudesse me trazer um pouco de paz. E lá fui eu baixar o tal Agenda★ no celular.

O procedimento – explico para quem ainda não aderiu ou para quem está lendo essa crônica em tempos em que o Agenda★ já foi substituído por outra tecnologia – é, ao mesmo tempo, simples e trabalhoso. Simples, porque as instruções e o design são bem claros. Trabalhoso, porque exige de nós o exercício dominical de escrever no Agenda★ nossa agenda semanal!

Visualizada por todo mundo, essa agenda determina, por meio de um interessante e criativo avatar, os limites de nossa acessibilidade às postagens, conversas, sugestões, solicitações etc. enviadas a nós. A cor verde indica "estou livre", a vermelha, "estou XXX". E o XXX pode ser preenchido com "trabalhando", "estudando", "lendo", dormindo", "almoçando", "jantando", "rezando" e por aí vai.

O avatar aparece realizando as atividades que deixamos programada na agenda. É, de fato, uma graça! Principalmente as imagens associadas ao "Estou livre", porque nosso avatarzinho fica fofamente pescando, nadando, tomando sol, bebendo cerveja, dançando na chuva! Delícias! A função mais importante do Agenda★ é bloquear contatos em todas as redes e aplicativos nos horários vermelhos, deixando-nos, contudo, livres para ler e ver o que queiramos. E, quando estamos livres, podemos ou não atender ao que nos chega. Se não atendemos, fica implícito que a diversão não pode ser interrompida!

O Agenda★ também oferece um conversor automático de fuso horário, para que, ao acessarmos as redes de pessoas que vivem em outros países, entendamos a linguagem cronológica de sua agenda semanal. Para complementar, uma tecla azul é usada para a comunicação entre diferentes países. Ela armazena a postagem, para que o/a receptor/a só a receba nos horários verdes de sua agenda.

Além disso, para evitar problemas em situações de urgência, o Agenda★ oferece uma tecla amarela, a ser acionada antes do envio de uma mensagem urgente. O que chamei de "pacto ético" tem a ver com a tecla amarela. Ela só deve ser usada em situações de emergência real. E eu penso que a angústia que todas as pessoas estavam vivendo no momento do lançamento do Agenda★ era tão grande, que a ética acabou funcionando... As criadoras do Agenda★ se tornaram rapidamente as mulheres mais ricas do planeta.

O acontecimento que aqui vou relatar não tem, entretanto, nada aver com cores, teclas e pactos. Como eu disse, apesar de minha resistência inicial ao novo aplicativo e da sensação de ver minha vida exposta na agenda semanal que, afinal, eu mesma escrevia, confesso que comecei a conviver com a realidade virtual com mais tranquilidade e a controlar melhor o envio de minhas próprias mensagens e postagens.

O Agenda★ nos leva a pensar um pouco mais antes de escrevermos algo para alguém. Percebemos melhor como as pessoas são ocupadas e acabamos evitando mensagens e postagens sem muita "utilidade". Eu sabia que, no final das contas, o sistema já nos controlava há pelo menos quatro décadas, então, que diferença faria, nesse sentido, fugir do Agenda★,? Mas o que eu descobri é que fugir dele era impossível. Vou contar.

No mês passado, de repente, numa quarta-feira, por volta de 8h e 30min, comecei a receber mensagens em todas as minhas redes, justamente no horário em que eu preparava as aulas de Teoria Literária. O Agenda★ liberou completamente o acesso a mim.

Curiosamente, as mensagens diziam: "É isso aí, Chris, aproveite mesmo!", "Inveja, Chris!", "Que delícia, Chris!", entre outras saudações e comemorações. Mais para o final das mensagens no Codespace, comecei a ler postagens em tom assustado: "Profe, e meu atendimento?"; "Profe, você leu minha tarefa?"; "Chris, terminou o artigo?"; "Mãe, o que houve?"; "Mainha, o que aconteceu?". A resposta para esse caos veio fácil. Lá estava minha avatarzinha no Agenda★ se esbaldando na praia!!!!! De 6h às 24 h, sem nenhum agendamento em vermelho. Verde total! A Chris está na praia!!! A Chris estará na praia até meia-noite!

Fiquei doida! Além das aulas, tinha os atendimentos a meus orientandos e a minhas orientandas, um curso de extensão à tardinha, um artigo para terminar à noite. E a Chris na praia o dia todo, a noite toda!!!! Tentei mexer na agenda, mudar o texto, mudar tudo e nada!! Acesso negado. Tentei entrar em contato com a gestão do aplicativo. Nada! Tudo bloqueado. Ítalo estava, desde cedo, na procuradoria. Vermelho absoluto. Deixei uma mensagem no Codespace de minhas filhas e lhes contei o que estava acontecendo.

Duas horas depois, no horário verde delas, a mensagem da mais velha: "Ah, mãe, deixa de coisa! Todo mundo sabe que o Agenda★ não falha! Aproveita, mãezinha, sua praia!". Logo em seguida, a da caçula: "Relaxa, mãezinha! Não tem nada de mais aproveitar uma praia! Você merece!".

Peguei o celular e olhei para a Chris. Que danada! Minha avatarzinha tinha se rebelado e criou sua própria agenda! Estava

na praia e aparecia em imagens que iam da Chris nadando à Chris tomando sol, bebendo água de coco, caminhando na areia, lendo um livro esticada na toalha de praia... Estava acontecendo, diante de meus olhos e de minha vida, uma rebelião no Agenda★!

E aquele acontecimento me deixou tão abobalhada, que perdi o ânimo de tentar contar para toda a gente que estava "assistindo" aos deleites de minha avatarzinha no mar que aquilo era mentira, que ela tinha se rebelado, e que a verdadeira (será?) Chris estava à beira de um ataque de nervos. O que eu faço? Pensei. Mais de 40 anos trabalhando e agora a Chris fugindo dos compromissos de trabalho para ir à praia. Pior. Ter que explicar e ouvir, como ouvi de minhas filhas, que não era necessário me desculpar! Que o Agenda★ era infalível e que foi ótimo eu ter reprogramado a agenda de quarta-feira. O Agenda★ e minha avatarzinha tinham, enfim, tomado conta de minha vida de vez.

Fui à cozinha, bebi água e olhei pela janela, procurando algo que nem sei definir o que era. De repente, me surpreendi. Encontrei o céu mais azul de todos os anos de minha vida. Fui para o quarto, busquei meu biquíni, troquei de roupa e, sem pensar em mais nada, fui caminhando até a praia. Antes, deixei um bilhete, escrito a mão, na geladeira, para avisar ao Moreno onde ele me encontraria quando chegasse.

Nunca mais fui a mesma. Minha avatarzinha, afinal, sabia viver melhor que eu. E passei a colocar mais e mais verdes no meu Agenda★, que, por sinal, recebe muitas e muitas mensagens enquanto estou na praia sem o Codespace ou quaisquer outros aplicativos, porque agora só vou à praia sem lenço nem documento, nada no bolso ou nas mãos!

(Aracaju, 10 de abril de 2023)

CEM

Maud Kathleen Lewis: a alegria e a força para enfrentar todos os obstáculos em nome de viver

31 de janeiro de 2064. Mais algumas poucas horas e terei chegado aos cem. Os sonhados cem de que tanto falei a vida inteira e que, tantas vezes, me pareceram uma utopia.

Cem anos. Olho para o espelho e, sem dúvida, não posso deixar de comemorar a cura de todas as doenças que impediam as pessoas de envelhecerem mantendo sua lucidez e sua memória.

Não tivesse a Medicina conquistado a libertação da mente das pessoas idosas de tantas doenças, permitindo-lhes envelhecer sem medo de se perderem de si mesmas, talvez eu olhasse para minha imagem no espelho e não me reconhecesse. Mas, sim, eu me vejo e me sei.

Com todas as rugas que conquistei nesta centenária – quase... são ainda vinte horas e trinta minutos – existência. Com todos os finíssimos cabelos brancos que ainda teimo em deixar longos, às vezes arrumados na forma de tranças, na tentativa de me assemelhar à Maude, do romance e filme *Ensina-me a viver*.

E isso me lembra de que aqui é preciso rimar centenário com inventário, porque devo a duas mulheres, curiosamente Maude e Maud, poder estar, neste momento, dentro do nosso trailer de madeira, repleto de livros e cores, com ele estacionado numa vila lindíssima de um pueblo argentino.

Com as duas, Maude – personagem de Collin Higgins, que ganhou vida no cinema e em um romance de 1971 intitulado

Harold and Maude, que aqui se tornou *Ensina-me a viver* – e Maud – na verdade Maud Kathleen Lewis, pintora canadense, cuja vida surpreendente inspirou o filme irlandês *Maudie* – 2020 –, dirigido por Aisling Walsh –, aprendi que nada pode ser maior que a alegria e a força para enfrentar todos os obstáculos em nome de viver tão plenamente quanto possível a beleza da vida.

Beleza no sentido estético da arte, da simplicidade, do desprendimento.

Com Maude, aprendi que uma mulher muito idosa pode, sim, ser linda, plena, viva. É difícil? Claro que é. O corpo, mesmo com todos os avanços, se torna um candidato a inimigo de si mesmo. É preciso resistir e ter sabedoria para buscar todas as formas saudáveis de preservação da saúde.

O fato de ter decidido abandonar qualquer tipo de carne quando tinha 56 anos me ajudou muito a chegar até aqui.

E, como Maude, terminada a necessária fase de dedicação ao trabalho, optei, em decisão conjunta com o Moreno, pela vida no trailer, cada vez mais afastados de tecnologias, metais e todas as coisas que nos transformam em máquinas.

Ao lado de meu agora velho Ítalo, de nossos tão cobiçados – porque raríssimos CDs – e livros, sigo pelas pequenas vilas do continente, que ainda resistem à formatação das cidades a partir de modelos arquitetônicos sem espaço para a simplicidade da vida integrada à natureza.

Há mais de 30 anos abandonamos a virtualidade, recusando-nos à implantação de chips subcutâneos. Escolhemos ser marginais. Decidimos viver a liberdade e encontrar a morte respirando o que ainda houvesse de verde e de gente de verdade pelos rincões que nosso trailer de madeira, todo pintado de flores e de símbolos dos mais variados, possa alcançar.

Quem morrer primeiro terá o privilégio de ser cremado pelo outro, que viverá o que ainda houver pela frente embalado pelos caminhos da liberdade. Com tudo isso, chego aos cem mais viva que nunca! E mais: feliz por ver Isa, Gabi e Vitor vivendo na floresta, cuidando das poucas aves que ainda sobreviveram.

Estacionar nosso trailer por lá de vez em quando é uma grande emoção. Assim como vez por outra ter nossos familiares pegando uma carona conosco em uma dessas viagens.

Com Maud, aprendi que a pintura era meu melhor presente. E sigo pintando muitas formas coloridas por onde vou.

Incrivelmente, em meio a tantos aparatos com tecnologias que nem sei mais identificar inda há gente que ama paredes e janelas pintadas, quadros e gravuras, cor e mais cor.

Se Maud, com sua enfermidade e suas mãos deformadas, pôde fazer isso e, justamente quando eu nascia, conseguiu ter sua arte reconhecida, por que eu, privilegiada como sempre fui, não hei de vencer as tramas do tempo, e continuar pintando minhas coisinhas até que a tela seja outra?

A diferença é que não quero outro reconhecimento que não seja o amor de amigos e amigas que eu e meu já não tão Moreno conquistamos nesta nossa vida maravilhosamente errante.

Descobri, e aos cem anos comemorarei intensamente essa descoberta, que a vida pode realmente ser reinventada dia a dia. Nem que, para isso, seja preciso ir contra a maré e fundar uma república própria. Uma maravilhosa república de arte e liberdade.

Uma vida sem lenço, sem documento, nada nos bolsos e muitas cores nas mãos.

(Aracaju, 17 de abril de 2023)

O PENSAMENTO PARECE UMA COISA À TOA

Eu gosto de rituais. Acredito que ter rituais cotidianos e também rituais relacionados a eventos especiais cria um laço com a vida, um compromisso com o que fazemos.

Assim, gosto de ter datas "inaugurais", breves, pedras que vieram de outros lugares para as quais eu possa olhar e as quais eu possa tocar nos momentos de viver recordações.

Sendo assim, aproveitei o último 19 de abril para criar um marco para meu retorno às caminhadas pela orla da praia da Atalaia, aqui em Aracaju, ou pela praia mesmo ou ainda pela orla do mangue.

Há muito havia deixado de fazer essa atividade, e meu corpo já me dava o alerta sobre a falta de compromisso com a saúde. Aproveitei o 19 de abril, aniversário de meu marido amado, e voltei a fazer a atividade.

Sempre gostei de caminhar. As pernas vão construindo trajetos, e o pensamento também, o que me é especialmente prazeroso. Sequer música quero por companhia, para não ter qualquer distração.

Eu mesma escolho o canal: lembranças boas, sonhos, coisas a fazer em casa, criação de poemas, ideias para pinturas e artesanato, coisas da universidade, reflexões pretensiosamente filosóficas, reflexões sobre o entorno da própria caminhada, conversa com Apolo – meu companheiro desde Natal, quando caminhava na areia conversando com ele, o sol – etc.

Lupicínio Rodrigues, na conhecida canção "Felicidade", de 1947, disse que "O pensamento parece uma coisa à toa/ Mas como é que a gente voa quando começa a pensar". Eis uma verdade incontestável: o pensamento nos dá asas.

Daí a beleza de conjugar os pés no chão, na caminhada do corpo, e o pensamento no espaço, voando, voando. Entre um e outro, o ar inspirado e expirado no ritmo do ritual saudável como se fosse um azeite amaciando os movimentos de caminhar e voar simultaneamente.

Às vezes, a poesia caminha comigo e vou criando poemas enquanto ando. Depois tenho que ficar repetindo os versos para não esquecer o poema até chegar à casa. No dia 20, ao olhar para minha sombra no chão, vi minhas pernas looongas, fruto do efeito da sombra na posição de Apolo naquele horário. Aí me vieram os versos:

Minha sombra
tem pernas de pau
e ainda assim
ou talvez por isso
caminha
como se voasse.

Enquanto voa
transforma pensamento
em nuvens
não as virtuais
mas a que cabem
exatas
na matéria do sonho.

No dia 21, foi o vento que me trouxe estes versos:

O vento obriga
as palmeiras
ao adeus
ou a algo que lembre
despedida.

Elas, no entanto,
altivas e jamais submissas
gritam abraços
com seus braços
e caminham conosco.

No passado, eu me lembro bem, o pensamento tinha pouco espaço para as urgências dos versos. Foram muitas as caminhadas com pensamentos atormentados sobre como chegar ao final do mês sem deixar de pagar alguma conta, como ter coragem para tomar decisões difíceis já quase inadiáveis, como resolver algum conflito profissional; como dar conta de múltiplas tarefas sem me perder de mim, como trabalhar minha autoestima para não estar sempre me colocando em ciladas afetivas etc.

Eram, na ocasião, como se vê, caminhadas predominantemente desafiadoras. O chão parecia revestido de pedras, porque tudo se revelava pesado demais para mim. Entretanto, ainda assim, eu caminhava e deixava o pensamento voar. Esse voo, afinal, poderia significar minha própria libertação dos nós que, na maioria das vezes, eu mesma havia atado.

Hoje, ainda bem, há mais espaço para a poesia e para o sonho. Eu consigo ter mais olhos para as flores, as tonalidades

azuis do céu, os desenhos das nuvens, os movimentos da cidade, as particularidades dos/as outros/as caminhantes fazendo seus caminhos ao andar.

E meus ouvidos estão mais atentos aos pássaros, ao vento, ao mar e mesmo aos sons quase nunca melodiosos da vida urbana. Isso significa que meu interior está mais pacificado, menos exigente, menos problemático. Nem por isso o pensamento se faz uma "coisa à toa". Ele se alimenta da paz e sorri para a arte.

Se o corpo pede atividade física e investimento na saúde, a mente nos diz que o pensamento também tem de caminhar – ou de voar, para ser mais fiel a Lupicínio –, pois, caminhando, ele vai nos alertando sobre os outros tipos de passos que teremos que dar se a palavra "felicidade" tem mesmo algum sentido para nós.

E pode parecer que o pensamento não precisa do corpo para voar, mas, garanto, quando esse voo acontece em parceria, o resultado é muito mais profundo e o significado de "saúde" também.

Eu ando, e meu amado corre. Mas coincidimos no final de nossos trajetos, bebemos nossa água de coco, e voltamos juntos para casa, muitas vezes comentando nossos pensamentos voadores. Ao contrário do poema de Lupicínio, nossa casa não fica "lá no fim do mundo". Fica bem pertinho. Nem há falsidade vigorando em nosso pequeno espaço. E nossa felicidade não vai embora porque sabemos voar juntos, caminhando e cantando e seguindo a canção bordada por nossos pensamentos e compartilhada pelo exercício de amar.

(Aracaju, 24 de abril de 2023)

PRIMEIRO CONVITE: POESIA COLOMBIANA

Desde 2019 tenho me dedicado ao estudo de poesia latino-americana contemporânea com o objetivo de tentar diminuir a distância entre o Brasil e seus vizinhos ou quase vizinhos, a partir da publicação de coletâneas bilíngues, sob a forma de e-books gratuitos, que, ao circularem, poderão demonstrar as tantas semelhanças que nos unem e as diferenças que merecem ser conhecidas, porque, afinal, expressam identidades culturais igualmente marcadas pelo processo de colonização.

Sabe-se que, no âmbito da literatura, a relação brasileira com países latino-americanos quase sempre é conduzida por especialistas acadêmicos/as, visto que, no campo mais abrangente da Educação ou do Ensino, poucas referências e textos aparecem em livros didáticos ou nas salas de aula. Nas livrarias, também é parco o número de publicações que chegam até nós, e vice-versa.

No entanto, a vasta produção literária e os laços que precisam ser ampliados estimulam pessoas que, como eu, sem serem especialistas, guardam um profundo respeito pela ideia de latino-americanidade, a buscar contribuir, de alguma forma, para que esses encontros aconteçam. No meu caso, faço uso dos alguns conhecimentos que tenho sobre essa literatura e da possibilidade de traduzir os poemas que encontro.

Assim, neste primeiro momento, convido vocês à leitura do primeiro volume de *Brasil & Colômbia, Coletânea bilíngue de*

poemas de poetas contemporâneas, recentemente lançado pela Criação Editora, aqui de Aracaju e à qual parabenizo pela generosidade de acolher a realização, e que se encontra disponível para leitura na página https://editoracriacao.com.br/brasil-colombia-coletanea-bilingue-de-poemasde-poetas-contemporaneas/.

Organizado por mim e pela escritora colombiana Francy Liliana Díaz Rozo, este primeiro volume apresenta poemas de 15 poetas colombianas e se faz um caminho interessante para o encontro com expressões de diferentes regiões e realidades étnico-culturais do país. Para que o convite tenha sustentação, reproduzo, a seguir, a apresentação do livro.

"Poetas mulheres. De diferentes regiões e identidades étnicas e culturais do Brasil e da Colômbia. Algumas no início de sua

trajetória lírica. Outras, com uma história já de muitos caminhos. Com temas variados e rico repertório linguístico, seus poemas nos permitem penetrar na diversidade presente nos dois países e, principalmente, no coração de questões ligadas à inserção das mulheres no espaço, no tempo e na história.

Foi com o objetivo de dar visibilidade a múltiplas vozes de poetas colombianas e brasileiras, reunidas pela força da resistência às injunções patriarcais e a preconceitos de qualquer natureza, que unimos forças e nos dispusemos a estreitar os laços entre Brasil e Colômbia, nomeando esses laços e imagens com os sonhos que a palavra pode construir.

Neste primeiro volume, trazemos poemas de Ángela Mañunga Arroyo, Ashanti Dinah Orozco, Carolina Cárdenas, Deisy Almendra, Diana Carolina Daza, Diosa de la Sierra, Dora Berdugo, Ele Vergara, Francy Liliana Díaz Rozo, Laura Castillo, Luisa Fernanda Varón, María Antonia León, Mileny Jojoa, Mirian Díaz Pérez e Sikán Keïta, que, conforme se verá, dão à Colômbia um contorno carregado de simbologias, de afirmação identitária e de abordagens críticas a questões de gênero e a questões sociais como um todo. Por meio dos 45 poemas aqui presentes de forma bilíngue, certamente, um país se desenhará quase de forma inédita para leitores e leitoras brasileiros/as, se considerarmos a triste realidade do isolamento cultural de um Brasil muitas vezes pouco interessado em saber mais sobre seu próprio continente.

No entanto, maior que esse registro triste é a alegria do encontro coletivo e a possibilidade de serem, em coro, a voz de poetas afrodescendentes 'trançando a Améfrica com o coração' (Ángela Mañunga Arroyo). União necessária, porque 'Quando choramos/chovem em nós as torrentes dos olhos em rumor de espumas' (Ashanti Dinah Orozco) e também porque cada uma

de nós sabe que, numa sociedade patriarcal e preconceituosa, a mulher se torna a 'simples tripulante que ninguém quer ver' (Carolina Cárdenas).

Neste canto coral, mulheres não se permitem estar 'encerradas em bolhas de medo' (Deisy Almendra). Ao contrário, como 'Fidelina', um nome/escrito com suor nas árvores (Diana Carolina Daza), trabalham o ser e o sentir, sabendo que a poesia, metaforicamente, 'toma uma agulha para tecer um pensamento' e também 'empunha uma enxada para lavrar a terra' (Diosa De La Sierra).

'Com a paz de quem/não tem culpas' (Dora Berdugo), as poetas aqui presentes souberam ouvir as 'Mestras que usam coroas de pano' e 'ensinam sobre o peso da não-história' (Ele Vergara) para afirmar o individual que, no encontro, se faz plural: 'sou todas elas para ser quem sou, para me moldar, para me definir' (Francy Liliana Díaz Rozo).

Poetas colombianas que sabem ser como a tecelã, para quem 'Tecer é sua forma de nomear/a ausência de raízes/ na ponta dos dedos' (Laura Castillo), e que aprenderam que 'o pressentimento' 'ganha pavio'/para queimar bem o incenso' (Luisa Fernanda Varón).

Por essa união, 'aquele verso encerrado/na concha virgem' (María Antonia León) se liberta e canta as vozes de poetas 'De onde emanam as flores e cantam os vaga-lumes' (Mileny Jojoa) 'na saia colorida e no carnaval sem fim' (Mirian Díaz Pérez). Versos através dos quais 'ressurgirão sacerdotisas antigas' (Sikán Keïta) para bordar uma Colômbia viva em sua diversidade.

Cabem, ainda algumas palavras sobre as imagens que ilustram esta edição. Sua autora, Camila Matilda González, é artista colombiana, radicada em Barcelona, Espanha, que, generosa-

mente, nos cedeu algumas criações suas para ilustrar esta obra. No final do e-book apresentamos mais informações e os links para acesso a imagens de outras obras suas.

Na capa, temos 'Selva Sagrada', que originalmente era um mural. A imagem representa um anjo protetor, que tem um besouro egípcio no peito e dele sai uma lua, com aparência de escorpião, trazendo o sentido de transformação. À transformação também se relaciona a imagem da bruxa da vida e da morte que ilustra esta seção.

Abrindo, por sua vez, as seções individuais, temos 'A Lua', em que uma mulher está sentada em uma lua crescente. A criação é uma referência ao fato de ser a lua quem rege os períodos menstruais das mulheres. Por isso, ela segura uma xícara... Mas a própria imagem também traz a recordação de que a lua, poderosa, afeta as marés e os ciclos das plantas.

Tecemos a partir do nosso umbigo como centro e tecemos esta mochila que reúne nossa palavra, pensamento, ser, sentir, fazer, nossa força milenar diversa, aguda, profunda, mística e, por que não, brincalhona, enchendo o vazio do fundo do tecido, como a própria vida. Somos estas aqui nomeadas, mas também as não nomeadas na história, as negadas, as encurraladas no fundo de qualquer espaço, somos as que hão de vir, as que voltarão a fechar os olhos para a injustiça. Este tecido de palavras não pretende iluminar ninguém, mas está seguro de sua luz e de sua sombra.

Que seja, para quem lê estas linhas, uma aproximação com a magia que nos habita e também com sua sombra, sua música e seu ruído.

Que não sejamos mais países separados por fronteiras, mas unidos pela poesia.

Concluímos com nossos agradecimentos a todas as poetas colombianas, à Camila Matilda González, às poetas brasileiras que estarão no segundo volume, à Criação Editora por dar selo e identidade a esta produção e a vocês, leitores e leitoras, por se unirem a nós no exercício maravilhoso de ler para escrever as próprias palavras! E, claro, deixamos o convite para que, em breve, voltem a acompanhar este projeto coletivo, recebendo o segundo volume de *Brasil & Colômbia*, que trará, também em edição bilíngue, os poemas de Danielle Magalhães, Dheyne de Souza, elimacuxi, Elisa Buzzo, Germana Zanettini, Iara Maria Carvalho, Ingrid Morandian, Izabel Nascimento, Jennifer Trajano, Lilian Almeida, Michelle Buss, Paola Schroeder, Priscila Branco, Renata de Castro, Rosidelma Fraga, Sony Ferseck, Thainá Carvalho e Taylane Cruz".

Fica, então, o convite para que busquem o livro e mergulhem nessa produção lírica atual e viva, que nos faz sentir o desejo de saber mais sobre esse país de natureza forte e relevante presença indígena e afro-colombiana, além de incontáveis aspectos artísticos e históricos que dão à Colômbia uma identidade rica e peculiar.

Finalizo com "Festa de bonecas", um poema de Diana Carolina Daza (Bogotá, 1980), dedicado a Andréa Carolina:

Festa de bonecas
Há bonecas de madeira
que rangem quando soa um tango
bonecas de pano que costuram janelas
bonecas nostalgia de marimba
tabaco de tristeza
bonecas veludo de montanha

que desatam nós
para bordar jardins de espelhos.

Não importa o material de que são feitas
ao cair da prateleira
perdem braços
pernas
olhos
valentia
e assim, com a mão que lhes resta
levantam o copo e cantam em grupo
quando o tremor esconde seu gesto de vitória.

É direito das bonecas caírem
se quebrarem
se liberarem do incômodo costume
da forma correta.

Boa leitura e até o próximo convite!"

(Aracaju, 1 de maio de 2023)

SEGUNDO CONVITE: *CAMA DE GATO*

Depois do convite à leitura do primeiro volume de *Brasil & Colômbia*, trago este novo: uma visita ao trabalho organizado pela escritora argentina Araceli Otamendi e por mim, que resultou em *Cama de gato. Poesia contemporânea argentina e brasileira*, coletânea bilíngue publicada em 2021 pela LugGraf, de Natal, e também gratuitamente disponível em www.ramalhochris.com/livros-organizados. Em suas 532 páginas, a coletânea traduz também os laços da poesia e da arte com o viés social.

Da Argentina, participaram as poetas e os poetas Aldo Luis Novelli, Alicia Silva Rey, Ana Arzoumanian, Ana María Manceda, Araceli Otamendi, Blanca Salcedo, Carlos Enrique Cartolano, Diego Rodríguez Reis, Ernesto Rojas, Fernando De Leonardis, Gabriela Rivero, Germán Mastellone, Gustavo Tisocco, Jenny Wasiuk, Juan Carlos Rodríguez, Juan Ramón Ortiz Galeano, Lecko Audencio Zamora, Liliana Lukin, Manuel Lozano Gombault, Nerina Thomas, Olga Liliana Reinoso, Paulina Juszko, Sergio Giuliodibari e Susana Szwarc.

Do Brasil são Alberto Pucheu, Ana de Santana, Antônio Mariano, Beatriz H. Ramos Amaral, Carmen Moreno, Christina Ramalho, Cida Pedrosa, Eliane Potiguara, Frederico Barbosa, Ítalo de Melo Ramalho, Lau Siqueira, Lívio Oliveira, Márcia Batista Ramos, Marilia Kubota, Paulo Ferraz, Prisca Agustoni, Ramon Diego, Rosângela Trajano, Rubens Jardim, Susanna Busato, Tanussi Cardoso, Tarso de Melo, Telma Scherer e Tiago Hakiy.

Esses nomes contemplam, metonimicamente, o universo gigantesco da poesia contemporânea dos dois países e nossa intenção de unir vozes atuantes de diferentes regiões de cada país, com a total consciência de que há muitos e muitos nomes que poderiam estar no e-book e que, quem sabe, poderão estar em nova produção binacional.

O e-book traz, ainda, na abertura de cada capítulo, a arte brasileira de Anne Mariano, Carlos Fernando Nogueira, Lucy Fazolla, Mariana Siqueira, Muirakytan Kennedy de Macedo, Rosângela Trajano, Tamara Quírico, Telma Scherer, Tieko Irii, Thainá Carvalho, Ulisses Toledo (ulixo Punk) e W. J. Solha. Suas criações deram um toque de personalidade à coletânea. E agradecemos a generosidade de todos/as.

Tal como fiz no convite da semana passada, reproduzo as

apresentações, neste caso, individualmente assinadas por Araceli Otamendi, em espanhol, e por mim. Este convite insere, portanto, o contato com a língua espanhola em voz argentina:

La cama del gato (La poesía y sus luchas)

Originalmente la convocatoria, en la que participé por una idea de la escritora brasileña Christina Ramalho, fue "La poesía y sus luchas", con la invitación a escritores brasileños y argentinos para publicar una antología.

Se convirtió, como dice el título en "La cama del gato" a raíz del nombre del juego a cuatro manos con un cordel que casi todos los niños y niñas conocen y juegan durante su infancia. A mí ese juego me lo enseñó mi abuela materna y después pasé a jugarlo muchas veces en la escuela.

Es un juego que implica la participación de dos personas que van configurando distintas figuras con el cordel, una de ellas "la cama del gato". El trabajo de traducción del portugués al español y del español al portugués ha implicado, en lo que a mí concierne un gran intercambio, casi un juego. Un juego en serio, como decía Julio Cortázar acerca del escritor y su juego con las palabras.

Si bien, casi todo el trabajo de traducir ha sido de Christina Ramalho, hay palabras, hay voces que han sido un trabajo de intercambio, de socialización. Hay palabras que en otro idioma, no conocemos, porque pertenecen a la lengua hablada de cada día. Difícil de conocer, cuando uno no vive en el país donde se habla la lengua.

En cuanto a la convocatoria de poetas argentinos, el panorama es amplio, ya que abarca a poetas de distintas zonas del país. La zona que definía el límite, a principios del siglo XX, una zona intermedia entre los grupos de Florida y Boedo, era una zona in-

termedia, donde el único denominador común es la flexibilidad, la ausencia de patrones rígidos.

Obras atravesadas por temáticas y estéticas tanto boedianas como martinfierristas, que resultan de porosidades y contaminaciones. Creo que esa es la zona por donde transitan los poemas publicados en esta antología.

Creo, según decía Jorge Luis Borges, que cada palabra es una obra poética. Y que no es cierto que la prosa esté más cerca de la realidad que la poesía.

El lenguaje es una creación estética, y decía también Borges, que "cuando estudiamos un idioma, cuando estamos obligados a ver las palabras de cerca, las sentimos hermosas o no. Al estudiar un idioma, uno ve las palabras con lupa, piensa esta palabra es fea, ésta es linda, ésta es pesada. Ello no ocurre con la lengua materna, donde las palabras no nos parecen aisladas del discurso".

Y para finalizar, otra coincidencia con el gran escritor argentino: "El hecho es que la poesía no son los libros en la biblioteca, no son los libros del gabinete mágico de Emerson. La poesía es el encuentro del lector con el libro, el descubrimiento del libro".

Espero, lectores de este libro, disfruten tanto al leer los poemas, como yo he disfrutado de hacer este trabajo.

Mi agradecimiento a Christina Ramalho por la convocatoria a realizar esta antología, a la poeta Nerina Thomas por los contactos de poetas de diversas regiones del país, a todos los poetas convocados que decidieron participar.

(Araceli Otamendi
Buenos Aires, 3 de octubre de 2021)

E, agora, a apresentação em português, assinada por mim:

A poesia é o mundo sendo

Entre o tecido que resulta de linhas entrecruzadas cujo desenho é feito por mãos argentinas e brasileiras que brincam de compartilhar formas (a "cama de gato") e o desejo de dizer como são imensos os contornos da poesia e do poetar, reproduzo aqui um texto antigo, que, no entanto, me parece expressar bem o que se encontrará nesta coletânea. Ei-lo:

"Um corpo poroso. Um mata-borrão. Um sentimento de urgência atado ao dia-a-dia. Movimento de resistência às forças que estagnam. Mola-mestra para as tentativas de tradução dos enigmas do mundo. Desejo vivo de ir além da morte. Filtro colocado na boca do esgoto. Rosa-dos-ventos. Biruta, indicando os ventos; biruta, amalucando o planeta. Galo cantando manhãs. Cigarra cantando tardes. Coruja piando noites. Panfleto vermelho jogado no chão. Munição, arma, desejo de guerra. Mansidão, flor, desejo de paz. Teia de aranha nas prateleiras. Folha no chão dizendo "É outono!". Suor no rosto dizendo "É verão!". Cachecol no pescoço dizendo "É inverno!". E todas as primaveras no corpo ao mesmo tempo. Ampulheta acionada pela voz da urgência. Onda batendo forte, onda serpenteando mansa. Farol no meio do mar. Oásis no deserto. Pronto Socorro. 0800. Palavras gritando contra o silêncio que aflige. Palavra revestida de outra palavra. Palavra reinventada na boca de espera. Palavra ensimesmada querendo amigo. Palavra em estado de graça plantada na realidade sem graça. Palavra ainda sem nome nascendo dos acontecimentos. Palavra surda e muda com linguagem de

sinais própria. Palavra com medo. Palavra sem medo. Palavra sem dinheiro. Palavra que não se cala. Palavra que canta. Eis o poeta. Eis a poeta.

Por que poetar? Porque, além das livrarias e das bibliotecas, além dos comércios e dos críticos, além muito além do improvável sucesso, há, no poeta, uma angústia incessante de dizer, no sentido transitivo de expor, enunciar, exprimir por palavras; proferir; discursar; recitar, declamar; mandar, ordenar; rezar; mostrar, indicar; referir, narrar; dar a conhecer, apregoar; apontar, censurar; supor, imaginar; afirmar, asseverar; estar inclinado a crer, ter opinião, parecer; chamar, denominar; aconselhar, persuadir; aquilo que lhe vem como verbo intransitivo.

Poetar, porque, acima das antologias e das histórias literárias, acima das feiras e das bienais, acima muito acima das listas dos mais lidos, há, no poeta, um livro infinito a ser escrito em forma de livros finitos. Há, no poeta, um menino sempre vivo que fala o que sente porque é menino, e um velho, muito velho e sabido, que converte em símbolos as palavras do menino para que este não apanhe e deixe, por isso, de ser menino. E porque o poetar não exige tempo nem espaço para existir como pulsão; e porque o tempo e o espaço se inscrevem no poetar como matéria-prima de uma fábrica pré-existente; o poeta (e o contista e o cronista e o romancista e o dramaturgo e todas essas palavras no feminino), escravo do fabricar, vive, ele próprio, além das fronteiras.

Ontem, hoje ou amanhã, não importa. A poesia é o mundo sendo. A poesia é o gerúndio. E o poeta, o galo, a cigarra e a coruja sustentando bravamente o gerúndio da poesia".

Recuperadas essas palavras antigas, por meio das quais expresso a força multiforme e multissignificativa do verbo que

se faz poema, o que me resta é agradecer a Araceli Otamendi pelo carinho e pela confiança com que abraçou a proposta de criarmos este tecido estampado com formas e cores da poesia de nossos países, aqui representada por 48 nomes que vêm de diferentes realidades argentinas e brasileiras e que, certamente, representam muito bem a face múltipla e diversificada do lirismo de nossas culturas.

Haveria muitos outros nomes, caso fosse possível compor uma coletânea infinita. E não é fácil ver a coletânea pronta sabendo que nunca estará pronta, porque há muitos galos, cigarras e corujas que nela poderiam estar.

Mas esta “cama de gato” foi o jogo de poetar que nos foi possível realizar neste momento, imbuídas de representar, com diversidade e viés social, a poesia contemporânea de nossos países. Quem sabe outros virão?

Agradecemos também a cada artista plástico/a brasileiro/a que, com suas pinturas, colagens e desenhos, trouxeram mais cor ao conjunto, revelando, também, a poesia que criam com outras ferramentas do dizer. Foi muito bom viver esta “cama de gato”!

Finalizo o convite com um poema do argentino Diego Rodríguez Reis, na versão em português “Adiamento da poesia”, cujo teor me parece bem compatível com o desejo de que os convites da semana passada, desta e da próxima toquem a sensibilidade de vocês e evitem os adiamentos da poesia. Ei-lo:

> Acontece que não podei esta videira
> e há estes trabalhos da casa
> que não podem esperar
> pintar aquele portão

lavar as xícaras de chá
de inverno

planejar
catalogar os trabalhos
que há para fazer
antes

sem falta reparar os platinados do carro
visitar os museus as bibliotecas as casas
pegar os ingressos para essa peça
do absurdo contemporâneo

há que pensar planejar trabalhar
observar distrair desesperar
há que fazer
fazer fazendo

acontece que há que plantar estas amendoeiras
e pagar as contas atrasadas
cortar a grama e dar de
comer às viúvas
e aos órfãos

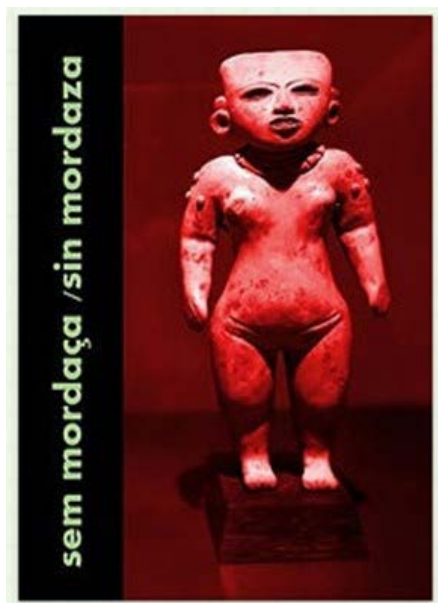
os teatros se enchem
as xícaras se oxidam
microscopicamente
as folhas
inundam o pátio

eu penso planejo trabalho
observo distraio desespero
eu faço fazendo
fazendo fazer
e os dias passam estéreis
(p. 95-96)

Até o convite da semana que vem!

(Aracaju, 8 de maio de 2023)

TERCEIRO CONVITE: *SEM MORDAÇA*

Finalizando a proposta de dirigir três convites aos leitores e às leitoras do JL Política, trago hoje dois textos de apresentação da coletânea bilíngue *Sem mordaça/Sin mordaza*, organizada pela cubana Caridad Atencio e por mim e publicada em 2021 pela editora LucGraf, de Natal/RN, na forma de e-book, também disponível gratuitamente como os dois discriminados nos dois primeiros convites.

Sem mordaça reúne poetas mulheres do Brasil e de Cuba, tendo como viés ou laço o difícil tema da violência de gênero.

Nesse sentido, as 33 vozes que se uniram nesse trabalho, mesmo representado realidades sociopolíticas e culturais distintas, irmanaram-se em muitas questões, porque, ao fim e ao cabo, a violência contra as mulheres parece suficientemente hábil para se manifestar nos mais distintos tempos, espaços e realidades.

Uma vez que Caridad Atencio apresentou as poetas cubanas, e eu, as brasileiras, reproduzirei os dois textos, para que leitores e leitoras possam ter a dimensão do encontro vivido pelas 33 poetas, ainda que na forma virtual. Dada a extensão de cada texto, inicio com a parte de Caridad e, na próxima semana, encerro com a minha. Antes, contudo, o que chamamos de "Antecedentes":

Antecedentes

A ideia deste livro nasceu no dia 22 de fevereiro de 2019, à tarde, na Casa de Las Américas, em Havana, Cuba, onde ocorria a 29ª. versão do Colóquio Internacional Expectativas, logros y desengaños del nuevo milenio en la historia y la cultura de mujeres latinoamericanas y caribenhas.

Naquele dia, na seção de comunicações da parte da tarde, uma poeta e pesquisadora cubana, Caridad Atencio, falava sobre poesia cubana contemporânea de autoria feminina. Entre os/as ouvintes, outra pesquisadora e poeta, a brasileira Christina Ramalho.

Quando Caridad Atencio mencionou o fato de estar em processo de organização de uma antologia para reunir a produção sobre a qual falava, enfatizando a questão da violência de gênero, surgiu a proposta de Ramalho: "Por que não um projeto a quatro mãos, envolvendo Cuba e Brasil?".

Antes de completar um ano, o que era ideia ganhou a materialidade do livro. Este livro. Seguem as palavras de cada uma sobre essa materialidade.

Testemunho de uma "vergonha que repete sua canção"

Caridad Atencio

Quando pensei que um projeto como esse poderia ser realizado, alertei as escritoras que se encarregaram de antologias com o mesmo assunto, mas no gênero narrativo. Elas me responderam: "Por que você não o assume?". O pouco tempo disponível para uma pesquisadora profissional e o medo de não ter o poder convocatório necessário me fizeram hesitar em me dedicar a esse trabalho. Até que, no evento organizado anualmente por Luisa Campuzano, na Casa das Américas de Havana, sobre as mulheres, fiquei surpresa ao encontrar uma abordagem crítica à poesia de duas poetas incluídas nesta antologia: Yanira Marimón e Maylán Alvarez. A abordagem destacava que ambas apresentam cantos de auto-legitimidade e problematizam a real vida feminina, porque "a violência contra as mulheres é uma prática social disseminada em todas as áreas de nossas vidas, com raízes estruturais profundas e perceptível em muitas áreas, além da privada"[1]. A partir da intervenção, expressei que era necessário empreender uma antologia que reunisse poemas sobre (e contra) a violência de gênero, pois havia material criativo valioso e suficiente entre nossas escritoras.

Naquele momento, a figura aguda e determinada de Christina Ramalho, poeta e acadêmica brasileira, me ofereceu, com um convite de trabalho em parceria, a possibilidade de realizar tal antologia, que é a que você lerá: um livro sobre poesia con-

temporânea escrita por mulheres, sobre (e contra) a violência de gênero ou com temática relacionada, em Cuba e no Brasil. Convoquei as poetas e, embora algumas demorassem um pouco para enviar os textos, quase todas as que convidei me disseram, com entusiasmo e fé de quem vê o céu aberto, que sim. São 16 poetas cubanas cujo espectro de vida abrange os anos de 1936 (ano do nascimento de Georgina Herrera) até hoje.

Nos textos incluídos neste livro, a mulher é um sujeito privado de seu status legítimo envolvido em uma situação de impotência que se torna um fenômeno social abrangente. É "um eu que se perdeu ou corre o risco de se perder. Esse é constantemente o tema das romancistas. E muitas vezes também é assunto de poetas mulheres"[2]. A existência feminina torna-se um campo de resistência, mas não uma resistência que suporta, mas que se opõe[3] , na qual estão em jogo a liberdade e a condição humana do indivíduo[4] . Nesse "não permitir chegar a ser", a vida desse campo de resistência é materializada muitas vezes no relacionamento de casal ou familiar. Ascende-se, então, a uma pureza violenta, ou à mulher presa em tecidos absurdos de culpa que a levam até a se machucar. Essas realidades de subordinação criam paisagens agudas de incomunicabilidade e processos complexos de introspecção, em que a mulher aprende a se valorizar mais, valoração que chega a ter a mesma profundidade de sua dor.

Assistimos então à reação irada de um ser ultrajado, à reação introspectiva de um ser ultrajado. Vejam-se os poemas "Lume", de Julia Cabalé, e "Um cavalete para o andaluz", de Leyla Leyva. Este último poema nos dá um retrato único da mulher afundada no mundo doméstico, em que parece que não ouve, não vê, não conserva a capacidade de procriar, qualidade que deve distinguir as mulheres. Apesar disso, o sacrifício que têm que fazer é frequente-

mente sinônimo de prisão e morte, e não impede que toda a sociedade a considere um ser amaldiçoado. É uma injustiça – que a miséria e o estatismo sociais se esforçam, com mecanismos e motivos, para tornar natural – em que a mulher é um ser subalterno que, por causa das falácias do mundo moderno, crê sentir-se vencedora. Leiam-se, nesse sentido, "Style" e "Crying girl", de Dalila León. Destacam-se, na mostra, excelentes textos, com implicações alegóricas, arquetípicas e parabólicas sobre a condição feminina, como podem ser o poema "Eva", de Georgina Herrera, ou "Na ponte" e "Campo visual da doméstica", de Charo Guerra, ou, ainda, "Poema para a mulher que fala sozinha no Parque de Calzada" e "De María García Granados a José Martí", de Lina de Feria. Revelam-se, nessas criações, o modo como nos qualificamos juntamente com a forma como somos vistas, formando, talvez, uma bipolaridade perfeita e, às vezes, doentia. Ainda não escapa à afinação, penetração e sensibilidade dessas escritoras o fazer saber que, embora seja a mãe, e muitas vezes também a mulher, uma instituição da família e da casa, ela é considerada um ser de segunda ordem. É o que se observa nos poemas "Eva", de Georgina Herrera; "Dizem as damas penetrantes…", de Caridad Atencio; "Sobre a tocadora de flauta", de Charo Guerra; "Minha mãe suportava o peso que lhe outorgava sua condição horizontal", de Yenys Laura Prieto; e "Mataremos o filho"[5], de Leyla Leyva).

O tema da mulher como ser despojado de seu status legítimo, correndo o risco de se perder, assume, na antologia que agora apresentamos, uma variedade de manifestações e consequências, que variam desde ser atacada e abusada fisicamente até a variante do abuso psicológico, pelo qual sinto uma profunda rejeição, porque exige mais maldade ou astúcia para ser posto em prática. Do sacrifício da mãe, que é visto socialmente como algo

inato, ao estigma social, que julga atitudes severamente puníveis, que nos homens são vistas como normais, e, nas mulheres, como crimes contra a humanidade, que obrigam a prostituta a ter uma vida desumana. O fato natural de ser você mesma é considerado um atrevimento. Comportar-se como uma pessoa normal é ousadia, pela qual toda a sociedade cobrará, tal como vemos em "Mrs. Trolley recorda países", de Legna Rodríguez). Outra das consequências desse fenômeno é, sem dúvida, a construção de um ser feminino cercado e perseguido, sem ter culpas ou segredos: "O tragadouro", de Leyla Leyva, e "De onde estão prosseguindo as relações?", de Caridad Atencio; ou alguém, desde a infância, criada com restrições educativas, que rebaixam sua condição de ser legítimo, e que, inclusive, dada a crueldade do mundo, é levada a amadurecer com violência: "Eu era menina/mas bem poderia ser um menino" de Maylan Álvarez.

Assim, na boca das autoras, a mulher se torna "vergonha que repete sua canção"[6] ; mulher apanhada no gozo de sua pessoa, e conflito, para o qual "a coluna a convida e a Ideia a esmaga"[7] ; "uma mulher que não se reconhece"[8] ; alguém que parece "bem com todos e mal"[9] consigo; que pega e deixa "meia língua na ponta da língua"[10] ,"violação marcada, sem praça e sem palácio"[11] ; alguém que "ignoram para que desapareça"[12]; um ser que somente se se "afastasse das luzes" "deixaria de ser uma intrusa"[13] ; que não "teme o amor senão os homens"[14] . Pois a condição feminina é muitas vezes privada de sua identidade em nome do amor. Em tal sentido, a relação entre os sexos se tornou um jogo entre maldade, astúcia e inocência, que alguém manipula. Então, a mulher é forçada a estabelecer estratégias de sobrevivência a partir da impotência, ainda que nenhuma submissão feminina seja como o sexo "forte" desejaria, nem tão real nem despossuída de cami-

nhos que salvem, como se vê em: “Ao voltar, ele trouxe consigo...” e “Após uma falha...”, de Dolores Labarcena.

Na antologia, também é notável uma materialidade que interroga o doméstico, de costas para a ilusão, urdindo encaixes de desconfiança, vazio e frustração, tal como dizem os textos de Leyva, Maylan Álvarez, Nara Mansur e Yenys Laura Prieto. Uma das poetas me confessou que seu parceiro lhe havia dito que ela já havia escrito vários livros com esse tema “doméstico”, e lhe questionou por que não escrever sobre outros assuntos, e, digo eu, por que ela teria que escrever sobre outros temas, se esse era o colar que lhe estava apertando o pescoço? Então, a mulher, despojada de sua condição legítima, vai assumi-la – incluindo-a em suas criações que se expandem ao questionamento de mitos e de religião – não importa a violência “aparente” que ela tenha que usar para alcançá-la. Aqui falamos sobre a inteireza feminina, mas desde o menosprezo social que envolve essa virtude de forma demolidora, com escárnio sobre o que pode e, ao mesmo tempo, não pode ser suportado. E, nessa tessitura, nós nos perguntamos: Em que estado fica o corpo feminino quando passa por toda a domesticidade possível e impossível, toda a segregação possível e impossível? O corpo da mãe, que, como gladiador, avança na contenda? A contenda é a única escolha que a salvará como ser humano, e na qual estão envolvidos os pecados e a violência dos filhos, do marido e até do pai.

Sobreponho, em transe, ao corpo feminino o ser das poetas, às quais nunca se pode acusar de cultivar um discurso tendencioso, porque “não há poema que possa ser assim chamado se nele não há queixa ou uma disputa consigo mesmo”[15], e a condição de todo impulso poético, por mais elevado que seja, segundo Pavese, é sempre uma referência atenta aos requisitos éticos, e

também práticos, naturais do ambiente em que se vive. Porque, no caso das poetas presentes nesta antologia, a tarefa central de suas vidas tem sido a escrita do poema[16]. Assim, fiquem então as escritoras banhadas pelas águas da legitimidade.

Notas

1. Original em espanhol: CAPOTE, Zaida. Presentación. Sombras nada más, 36 escritoras cubanas contra la violencia hacia la mujer. Ediciones Unión, 2015, p. 7. Tradução desta e de outras citações em espanhol que aparecem no prólogo: Christina Ramalho.

2. Original em espanhol: DEMING, Bárbara. "No podemos vivir sin nuestras vidas." Perspectivas en la lucha de mujeres. In: Diez poetas norteamericanas. Ediciones Angria: Caracas, 1995, p. 457. Tradução: Christina Ramalho.

3. Essa resistência que suporta muitas vezes é a culpada do sacrifício feminino nas mãos do homem mais vil. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).

4. Mirta Yáñez, depois de afirmar que a poesia escrita por mulheres em Cuba, em diferentes épocas e lugares, reproduziu, com mais ou menos variedade, temas como amor, maternidade, identidade, família, lar, natureza e o desenraizamento, diz que, na maior parte do trabalho das poetas cubana, mudanças no tratamento dessas questões tradicionais se manifestam junto com o surgimento de novas, por exemplo: atitude sem preconceitos em relação às relações sexuais, abordagem despreocupada de temas amorosos, perda de censura em situações escabrosas, visão crítica das relações familiares, tom irônico sobre o parceiro, protesto contra as defasagens da moral conservadora e machista, erradicação de posturas submissas, pungentes e passivas, autorreconhecimento de sua posição no mundo e perda de solenidade diante do fenômeno da maternidade. Fonte: Poetas cubanos. Uma trajetória enorme. In: Revista Lectora, n. 5 - 6. 1999 - 2000, Barcelona, p. 23. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).

5. O sacrifício da mãe raramente é correspondido na figura do filho e no universo da família. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).

6. Verso de Lina de Feria em “Poema para a mulher que fala sozinha no Parque de Calzada”.

7. Charo Guerra, em “Na ponte”.

8. Martha Luisa Hernández Cadenas, em “O Palácio das Ursulinas un siglo de sol después”.

9. Maylan Álvarez, em “Isso de dar à luz com dor…”

10. Nara Mansur, em “Botão de rosa”.

11. Nara Mansur, em “Reinventando pessoa e personagem”.

12. Teresa Fornaris, em “Te explicaria o crescimento...”.

13. Yenys Laura Prieto, em “À meia-noite abro uma janela”.

14. Zurelys López, em “Espaço interior”.

15. Original em español; COLOMÉ, Pura López. A la altura de sí mismo. In: Seamus Heaney. Obra reunida, México: Trilce Ediciones, 2015, p. 13.

16. Original em espanhol: “La tarea central de mi vida ha sido la escritura del poema”. BELLESI, Diana. Género y traducción. In: Diez poetas norteamericanas. Caracas: Ediciones Angria, 1995, p. 5.

Antes de encerrar, outro convite: assistam à interpretação que a diretora, arte-educadora e atriz de teatro do Rio de Janeiro Beth Araujo fez de algumas passagens de *Sem mordaça*. O link para o generoso trabalho ofertado a nós por Araujo é: https://www.ramalhochris.com/sem-morda%C3%A7a. Que esta primeira parte do terceiro convite tenha despertado sua curiosidade em relação à poesia contemporânea cubana de autoria feminina.

(Aracaju, 15 de maio de 2023)

PRESSÃO ALTA

20 X 11. Pressão alta. Susto, urgência, laudo: bem-vinda ao mundo dos/as hipertensos/as.

Parece uma notícia chata e corriqueira, mas alguém que, até então, nunca soube na pele o que é ter hipertensão, o ocorrido chegou como um marco – o corpo está cansando da correria – e trouxe uma questão: o que fazer daqui para frente?

Conviver pacificamente com a medicação diária seria a resposta mais imediata e, talvez, mais tranquila. Mas não sou realmente dada a imediatismos e aceitação passiva das coisas. Conviver com a medicação, ok. Mas, aceitar passivamente esse recado do meu próprio corpo não combina com minha natureza de semióloga (para que não sabe, a Semiologia é uma ciência que estuda a produção de sentido e eu, há anos, venho caminhando nessa trilha de buscar entender o como e o porquê de tudo aquilo que se fala, escreve, cria).

A busca pela compreensão do que "ser hipertensa" significa me faz mergulhar no oceano virtual das informações rápidas e, muitas vezes, não confiáveis. Mas, meu senso de responsabilidade me faz caminhar com certa segurança... No final das contas, o de sempre: a hipertensão, genética ou não, revela que é preciso reajustar os ponteiros da vida, para que o corpo continue firme em sua caminhada, sem risco iminente de tropeçar num AVC ou num infarto.

Nunca fumei nem gostei de bebidas alcoólicas. Então, esse cuidado não precisarei ter. Também não sou diabética e, pelo que

sei até agora, não tenho doenças cardíacas. Sou vegetariana e tenho hábitos alimentares elogiados por meu médico. Sendo assim, ficam em destaque o sedentarismo e o estresse.

Fazer exercícios é bom para qualquer pessoa do mundo. O problema se dá quando não temos muita paixão pelas categorias que entram no campo semântico de "fazer exercícios".

Frequentar academias – aeróbica, musculação, pilates, etc... – está fora de cogitação. Além de achar bem monótono, sou meio fresca para esse negócio de muitos suores misturados em aparelhos que precisamos frequentar. Até admiro quem tem essa disposição, esse gosto. Sei que é bom. Mas não para mim. Ioga é muito legal. Comecei a fazer e gostei. Contudo, parece que minha vida não combina com horários marcados, e sempre aparece algum impedimento para estar no local certo na hora exata.

Tentei dança contemporânea. Muito interessante, mas minha coordenação e meu equilíbrio não me permitem acompanhar o ritmo dos movimentos, e minha memória, que nunca foi lá das melhores, tem grande dificuldade em guardar o passo a passo.

Tentei jogar tênis. Nada feito. Mesmo problema da dança. Falta de coordenação. No final das contas, era preciso me levantar e abaixar trezentas vezes por minuto para pegar as bolas perdidas. Zero para mim.

Natação parece bacana. Fiz algumas vezes quando menina e adolescente na escola. Mas o ritual de banho, troca de roupas, roupas molhadas, cabelo molhado... não, não é para mim.

Lutas eu abomino. Até como categorias esportivas mesmo. Nem vou entrar no tema. O que é de gosto regala a vida, dizem.

Esportes com bola ficam de fora também por minha inaptidão. Correr não dá. Quando tentei, logo senti taquicardia. E dor nos joelhos. Fora.

No final, a velha e querida caminhada, que, aliás, retomei no mês passado. Avisei à dona Pressão que não estou mais sedentária. E também que preciso de um tempo para ganhar ritmo de modo a que o corpo se sinta revigorado. O cérebro, talvez, ainda envie mensagens de sedentarismo. Problema a caminho da solução. Mas há o estresse...

Como dizer não ao estresse nestes tempos de tanta correria e prazos vencidos, nos cobrando 24 horas por dia que façamos o que se espera de nós? O Whatsapp, o Instagram, o Facebook, as mensagens dos e-mails, os telefonemas, tudo GRITA conosco cotidianamente. E as mensagens vêm, na maioria das vezes, com as letras da urgência.

Da culpa por não enviar umas palavras virtuais aos amigos e às amigas que aniversariam (e cujos aniversários as redes sociais prontamente anunciam) ao constrangimento de não responder rapidamente a uma solicitação familiar ou profissional; da urgência constante de fazer alguma compra para casa à igualmente urgente necessidade de limpá-la; da preocupação com as contas a pagar à preocupação com o que virá pela frente em termos de despesas; dos prazos impossivelmente curtos para realizar tarefas como produzir, traduzir e revisar textos aos identicamente insuportáveis formulários que devem ser preenchidos pelas mais diferentes razões, tudo, absolutamente TUDO, é fonte de estresse. Como fugir dessas coisas sem ser irresponsável?

No entanto, a última pergunta merece uma pergunta também: irresponsável em relação a que ou a quem? Será que cabemos nessa pergunta? Não será também uma irresponsabilidade mergulharmos no caos do estresse para não fazer feio diante do mundo sem perceber o caos interno que causamos a nosso corpo?

20 X 11 pode ser uma resposta à última questão. Pelo menos no meu caso, tenho certeza de que sim. Então, há algo certo no universo dos sentidos. Dos meus sentidos. É chegada a hora do inventário. Hora de definir exatamente tudo o que significa "estresse" para mim. Feita a lista, o próximo passo será, de fato, abdicar da convivência com aquilo que apenas me prejudica. Obviamente, haverá coisas na tal lista que não poderão ser simplesmente "deletadas". Entretanto, há caminhos para tornar essas coisas menos estressantes. E é o que farei.

Tudo isso porque, simplesmente, a tal 20 X 11 realmente me abateu. E me abateu porque quero viver muito e ter saúde na velhice que começa logo ali. Logo ali mesmo: os 60 chegarão em 2024.

Finalizando, "Pressão alta" é uma crônica-alerta. Para mim e também de mim para vocês. Ou ouvimos os avisos que chegam ou serão necessários mensageiros/as para avisar ao mundo que não tivemos tempos para as mensagens que o corpo nos ofereceu.

Saúde!

(Aracaju, 22 de maio de 2023)

MOSAICO

Tomemos um mosaico qualquer como metáfora. Metáfora de quê? Primeiramente de nós mesmos/as como indivíduos.

Não há como sermos diferentes de um extenso, multicor e multiforme mosaico. São tantos os fragmentos de que somos feitos... São igualmente tantas as cores que temperam nossa existência e consagram as distintas imagens que as pessoas têm de nós...

Na maturidade, que estrutura complexa podemos apresentar! Um conjunto alegre ou triste, uma tonalidade viva ou pastel, desenhos de flores ou de espinhos, sensação estética de harmonia ou de desordem. Apolo, Dionísio, anjos e demônios.

Certamente sequer nós mesmos/as sabemos o valor do conjunto da obra. E, por isso, na maioria das vezes, não conseguimos fazer pequenos ajustes que bastariam para que chegássemos a uma beleza maior.

E assim vamos pela vida: mosaicos mutantes, caleidoscópicos, espargindo nossos fragmentos pelo tempo e pelo espaço. Entretanto, também do amor um mosaico pode ser metáfora. Não qualquer amor. Mas aquele que se desenha com intuição e trabalho semelhantes aos do/a artista.

Amor que se quer obra de arte. Amor sensível. Bom. Bem. Bem bom! Esse mosaico é mais complexo, porque reúne fragmentos de duas pessoas.

Não é mais um mosaico independente, cujos efeitos plásticos belos ou feios se restringem a um indivíduo. Os efeitos agora

são fruto da composição da mais simples e mais complexa força coletiva: a equipe de dois.

Dois seres em estado de amor e arte. A questão é: como compor um mosaico cuja beleza possa transcender espaço, tempo e, principalmente, a mediocridade que cerca, permeia e destrói o que poderia ser belo?

Não há resposta. Há os fragmentos, a eleição dos que serão compartilhados – que difícil pode ser doar os próprios fragmentos –, a argamassa com que se unem esses fragmentos, a sensibilidade para a composição e a energia para o trabalho.

Inicialmente, os fragmentos ainda estão soltos no mar da argamassa da segurança desejada. Não se vê bem o desenho que sairá dali. Pouco a pouco, porém, ficará cada vez mais evidente se o conjunto da obra segue em direção ao sucesso – ser arte – ou à falência – não ser nada, sequer mosaico.

O amor-mosaico pode, sim, ser uma obra de arte. Basta que sejamos artistas ao amar. Basta que façamos o exercício simples – é simples realmente.

O problema é a dificuldade que temos em aceitar a beleza da simplicidade... – de resgatarmos os melhores fragmentos que compõem nosso ser para doá-lo à composição amorosa. Porque, ao fazermos isso, não estamos apenas nos doando ao/à outro/a.

Estamos, talvez até mais, doando-nos a nós mesmos/as, porque optamos por fazer de nossa vida uma obra de arte. E buscar os melhores fragmentos não quer dizer trazer ao ateliê apenas os fragmentos de cor e forma divinas.

Ao contrário, muitas vezes será aquele fragmentozinho opaco e disforme que fará a diferença e imprimirá verdade ao que se construiu. Talvez, e digo talvez porque pouco sei a res-

peito desses mistérios, nossa maior e mais linda vocação na vida seja a arte.

Chego a pensar que se fôssemos todos/as artistas, cientes do esforço necessário para nos cercarmos de arte, as histórias de amor seriam muito diferentes. A vida humana seria muito diferente. O planeta seria outro. E um mosaico seria uma linda metáfora de Deus.

Ser artista. Dominar a arte do mosaico. Saber amar. Não são fórmulas, porque cada resultado terá feição diferente. Mas seguramente são formas. Formas delicadas, sensíveis e divinas de ser, para o outro e para si mesmo/a, um mosaico maravilhoso aos olhos da estética da felicidade.

(Aracaju, 29 de maio de 2023)

VOCÊ SABE O SIGNIFICADO DA PALAVRA “FOME”?

Este será um texto duro. Com palavras duras, secas como a fome. Ríspidas como a vida é para parte assustadoramente grande da população mundial. Certamente haverá certo estranhamento por parte de quem conhece meu jeito de escrever. Mas a leitura de *A fome*, livro do argentino Martín Caparrós (somada à total falta de vergonha que tomou conta dos três “poderes” brasileiros; à leitura de comentários de leitores/as alienados/as, preconceituosos/as e fascistas que tenho acompanhado todos os dias ao buscar entender o que não se pode entender; às notícias asquerosas sobre posturas fascistas e preconceituosas e o crescimento das direitas na Europa; aos acontecimentos cada vez mais violentos envolvendo misoginia, homofobia, xenofobia, racismo, intolerância religiosa, entre outras calamidades) tornou imprescindível o teor e a forma desta crônica, cujo objetivo é deixar 100% claro que ABOMINO discursos que trazem aquela ignorância própria de quem teve muitos privilégios na vida e mede o mundo a partir de seu próprio nariz, tratando a miséria como fato distante que merece, no máximo, umas fotos exóticas ou a participação em alguma campanha filantrópica que, obviamente, não envolva contato direto com a “feiúra da miséria”.

Simplesmente não suporto mais ouvir pessoas por quem tenho até amizade falarem atrocidades, defendendo mérito, competitividade, preocupando-se com a situação dos empresários, compartilhando ideias-bostas vindas de mentecaptos pro-

fissionais e etc., cujo discurso revela total ignorância acerca do sentido de “ser” humano.

Minha pergunta inicial é: você realmente sabe o que é MERITOCRACIA? Vou torcer para que não saiba. Sua ignorância doerá menos que a certeza de que você, de fato, sabe o que significa e, ainda assim, não consegue acessar o “outro” como um “ser humano”, tão digno de viver em paz como você, independente da “medida” dos méritos de cada um. Em artigo postado na internet, com título “Meritocracia”, Camila Betoni (fácil de acessar via google) explica: “A meritocracia é um modelo de distribuição de recursos, prêmios ou vantagens, cujo critério único a ser considerado é o desempenho e as aptidões individuais de cada pessoa”.

Como uma das ideias que fundamenta moralmente o liberalismo, a meritocracia é um princípio essencial de justiça nas sociedades ocidentais modernas. A partir dessa ideia é que se justifica e se legitima a forma como os recursos estão distribuídos na sociedade. Segundo essa tese, a mobilidade social deve ser um resultado exclusivo dos esforços individuais através da qualificação e do trabalho”. E ela ainda completa, se referindo a colocações do filósofo americano John Rawls (leia!): “Para Rawls, uma meritocracia justa passaria pelo investimento público em educação de qualidade para todos e programas assistenciais para os setores mais pobres – isso é, tudo o que for necessário para que o ponto de partida da corrida fosse o mesmo, independentemente da classe ou situação familiar dos corredores”.

Apenas dois parágrafos explicam absolutamente TUDO! Mas, ainda assim, há quem permaneça no seu “altar de ignorância” e acredite que “um pobre pode sim ascender socialmente, porque o filho da minha empregada se formou na universidade. Eu ajudei a família” ou “Ué, não viu a menina da favela que conseguiu ótimo

resultado no ENEM? 'Eles' conseguem sim! É SÓ se esforçarem!" ou "Tem que ensinar a pescar!" (PQP, esse discurso, então, é de matar qualquer pessoa! Eita chavão mais ridículo!) ou "Esse negócio de Bolsa Família" só faz as pessoas serem mais acomodadas e vagabundas... Eu conheço um caso..." ou "Está com AIDS? Pois é! Esse negócio de homossexualismo leva a isso. Promiscuidade pura!" ou "Sou contra políticas assistencialistas! Essas 'pessoas' têm é que aprender a trabalhar duro!" ou qualquer outro tipo de afirmação por trás da qual se percebe claramente que o/a emissor/a nunca chupou um fiofó de boi (e aqui faço alusão a imagens veiculadas na Internet que, supostamente, mostram crianças fazendo exatamente isso!!! E ainda aparece "gente" dizendo: "Ah, isso é cultural!").

Ajudar quem trabalha, domesticamente, para nós é muito bonito. Eu já ajudei. Hoje ninguém mais trabalha em minha casa, porque eu cheguei à conclusão de que não tenho dinheiro para pagar como deveria à pessoa que limparia a privada que eu e minha família usamos! Porque, para mim, esse trabalho, de limpar nossa privada, nosso chão, nossa casa, nossos animais, fazer nossa comida, etc. e tal, deveria ser pago com MUITO dinheiro! Como não temos, fazemos o que é certo: fazemos nós o trabalho doméstico! Mas, se eu hoje tivesse a necessidade que já tive antes (por ser sozinha, com 60 horas/aula de trabalho por semana e duas filhas para criar), provavelmente eu teria alguém, pagando pouco por isso, e tentaria compensar ajudando no que pudesse.

Beleza! Mas isso não pode ser parâmetro para eu acreditar que "Eles podem! Basta que se esforcem!". A não ser que meus olhos e meu coração estejam fechados para a realidade lá fora do meu reino de fartura e privilégios!

A fome no mundo é um TREMENDO HORROR!!!! A injustiça social aniquila a vida de milhões de crianças! Enquanto

isso, empresas querem mais e mais lucros, bancos praticam juros que aniquilam famílias, políticos corrompem os votos que receberam, e você se satisfaz com os "frutos" que colhe "por mérito próprio"! Pessoa de valor você! Você julga que o "filho de sua empregada" tem méritos e que, por isso, entrou numa universidade. O que ele teve, em primeiro lugar, deve ter sido sorte! Sorte de quê? De ter tido amor, caramba!!!!! Inclusive (talvez), o seu! Ou, ao menos, sua piedade vaidosa!

Você já pensou no que significa nascer no meio da violência? Ter uma família envolvida no crime? Ser, desde pequenino/a responsável pelos irmãos e irmãs menores, porque a mãe tem que sair e precisa deixar todos trancados na casa precária até que volte no fim do dia? Já pensou no que é viver numa casa em que ratazanas circulam pelos colchões e pelos armários? Já pensou no impacto de ter nascido num local geograficamente marcado pela miséria, como as regiões de grandes secas, grande frio, grandes inundações, grandes terremotos?

Já pensou no significado de levar toda uma vida enfrentando olhares que o/a condenam previamente porque você se "veste mal", "cheira mal", não é branco/a, não é heterossexual? Já pensou que, depois de ser preso uma vez que seja, um sujeito que cometeu um crime (mesmo o mais pequenino deles) provavelmente pouca oportunidade terá de se reinserir no convívio social, porque no presídio foi sodomizado, explorado, humilhado, obrigado a conviver diariamente com criminosos muito mais perversos?

Já pensou no que deve ser a vida de uma criança que foi violentada pelo próprio pai ou por parente próximo? Já pensou em como vive uma mulher que é espancada pelo marido todos os dias? Já pensou no que é não ter direito à "depressão", porque mal

psicológico está vetado a quem nasceu sem dinheiro para cuidar dessas enfermidades? Pensou? Pensou mesmo?

Acho que não. Porque, se tivesse pensando, calaria de vez a boca em vez de defender o "mérito" que as pessoas têm para chegar ao "sucesso"! Sucesso? O que é sucesso, Meu Deus? A porcaria do dinheiro? A droga do seu carro? Da sua viagem? Das suas propriedades? Do seu nome em revistas ou jornais? Do seu título? De suas cirurgias plásticas? Das suas joias? Da sua juventude eterna e mais falsa que cópia de "produtos de grife"? De suas "Roupas de marca"? É isso que é sucesso? Esqueceu que vai acabar em pó exatamente como o fedorento do pedinte que enche seu saco na saída do metrô?

Você fala em mérito, né? Então por que quer deixar herança para seus filhos e suas filhas? Não crê que eles e elas possam ter, sozinhos/as, o "mérito" de alcançar esse sucesso medíocre no qual você acredita? Ou você precisa deixar herança para que eles e elas acreditem que o pai e a mãe foram "pessoas de sucesso"?

Você teve amor quando criança? Você teve uma família atenciosa? Você teve acesso a boas escolas? Você teve uma cama limpa para dormir? Teve hábitos ao menos satisfatórios de alimentação e higiene? Teve médicos quando precisou? Conseguiu realizar alguns sonhos? Fez alguns passeios ou viagens prazerosos? Gozou de férias? Teve influências culturalmente sólidas para formar seu gosto musical, literário, cinematográfico? Teve tudo isso ou pelo menos um pouco de tudo isso? Ótimo! Maravilhoso! Seja grato/a!!! Mas não se esqueça de quem não teve.

Não julgue o "mérito" do que não conhece. Deixe esse egoísmo, esse materialismo e essa futilidade de lado e olhe para quem anda chupando fiofó de boi de tanto desespero!! Não use como pretexto para justificar seu "mérito" as poucas dores que

teve, porque, desculpe-me por informar, suas dores não foram nada, por exemplo, perto das dores dos meninos e das meninas do Níger que Caparrós conheceu. E cito o Nìger como exemplo apenas. Poderia citar muitos lugares aqui mesmo no Brasil, claro! Leia!! Informe-se!! Saia do seu confortável casulo de soberba e ignorância. Entenda que enquanto nós não cuidarmos dessa gente que sofre as piores calamidades (seja por que motivo for! Pare de explicar o inexplicável jogando a culpa na história!) não haverá saída para o mundo.

Seus prêmios, suas medalhas, seus títulos, seus bens, sua beleza, tudo isso é mais nojento que a que sai do fiofó do boi, porque esta, ao menos, é natural. A sua é fruto do artifício de uma sociedade feita para destruir o sentido do humano. Uma sociedade que se encaminha para uma grande explosão.

A violência aumenta a cada dia na mesma proporção em que aumenta a desigualdade. E você contribui com seu discurso elitista. Você xinga quem ganha ajuda de "vagabundo/a". Você quer que os criminosos morram, mas sequer pensa na possibilidade de um real sistema de recuperação social dessas pessoas.

Em lugar disso, adote uma criança, tente encontrar uma maneira de dar dignidade ao pedinte lá do metrô, pare de consumir as idiotices que você consome, leia, se informe PROFUNDAMENTE sobre o que é a vida além do seu mundo maravilhoso. Garanto que doerá muito. Dói demais. Dói, porque o que você verá será um espelho revelador que lhe mostrará a face horrenda de seus valores neoliberais, sustentados e arraigados na merda do dinheiro. Como cita Caparrós: "... a frase mais clássica do liberalismo triunfante em seu melhor meio de comunicação, 'The Economist': 'Apesar de dois séculos de crescimento econômico, mais de um bilhão de pessoas continuam na extrema pobreza'.

Todo o peso está no apesar: para insistir que a economia desses dois séculos não é a causa dessa extrema pobreza" (A fome, Bertrand Brasil, 2016, p.499). Pois a verdade (ela existe!) é que SIM, A CULPA É DESTE SISTEMA ECONÔMICO! A culpa é sua quando você ambiciona ter e ter e ter e ter mais e sempre, e, quando olha para o lado, sequer nota que o outro NUNCA poderá ter o "mérito" que você tem, porque esse outro é um miserável sem chance alguma parecida com as que você teve.

Para comer, esse "outro" que jamais coube "em você", cata no lixo, mendiga nas ruas, vende a infância para o tráfico de drogas, desiste da honestidade para entrar no mercado do "ter", rouba seu Iphone, mete-se com máfias, aceita ser laranja, veste, talvez de forma irreversível, a pele da pior das violências: a perda da sensibilidade humana.

E quando não sofre com a pobreza material, tem a vida ceifada porque tem a cor dos que foram escravizados pelo expansionismo europeu, pelos dominadores orientais, e por toda essa "gente" que se acha parâmetro de qualidade, mas não se importa que suas "grandes empresas" explorem miseráveis mundo afora (leia a matéria "6 MULTINACIONAIS ENVOLVIDAS COM TRABALHO ESCRAVO E EXPLORAÇÃO INFANTIL". Fácil de acessar via google. Veja como Zara, Coca-Cola, Philip Morris, Hershey's, Forever 21 e a Kye, fornecedora de empresas como Microsoft, HP e XBox, estão metidas até "os ossos" em denúncias de trabalho escravo!).

É fácil ser "primeiro mundo" às custas dos miseráveis Que você desfrute ao máximo de sua "meritocracia"! Eu me retiro, doída demais com as imagens de crianças famintas, que eu queria salvar, mas não posso. Retiro-me para dentro do mais fundo de minha alma em busca do que farei este ano para ser melhor

do que fui antes, para tentar simplesmente ajudar quem precisa, sem buscar o “reconhecimento de mérito”, sem fazer propaganda, nem me achar melhor do que realmente sou. A única coisa que eu desejo é me sentir digna de ser chamada de “humana”.

(Aracaju, 5 de junho de 2023)

DISCURSO DE AGRADECIMENTO OU O DESFILE DA ESCOLA DE SAMBA E DE FORRÓ TUIUTI SERGIPANA

Nesta segunda, 19/06, trago a vocês um texto que escrevi para ler em um momento muito especial de minha vida: o dia 23 de abril de 2018, quando recebi, na ALESE, pelas mãos da então deputada Ana Lúcia, o título de "Cidadã Sergipana".

Eu já havia tido outra honra, receber o título de "cidadã aracajuana", em 2018, daquela vez pelas mãos da então vereadora Lucimara Passos. E pretendo também trazer para cá o texto escrito para aquela ocasião.

Hoje, por conta dos festejos juninos, achei que valeria a pena resgatar o "Discurso de agradecimento ou "O desfile da escola de samba e de forró Tuiuti Sergipana", visto que, nele, misturo minha carioca paixão pelo samba e minha sergipana e nordestina paixão pelo forró. De outro lado, um texto de 2018, escrito no contexto político complexo que vivíamos, e que tomava como ponto de partida o impactante desfile que a escola de samba Paraíso do Tuiuti, do bairro chamado São Cristóvão, realizou no Rio de Janeiro, demonstra claramente coerência entre as coisas que escrevo hoje e tudo o que há bastante tempo mexe com minha sensibilidade e minha veia crítica. Eis o texto:

"Boa tarde a todos e a todas. Saudações às pessoas que compõem a mesa, em especial à Deputada Ana Lúcia, sem a qual esta cerimônia não estaria acontecendo, e a Cristyano Aires Machado,

com quem divido, com felicidade, este momento. A Elder Muniz, assessor da Deputada Ana Lula; e à Laura, cerimonialista da ALESE, minha gratidão por materializarem este dia. A meu pai, Amauri, e a minha filha, Isadora; a meu irmão de fé, Carlos Alexandre; a escritora cabo-verdiana e amiga Dina Salústio aqui presente; a meus amigos e a minhas amigas, entre os quais e as quais incluo os companheiros e as companheiras de luta aqui presentes, meu muito obrigada por terem vindo. A você, Ítalo, meu Moreno mais que marido, sorte grande da minha vida, a alegria de falar por mim, sabendo que falo por nós dois.

Inicio meu discurso de agradecimento pelo título de cidadã sergipana, recordando que, no dia 4 de agosto de 2016, eu tive a honra de receber das mãos da então vereadora pelo PCdoB, Lucimara Passos, o título de cidadã aracajuana. Naquela ocasião, em meu discurso, apresentei um texto metafórico intitulado "Discurso de agradecimento ou Canção da casa própria", no qual explorava a imagem da casa, para falar sobre os profundos e mais verdadeiros sentidos que a expressão "casa própria" poderia ter, se tivéssemos sensibilidade para pensar além da materialidade das coisas. Foi uma emoção imensa receber, das mãos da guerreira Lucimara Passos, as chaves de uma "casa própria" chamada Aracaju. Hoje, dia 23 de abril de 2018, aqui na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, eu venho receber, das mãos de outra enorme guerreira, a admirável Deputada Ana Lula, do nosso PT, novas chaves. As de uma "casa própria" chamada Sergipe. Sinto-me, assim, devidamente autorizada a falar como uma carioca sergipaníssima e a colocar na avenida desta Assembleia um desfile de palavras, organizado em quatro alegorias, que mesclam o samba em que fui moldada, o forró que se aderiu às paredes do meu ser e o grito militante, escrito em língua indígena, meu grito-tuiuti, palavra-pássaro, com pressa, com urgência de dizer.

Antes do desfile das alegorias, recordo, ainda, que naquela ocasião, o que, em síntese, eu quis ressaltar é que, no final das contas, a única casa própria que temos é a nossa consciência. Ser uma casa personalíssima e de beleza única ou ser apenas escombros pode não se tratar de uma questão de escolha para representativa parcela da população brasileira, cuja vida, beirando ou mergulhada na miséria, muitas vezes sequer permite uma opção de escolha sobre a casa que se quer ser. E, ainda assim, quantas casas belíssimas são por essa parcela construídas, sem fundações, sem paredes, sem teto, sem chão, mas apenas com a argamassa da força de existir apesar de todas as perversidades de uma sociedade injusta, desigual e, por isso, violenta. Nós, no entanto, que estamos aqui, somos, sem dúvida, pessoas a quem foi dada a chance de escolher que casa construir. Logo, o desfile tuiuti-sergipano que entra nesta avenida é, em primeiro lugar, destinado a vocês, que sei que poderão entender os múltiplos sons da bateria e as plurais imagens das imaginárias alegorias.

Minha Tuiuti Sergipana, cabe dizer, tem todas as cores. É feminina, masculina, plural. No estandarte, a figura imponente de São Jorge, o Oxóssi baiano, o Ogum afro-brasileiro, que a cada tortura fazia maior sua fé. Sigo agora narrando o desfile, que a imaginação de vocês materializará.

Entra na avenida o abre-alas da Tuiuti Sergipana. É um carro enorme, que apresenta um chafariz gigantesco, do qual jorram águas de palavras vermelhas. Palavras vermelhas como o sangue indígena e como o sangue africano de uma história que já começou ditada pela lei do mais forte, pela lei da ganância, pelo uso abominável do nome de Deus e do nome de Jesus, como falsas senhas para garantir o direito de matar.

O chafariz horrendo lança perguntas vermelhas no ar: "Você sabia que hoje, em 2018, a cada minutos, 20 pessoas morrem de

fome no mundo?"; "Você realmente sabe o que é sentir fome?"; "Você consegue viver feliz mesmo com tanta gente morrendo de fome?"; "Você conhece, de verdade, a realidade dos moradores e das moradoras de rua?"; "Você já fez suas necessidades numa calçada?"; "Você já comeu restos catados do lixo?"; "Você já foi preso ou presa por roubar galinhas?"; "Você já foi torturado ou torturada por defender a verdade?"; "Você já tentou se colocar na pele de quem sofre uma violência sexual?". O chafariz magnífico passa, espargindo perguntas vermelhas, que molham as faces do público. E naquele momento mágico, o sangue que escorre é um só, porque todos e todas sofrem a mesma dor. E porque todos e todas sofrem a mesma dor, o vermelho se converte em amor.

Vem o segundo carro. É o Carro das Sete Mulheres. Todas também magníficas, trajando os signos de seus enfrentamentos. Na arquitetura criativa do carnaval-forró, elas se movimentam, interagindo com o público. Estão em círculo. Um círculo que gira, permitindo que todos e todas as vejam e com elas e a partir delas ouçam em tom ainda mais alto a canção que embala a desfile. Marielle Franco está vestida com o tecido do povo das comunidades pobres cariocas. Exuberante e altiva, porta na mão esquerda a lança de São Jorge e, na mão direita, uma estatueta quebrada da Justiça. Em seus olhos, a lágrima pesada que prevê os tiros. Em seu sorriso, a seiva da Mãe Terra, que se eterniza no povo. A seu lado, a quilombola Dandara, companheira de Zumbi, surge cercada de crianças negras, brancas, vermelhas e amarelas, que se agarram às suas pernas, com medo de serem crianças.

Surge, então, com o papagaio no ombro, Dona Zefa da Guia, estendendo as mãos às crianças de Dandara, como a lhes dizer que a luta é, sim, capaz de vencer o medo. Mais uma figura se revela, no girar do círculo maravilhoso. É Dilma Rousseff, poderosa, com

o braço direito estendido para cima e o punho fechado a gritar, por ela, o grito de quem não sucumbiu à corja da traição. Mais presidente que nunca, assiste à vergonha de quem finge não ter feito parte da corja. Ao lado de Dilma, Olga Benário, segurando nos braços a filha que o nazismo lhe roubou apoiado pela covardia brasileira. A seus pés, a serpente do fascismo jaz morta. Sexta figura do círculo, Lucimara Passos está vestida com o tecido das mulheres combativas, que vencem a violência dos homens e ainda têm força para cuidar da gente sofrida, passando por cima de suas dores, porque as sabe menores que as de muitíssimas pessoas. Fechando o círculo, a Deputada Ana Lula, símbolo da militância corajosa, acena a seu povo um adeus carregado de lições (e emoções), ciente de ser modelo para outras mulheres que terão nas mãos a missão de perpetuar os amarelos dos setembros, os brancos dos janeiros e a alimentação de todos os dias.

De repente, em típico efeito da criatividade carnavalesca, o círculo começa a girar velozmente. No ar, fruto das mãos dessas mulheres, que se irmanam em nome da igualdade, da justiça e da liberdade humana, irrompe um botão de rosa. Vermelho como as águas do chafariz, regado e alimentado pela força vermelha do amor.

A terceira alegoria não demora a surgir. É um imenso cacto. Um mandacaru solitário. Aparentemente solitário. A seu redor, o solo seco da caatinga. As pedras, o pó, a fumaça que resulta das pancadas agudas do sol. Mas, cumprindo a sina de ser alegoria espetacular, eis que as pedras se transformam. E o mandacaru se vê cercado de bancos, indústrias, fábricas, antenas de televisão e telefonia, rodovias, portos, aeroportos, carros, robôs, matéria que se multiplica sem cessar. Não há presença humana. Há coisas. Coisas ainda mais secas que o solo anterior.

Espremido pela força hercúlea da opressão material, o mandacaru começa a murchar, até que o botão de rosa da alegoria anterior se abre e faz jorrar sobre a terceira alegoria as palavras vermelhas que lhe haviam nutrido. Ao toque dessas palavras, águas com poder de transformação, o mandacaru volta a inchar e de seus espinhos brotam milhares de nordestinos e de nordestinas que invadem a cidade cinza para nela plantarem o humano, a cor, a beleza, a natureza, os animais, a amizade e a simplicidade. Em pouco tempo, a alegoria é outra. O mandacaru florido sorri no meio da cidade colorida, onde circula o sangue do sonho que se realizou.

Fechando o desfile, uma alegoria rara. Apenas uma imensa folha de papel em branco flutuando no ar. No entanto, sua forma branca, silenciosa e cheia do mistério que o silêncio tem, só se apresenta assim para quem a vê de longe. Observem. Usem a imaginação. Assim que ela passa diante de seus olhos, palavras são ali escritas. Palavras que são o registro dos pensamentos e dos desejos de vocês. Não posso ler tudo o que está escrito. Mas posso confiar que, como seres que querem ser casas próprias dignas do nome de humanas, vocês estão escrevendo palavras de luta, de coragem, de compaixão, de justiça, de determinação. Neste papel, neste desfile, está sendo escrito nosso Sergipe, está sendo escrita nossa nação. Porque somos, todos e todas, autores e autoras deste samba-forró. Somos os tuiutis que voam pelas ruas do campo e da cidade. Somos. Mesmo que ainda não saibamos. Mesmo que tenhamos que sangrar todos os sangues de todas as dores até aprendermos. Mesmo que tenhamos que ser mil vezes público até entendermos que o palco da vida só acontece quando decidimos atuar nela e por ela. Por nós, pelos outros e pelas outras, porque tudo, na verdade, é uma casa só: a infinita consciência do planeta, que estamos violentando com nossa cruel passividade.

Um momento. Eis que a última alegoria passa por meus olhos. Ah, realmente, a folha não está em branco. Meus pensamentos e meu sentimentos estão desenhando as letras com que, agora, me despedirei. Meu ser, sergipanissimamente apaixonado pela nordestinidade de existir aqui e agora; meu ser, que quer ser consciência aguda em prol da dignidade, da igualdade, da justiça e da liberdade, escreve com letras vermelhas, verdes, azuis e amarelas: 'Lula livre'. Obrigada."

Eis o que fui, eis o que sou. Cada vez mais apaixonada por esta cidade e por este estado. E cada vez mais certa de que é preciso emprestar minha voz às gentes que não têm sequer a capacidade de gritar, às pessoas que precisam de tuiutis fortes para ensinar que voos maiores são possíveis, como, aliás, foi forte e voou alto o atual presidente, que, quem diria, não só conseguiu a liberdade com voltou à Presidência da República.

(Aracaju, 19 de junho de 2023)

DISCURSO DE AGRADECIMENTO OU CANÇÃO DA CASA PRÓPRIA

Como, na semana passado, disse que faria, apresento agora o discurso que li, em 2016, na ocasião em que recebi o título de "Cidadã Aracajuana", na Câmara de Vereadores da cidade. Com este texto, reverencio, tal como fiz com o anterior, minha gratidão por viver aqui em Sergipe.

"Boa tarde a todos e a todas. Antes dos cumprimentos, uma metáfora e algumas perguntas. A metáfora: nosso ser é uma casa. Já pararam para pensar que cada um/a de nós é uma casa personalíssima e de beleza única? O corpo da casa é feito de paredes, portas, janelas, telhado, cômodos. Cabeça, tronco e membros. A alma da casa é feita da energia e da água que tornam possível habitar essa casa e do espírito que a torna viva. Sendo assim, outras perguntas: como é a casa de que cada um ou cada uma de vocês é feito/a? Que argamassa une os tijolos da casa de vocês? A do amor? Há flores nas janelas? Está singelamente caiada, branquinha, delicada? Ou anda acumulando acessórios decorativos? Vocês frequentam seus próprios cômodos? Cuidam dessa casa? Já precisaram derrubá-la para erguer outra?

Além disso, uma casa tem endereço. Em que lugar está a casa de vocês? Na cidade, no campo, na fronteira entre ambos? Aqui, ali, acolá? Ou a casa de vocês nunca está no endereço que gostariam? Ou a casa de vocês tem rodas e circula pelo mundo? Ou a casa de vocês anda precisando de uma boa reforma para ser uma casa de

verdade? A vida, vivida em plenitude, requer isso: muitas perguntas e muita busca por respostas, mesmo quando sabemos que podemos não chegar a encontrar todas.

Obviamente, a casa abstrata que nos representa é apenas uma palavra inventada. Mas que poder de provocar reflexões a palavra inventada tem! Continuarei, por isso, a brincar com a palavra inventada... Além de metáfora do ser humano como indivíduo, a casa também pode ser metáfora de uma coletividade. Exemplo disso é esta casa onde estamos. E, agora sim, entrando nos cumprimentos, sem perder a metáfora da casa, agradeço a presença de quem aqui está, predisposto ou predisposta a compartilhar comigo a alegria da casa própria.

Obrigada, vereadora Lucimara Passos, casa feita tanto da argamassa da luta política como da argamassa das mulheres guerreiras, por ser a portadora das chaves que vim buscar. Obrigada a todas as autoridades presentes. A meus pais, Amauri e Bernardete, a minhas filhas, Gabriela e Isadora, e a meu genro, Vitor, por estarem comigo hoje e sempre, e serem também hoje casas aracajuanas. A meu irmão de coração, Carlos Alexandre, referência maior de Sergipe em mim. Vocês são meu chão. Obrigada a todos os meus amigos e a todas as minhas amigas que tiveram a generosidade de me dedicar seu tempo, sua casa, para estarem aqui. Vocês são meu telhado. Obrigada a quem, em seu trabalho cotidiano, possibilita que vida aconteça nesta Câmara, como você, José Lupércio Santos, casa cuja luz individual tem o poder de iluminar a cidade e além. Obrigada também a quem não veio, mas que me manda luz amorosa, que é outro tipo de energia fundamental para a casa de nosso ser. Obrigada, Ítalo, amor meu, por ter acompanhado a gestação deste discurso, sempre esperando beleza de mim e me fazendo, por isso, buscá-la.

Hoje, dia 4 de agosto de 2016, aqui na Câmara Municipal de Aracaju, que tem como presidente o vereador Vinicius Porto Menezes, eu tenho a oportunidade rara de celebrar a conquista oficial da casa própria. Não a casa individual, que se compõe, como eu disse antes, de fundações, paredes, telhado, portas, janelas, cômodos, energia, água e espírito próprio, mas uma casa feita de rios e mar, de mangue e sol, de praças e parques, de caranguejos e tartarugas, de cajueiros reais e simbólicos, de uma orla onde o sol vai se esconder ao som da sanfona, de mercados, feiras, teatros, cordel, forró, bicicletas. Uma casa feita, acima de tudo, de uma gente amável, tímida, delicada e arretada quando precisa ser. Não uma casa com prestações e desejo de escritura definitiva, mas uma casa que é propriedade de quem sabe o sentido de "pertencer".

Minha casa própria se chama Aracaju. Esta cidade, que em 2012 se tornou parte de mim, é a casa que escolhi para morar. Casa coletiva que passei a misturar com minha casa individual, casa que me fez esquecer das rodas e estacionar meu afeto. Casa que me tornou uma carioca-aracajuana, uma sergipana, por um tipo de amor que faz com que nos reinventemos, ampliando nossa identidade.

A "casa própria" é, para a grande maioria dos brasileiros e das brasileiras, um sonho, uma meta na vida. Não tenho essa meta no plano denotativo. Mas essa é uma questão pessoal que importa pouco. A única casa própria individual que busco ter é a que me permite ser, de fato, uma casa viva, cada vez mais simplesmente ornada, com flores na janela, sim, porque minha casa quer ser alegre e acolhedora, e com a dignidade da energia, da água e do espírito circulando por ela harmonicamente.

Conotativamente falando, portanto, busco conquistar dia a dia o direito não de ter, mas de ser uma casa própria. E hoje recebo um presente. Minha casa própria é aracajuana. E receber as "cha-

ves" da mulher guerreira que é a vereadora Lucimara Passos faz o ritual simbólico ser completo. Porque nós duas, Lucimara, somos vermelhas como o sangue do povo. Somos gente que abraça gente e não o dinheiro, o status, o poder. Somos mulheres com histórias duras, com enfrentamentos sérios e disposição para sermos casas do bem.

No dia primeiro de janeiro de 2012, Lucimara iniciou suas atividades como vereadora na Câmara Municipal de Aracaju. E, certamente, para ela, esta casa passou a ser parte de seu ser. Essa casamulher, formada em Ciência Contábeis, e que reúne experiências como ter sido Chefe de Gabinete do vice-prefeito Edvaldo Nogueira (2001-2006), Secretária de Articulação Política e Assuntos Institucionais, Presidente da Fundação Municipal de Cultura e Turismo, a FUNCAJU (de 2006 a 2008), Secretária de Governo da Prefeitura Municipal de Aracaju em 2008 e presidente da Empresa Municipal de Serviços Urbanos, EMSURB, de 2009 a 2012, escolheu em 1995, o PC do B como chão para sua atuação político-social. E, desde então, vem abraçando, com firmeza e coragem, causas que demonstram a matéria de qualidade de que é feita como pessoa. Sua casa-mulher e a minha, Lucimara, têm histórias que se assemelham em muitas coisas. E se você me dá as chaves, eu lhe dou minha casa e minha amizade. Obrigada por ter sido você a responsável por essa escritura metafórica que assenta minha casa individual nesta cidade feita de rio e mar.

Casa própria aracajuana. Meu ser nordestino, sergipano e aracajuano simbolicamente materializado no papel. No coração, é claro, esse ser já estava inscrito e escrito. Mas olhar para esse papel tem, sim, um sabor de festa. Eu, que caminho pelas areias da Atalaia e da Aruana, sempre conversando com Apolo, que brilha constantemente no céu azul desta cidade, incorporei sem pestanejar, araras

e cajus à minha casa-Christina. Minha casa-Christina é também um cajueiro dos papagaios. Esta cidade, que começou como um distrito batizado pela lei provincial nº 473, de 28 de março de 1837, e que passou à categoria de município e capital do estado de Sergipe, a partir da lei provincial nº 473, de 17 de março de 1855, é uma casa-xadrez, planejada para ser casa-capital muito tempo antes de se pensar em uma casa-capital como Brasília. Abençoada por Nossa senhora da Conceição, esta casa-Aju me ofereceu, desde a vinda para o concurso para professor de Literatura da Universidade Federal de Sergipe, as bênçãos de Nossa Senhora, tão lindamente representada pelo Aeroporto Santa Maria.

Muitos e muitas aqui presentes já sabem que, dentro do avião, vindo para cá, eu pedi a Nossa Senhora das Graças que me desse um sinal sobre a sorte que eu teria no concurso que poderia me trazer de volta à vida acadêmica e, por que não dizer, à vida em si. A resposta veio quase que imediatamente. Ao ouvir do piloto: "Em quinze minutos estaremos pousando no Aeroporto Santa Maria", eu soube que minha casa, cercada ainda de muitos escombros pelas demolições sofridas, se reerguería no chão nordestino deste nosso Brasil.

Um chão que eu havia conhecido em 2007, a partir de meu grande amigo Carlos Magno Santos Gomes, um piauiense-brasiliense, também professor da UFS, a quem devo o amor à primeira vista por Aracaju.

Depois de dois anos, de 2006 a 2008, vivendo em Natal, como professora da UFRN, uma certeza já havia se instalado na casa do meu ser: meu lugar, no Brasil, é o nordeste. Pensei que Natal seria o lugar onde eu aposentaria as rodas de minha casa-mutante. Mas outros chamados vieram, e Natal ficou como uma joia incrustada na sala do meu ser, referência viva e permanente. Os desígnios de Deus eram, contudo, outros.

Na verdade, outra. Outra cidade, outra universidade, outra capital nordestina. Esta Aju. Aqui definitivamente aprendi que a melhor casa é a que se reinventa constantemente para acolher o próximo. É a casa que não tem trancas, muros, cercas, porque tem amor pelo ser humano. Em Aracaju, busco dia a dia o melhor de mim, porque aqui eu recebo o alimento do sol, do mar, dos rios Sergipe e Vaza-Barris, do Parque dos Cajueiros, do Parque da Sementeira, do Parque da Cidade, do Museu da Gente Sergipana, da orla encantadora, caminho iluminado de meu cotidiano, da Orla do Pôr-do-Sol, com suas croas, do Oceanário, dos mercados, e, principalmente, o alimento dos e das já incontáveis amigos e amigas que aqui fiz e que aqui homenageio, metonimicamente já que não poderia citar todas as pessoas que conquistaram meu afeto e minha admiração, na figura do cearense-sergipano Domingos Pascoal, casa que deve servir de parâmetro para qualquer pessoa que deseje aprender o sentido de ser para o outro. O abraço que minha casa--Christina lhe dá, Pascoal, se estende a todas as pessoas que Sergipe me trouxe: alunos e alunas (na verdade, meus amigos e minhas amigas) dos campi de Itabaiana e de São Cristóvão, companheiros e companheiras da UFS, meus amados e minhas amadas do sertão sergipano, onde também tenho uma casa simbólica, escritores e escritoras, frentistas, atendentes, comerciantes e comerciários, balconistas, vendedores e vendedoras, porteiros e porteiras, faxineiros e faxineiras, pedintes.

Minha casa-Christina nunca será um castelo empoleirado e ensimesmado no alto de uma montanha. Eu preciso ser casa-de-vila, porque a companhia das casas alheias faz parte do próprio espírito da minha casa. Aracaju me fez, ainda, aposentar a camisa rubro-negra e abraçar a energia gigante, proletária e azul do Dragão. E a Associação Desportiva Confiança, fundada, como não poderia

deixar de ser, num primeiro de maio, especificamente em 1936, fez o futebol voltar à minha casa-Christina, na forma de uma 'Confiança' que prescinde do futebol midiático para viver o futebol da paixão terna dos pequenos.

Pequena é a casa onde mora a beleza autêntica. E essa é outra lição que Aracaju, sendo Sergipe, o menor estado desta terra gigante, me ensina: do pequeno gesto de amor que abre a porta da casa de nosso ser para o ser do outro nasce a grandeza da divindade em nós. Mereço essa escritura metafórica? Não sei. Nem tentarei responder a essa pergunta, enumerando ações que, na prática, possam ter legitimado a existência desse papel, já que, afinal, estamos numa casa legislativa. "Fazer o bem sem olhar a quem" é uma máxima popular muito bonita. E eu gosto de seguir máximas populares cujo sentido eu respeito. E como aquariana legítima, olho muito pouco para trás, porque o que foi importante está sempre diante de mim. O que eu quero é que essa casa própria aracajuana me inspire a ser uma casa-Christina melhor.

Quero ser, enfim, uma casa-aracajuana navegante. Espelhar-me em Zé Peixe, o José Martins Ribeiro Nunes, grande figura mítica desta cidade, e ser a nadadora que ladeia e orienta quem precisa. E desses nados, que reciprocamente também me orientam, extrair mais e mais lições para que minha casa seja digna não apenas do papel-escritura dessa casa própria que recebi, mas da qualidade de ser uma casa-humana, simples, singela, caiada de branco, com flores na janela e amor pela humanidade no seu interior.

Obrigada pela paciência de ouvirem minha casa-Christina falar. Obrigada, à Câmara Municipal de Aracaju pela minha casa própria simbólica. E obrigada a todos os vereadores e a todas as vereadoras que, lutando contra as agressões à democracia e a sordidez de quem nunca deveria estar na política, e investindo na bus-

ca pela igualdade social e de direitos, trabalham pelo título de casa do povo que esta casa deve ter. Que esta casa deve ser, porque são os "pequenos" de Aracaju os maiores merecedores da dignidade de serem uma casa, em que fundações, paredes, telhado, portas, janelas, cômodos, energia, água e espírito próprio existam, sejam reais, não metafóricos. É por essa gente, pequena e enorme, que minha casa-Christina-aracajuana-nordestina-brasileira vive. Aracaju, 4 de agosto de 2016".

(Aracaju, 26 de junho de 2023)

COISAS DA POESIA

Aproveitando a falta de sono – decorrente do fuso horário diferente –, seguem umas palavras, especialmente destinadas aos/às jovens poetas que tenho conhecido e que me perguntam coisas sobre a poesia.

Vou mostrar um poema que eu fiz e, a partir dele, vou falar sobre os motivos de um poema, mesmo tendo certo encanto pela temática ou pela harmonia de algumas imagens, não chega a tocar a "poesia" tal como hoje ela acontece. E aqui o primeiro registro importante: um/a poeta sempre fala a linguagem de seu tempo ou, quando genial, dos tempos vindouros.

O anacronismo, ou seja, o uso de formas ou visão de mundo já superados, geralmente compromete esse vínculo do poema com seu tempo, a não ser que seja um anacronismo criativamente incorporado e transgredido.

Bem, vejamos o poema, que faz uso da redondilha maior e de alguma estrutura rítmica. Dei a ele o título de "Tudo é pouco". O importante é ler os comentários que faço depois.

Tudo é pouco

Às vezes o que somos
à sede do outro não basta.
É preciso sermos dois,
três, mil, nos multiplicarmos,
e, ainda assim, tudo é pouco.

Fica o desejo de mais
no outro, e em nós o afã
de mergulharmos de novo
na roda louca e sem fim
que elide o eu e o mim.
Nem os tantos beijos doces,
nem as mãos de dedos longos,
nem os pássaros que cantam
em nossos versos de amor,
nada mata a feroz sede.
Tudo é pouco, tudo é pouco.
E nós, presos nessa rede,
nos perdemos do que fomos.
Na verdade, no entanto,
não é pouco o que somos.
Ao contrário, somos tantos
na riqueza de nós mesmos.
O que falta é percebermos
o que nós não recebemos,
e que o outro, em sua sede,
não tem olhos para nós.
O que vê é só espelho
da sua incompletude,
e a nós basta a atitude
de buscarmos outros beijos.
Beijos plenos, beijos sanos
que nos amem como somos.

Aí está. Sei que muita gente provavelmente gostará do poema, principalmente por aquilo que ele, filosoficamente, diz. Mas,

mesmo com a densidade do tema e o trabalho com a redondilha maior – versos com sete sílabas métricas –, falta a esse poema a "poesia do hoje", que "enxuga" essas construções mais narrativas, essa presença verbal tão forte, essas imagens tão óbvias.

Assim, fiz outro poema, que diz mais ou menos a mesma coisa, mas de forma mais próxima ao tempo em que vivemos. Veja:

aos olhos do outro
sou pouco
nem trezentos e cinquenta
bastam
espelho em cacos
sargaços
na sede feroz
na inútil rede
me faço ausente
eu sem mim
Arlequim!
beijos sem língua
mãos sem dedos
versos sem linfa
o que dou morre
à míngua
no outro
contudo
não sou pouco
ânfora mítica
implícita
um oceano
enfim

habita dentro
de mim
resta abrir
o mar com as mãos
naufragar
a sede do outro
porque pouco
é o olho
que não me vê
depois
tudo refeito
boca e beijos
plenos
morangos
em tempo
de sins

O que eu fiz? Falei mais ou menos a mesma coisa, tirando a sintaxe ordenada do outro poema, trazendo mais imagens metafóricas, atualizando referentes de Mário de Andrade – trezentos e cinquenta, arlequinal –, de Cecília Meireles – abrir o mar com as mãos –, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector – tempo de morangos, sim –, e sendo menos verbal.

A diferença é que produzi um poema mais sintético, metafórico, com mais imagens, embora com menos palavras. Afeito, enfim, ao modo como a poesia acontece hoje.

Provavelmente eu trabalharia mais esse segundo poema, buscando enxugá-lo mais um pouco. Mas acho que, como exemplo didático, ficou suficiente. Espero ter ajudado...

Ah, sei que algumas pessoas poderão dizer que "gostaram" mais do primeiro poema. Tudo bem. Gostar é algo subjetivo e válido.

O que falei se refere à preocupação dos/as que escrevem poesia e não entendem por que o que escrevem não é recebido com entusiasmo por quem trabalha diretamente com crítica literária e poesia contemporânea.

(Aracaju, 3 de julho de 2023)

MARÉ BAIXA

Há também o tempo de antiáguas. Maré baixa que impede navegações e gestos. Ausência azul de ondas, silêncio na fala antes corriqueira das praias. Tempo de pensar nas águas como utopias ou tempo mesmo de sequer ter sede ou desejo de umidade lavando a pele. Antigotas de céus e oceanos abandonados permeiam poros e pensamentos. E, na inutilidade do vazio, seca, ainda mais, a possibilidade de reinauguração das íntimas fontes.

Tudo é secura e sepulcro. E nadar é apenas a conjugação de um verbo derivado de nada. Para que tudo se derrame em líquidos, de nada adiantam o choro engasgado na garganta ou os dentes trincados em plena renúncia da revelação dessa maré infame.

Toda e qualquer resistência férrea se desvanece ao se perceber igualmente inútil. Perde-se, portanto, o rumo das nascentes, dos gêiseres, dos poços, de todo e qualquer manancial. Da água, somente a remota maciez no solo do quarto secreto onde insistem em viver as esperanças.

Quem se acha em plena maré baixa, mas decide caminhar, sabe que pode se perder entre as brenhas e os cânions das horas. Sabe que, no labiríntico caminho, surgirão minotauros e faunos a serem enfrentados sem a possibilidade das lágrimas.

Sabe, enfim, que tudo parecerá percorrer os sons da palavra “não” ecoando nas cavernas próximas e distantes.

Na maré baixa, entretanto, sobrevive a metonímica gota da estação das cheias. Onde ela está? Na beira do caminho que se faz ao andar.

(Aracaju, 10 de julho de 2023)

LIMO

Para Ítalo de Melo Ramalho

(Desta vez, para variar, uma prosa poética, que bem poderia ter tido lugar por ocasião do "Dia dos namorados", mas que, por ser poética, não é muito afeita a "datas marcadas"...)

Tudo em seu corpo é limo. Manto verde e escorregadio por onde passeio minhas mãos. Umidade que me umedece, campo santo para a própria morte, porque, em seu limo, mil espécies de flores se aninham à espera da florada de amanhã.

Tudo em seu corpo é limo. Cobertor de sonhos que me embala o sono e que, de repente, me acorda, para que vivamos a demora viscosa de um amor nada líquido e, no entanto, cheio dele.

Tudo em seu corpo é limo. Suaves montanhas de gestos verdes amadurecendo, todos os dias, a história que escorre em nossas veias enamoradas. Tapete de algas que nutre nossas almas com a música redonda de todos os telegramas.

Tudo em seu corpo é limo. E, por isso, eu rimo com cada partícula de seu universo.

(Aracaju 17 de julho de 2023)

O SAL DA TERRA

Reproduzo para vocês, uma crônica que escrevi logo após ter feito minha primeira viagem a Cabo Verde, o país-arquipélago africano formado por 10 ilhas e alguns ilhéus, que se instalou definitivamente em meu coração, com suas cores, sua gente, sua arte e seu inequívoco talento para ser inesquecível. Isso aconteceu em 2010. O voo tinha como destino a Ilha de Santiago, que acolhe a capital do país, Praia.

./...

Primeiro, um céu estonteante. O sol nascendo preguiçoso em meio a nuvens inchadas de cinza. A asa do avião, invadindo a cena, emitia sua luz pequeníssima e discreta, enquanto o astro-rei perdia a preguiça e a timidez e logo começava a ferir minhas retinas. O mar, volta e meia, surgia lá embaixo. E o movimento da espuma indicava ventos fortes. Ansiava pela visão de qualquer pedaço de terra que pudesse me dizer: eis Cabo Verde. Mas, quando o avião começou a baixar, as mesmas nuvens inchadas se fizeram um paredão intransponível. Cabo Verde brincava de esconde-esconde.

Não vi a ilha de cima. Santiago só se revelou quando o avião já se colocava em altura para aterrissar. Vi um relevo ondulado, de discreto verde, casinhas singelas agrupadas aqui e acolá, e o mar rebentando em pedras escuras. Mas o avião não aterrissou. Senti bem claro o momento em que o piloto, projetando o bico da máquina, subiu novamente. Não havia condições para o pouso,

esclareceu ele pelo alto-falante. Muita chuva, muito vento. Vamos para a Ilha do Sal. Mais uns trinta minutos de voo.

Então, eu primeiro teria que conhecer o "sal da terra". Era assim? Os passageiros mal se incomodaram, creio que acostumados a mudanças de planos. Eu, na minha expectativa infantil de encontrar a terra, mas já conhecendo um pouco de sua realidade, achei um bom presságio chegar com chuva. Não era eu que estava chovendo sobre as ilhas, mas minha emoção chovia a cântaros. E a natureza parecia compreender. Cabo Verde mostrou que me ditaria suas próprias normas. Não era essa a ordem que queria: Santiago, São Vicente. E me impôs Sal como primeiro solo a ser pisado.

Antes de chegar à Ilha do Sal sobrevoamos outra ilha. O céu mais limpo me permitiu ver uma paisagem completamente diferente de tudo o que já havia visto na vida. Um solo absolutamente seco, rachado, de cor marrom, com pedras e nenhuma vegetação, desenhava um contorno redondo para as águas do mar. De repente, no meio do nada, uma montanha igualmente marrom, com formato cônico, tornou-se o centro da paisagem. Ao longe até se viam algumas pequeníssimas casas. Mas o tempo passou rápido demais, e o avião, seguindo sua rota, não me deixou ver mais do que aquilo. Perguntei à aeromoça: "É Boa Vista?". Era.

Informação nova do piloto: também a Ilha do Sal apresentava condições impróprias para o pouso. Ele tentaria entrar pelo norte da ilha. Mais dez minutos de espera. Baixamos a escada do avião sem saber bem quanto tempo permaneceríamos na ilha. Ficamos dentro do aeroporto esperando por notícias. Ali já percebi algo do caráter dos cabo-verdianos. "Morabeza" é o termo com que se define o trato gentil que os caboverdianos dão às pes-

soas que chegam ao país. E foi assim. Uma mocinha do aeroporto me comprou um cartãozinho telefônico, para os devidos avisos. Outro moço me permitiu usar seu computador para enviar duas mensagens. Pelo telefone, o primeiro contato com o poeta Corsino Fortes, que me esperava no aeroporto da Praia. Uma voz apagada pelos ruídos de interferência me dizia já saber do atraso e me adiantava os compromissos que já havia agendado para mim. Quando eu chegasse, ligaria para avisá-lo.

Ficamos assim. Uma senhora olhou minha mala enquanto eu tentava providenciar essas coisas. Ninguém sobressaltado ou estressado. Todos sentados pelas cadeiras e pelo chão, esperando. Um grupo de risonhas paraenses fazia graça sobre a possibilidade de perderem o voo de Lisboa para Guiné, que parecia ser o destino de suas férias. Não demorou muito e, debaixo de forte temporal, retornamos ao avião. Estranhamente, agora sim poderíamos partir.

Minha permanência na Ilha do Sal foi curtíssima. Só uma passagem pitoresca pelo significativo "Aeroporto Amílcar Cabral" para começar a viagem. O Cabo Verde das terras secas chovia. E me oferecia o "sal da sua terra" úmido e a me dar as boas-vindas.

(Aracaju, 25 de julho de 2023)

SÃO JOÃO E POLLYANNA

Quantas vezes eu já li o "Trigal"? Bem, é preciso esclarecer... Falo do livro *Trigal com corvos*, de Waldemar Solha. Editada em 2004, a obra contém 3.128 versos, divididos em partes intituladas "Como o solo do sol sobre o solo", "Trigal com corvos", "Mais corvos" e "Sobre 'Trigal". A capa traz um recorte do quadro de mesmo título pintado por Van Gogh. Sobreposta à imagem da tela, outra imagem: a do artista Solha travestido no personagem "o velho", por ele interpretado no curta-metragem "A canga". Cabe ainda dizer: o curta baseou-se em romance do próprio Solha... Ou seja, o homem é uma fera, uma explosão de arte para todos os lados...

Voltando à pergunta, uma resposta vaga: não sei. Li, reli, escrevi texto crítico, li, reli, comentei em aulas, e por aí vai... Os versos desfilam na memória sem as teias da contabilidade... Mas, de repente, num dia de entrega de correio, os versos surgiram, diante meus olhos, revestidos de palavras novas, prestes a serem inauguradas. O longo poema, que eu entendi como uma instigante e criativa épica pós-moderna, envolve o/a leitor/a numa rede de reflexões intimistas que, por sua contundência, ganham dimensões filosóficas e universais. Ali está um homem em agonia e êxtase. Ali ficamos nós, leitores, em igual estado de ânimo. De que vale, afinal, nesta vida, a criação artística? Pergunta sem resposta. Há resposta? E por aí vamos... Porém, deixarei de lado as digressões e recordarei a chegada da caixa pelo correio até contemplar a tal leitura "re-inaugural"...

A caixa, contendo trinta livros para serem distribuídos na universidade, trouxe-me a saudade do texto. Abri-a rapidamente e de lá tirei o exemplar virgem. Deitei-me no sofá e, seguramente, comecei a cruzar a fronteira invisível que nos faz transpor os limites do real e vislumbrar as luzes do imaginário. Seguramente, eu disse? Nada é seguro no mundo da imaginação. Voltei ao livro, porque a chegada de novos exemplares parecia me dizer que o fizesse.

Crente de que o texto seria de meu total domínio, entornei os olhos nos versos conhecidos e, de repente, eles embaralharam o desenho reto e bem traçado de minhas intenções e resgataram, lá de um tempo distante, no subúrbio do Rio de Janeiro, uma menina ingênua e bem delicada. Eu.

A verdade é que o texto, naquele dia, me serviu de espelho, ou melhor, de anti-espelho, porque eu me vi Pollyanna diante de um São João. O contraste me feriu como uma lâmina aguda. Que desconforto senti!

O São João de que falo, traduzido na voz do poema, é o romancista, poeta, ensaísta, dramaturgo, cineasta, pintor e ator Waldemar Solha. Será também um profeta? Não sei, mas algo de apocalíptico emerge de seus textos. Uma força tremenda, fruto de grande consciência crítica, conhecimento, visão de mundo e energia, gera sua capacidade de associar elementos das mais variadas espécies para reger um coro híbrido, repleto de imagens, terrível, de certo modo, porque possui esse “tom” apocalíptico. Incompreensivelmente, para mim, o que ele escreve e cria me chega sempre e diretamente ao canal mais sensível onde guardo palavras à espera do “convite literário”. O que tornou essa “chegada” incompreensível, a partir daquele dia, foi o fato de, diante de sua obra, eu me sentir o revés, a antítese, a Pollyanna...

Eleanor Porter, em 1913, com sua personagem-título, eternizou o "jogo do contente". Recordo: a menina Pollyana, apesar de todos os pesares, e contrariando a lógica da relação sofrimento em excesso = depressão, praticava um jogo que consistia em sempre ver as situações negativas por um lado positivo, uma vez que tudo sempre pode ser pior... Pode? O tal jogo, muitas vezes beirando o ridículo, foi sua forma de sobreviver às marés e seguir adiante. Sua ingenuidade é visível, sua ternura, muito exagerada, sua filosofia, sem qualquer fundamento na bagagem filosófica, literária, artística e etc. que o século XX, recém-inaugurado, já oferecia aos borbotões. Parece que aqui "acabo" criticamente com Pollyanna, não é mesmo? Contudo, ai, ai, eu reli o Trigal e me vi vestida de Pollyanna, igualzinha igualzinha, fazendo meu jogo do contente, sem me dar conta de mais nada.

Como é possível, ao mesmo tempo, ser capaz de sofrer o impacto daquilo que diz o Trigal sobre o caos do mundo (o desespero de todas as artes, técnicas e criações humanas ao refletir sobre o mesmo), escrever e falar sobre isso, e, depois, continuar a ver o mundo como uma paisagem colorida habitada por seres extraordinários e fonte de felicidade? Como é possível sofrer o texto, como sempre sofro, e seguir ilesa? Ou não terei seguido ilesa, já que estou escrevendo essa crônica? Não. Sigo ilesa, sim, pois sei que esta crônica, como todas, passará, e eu acabarei sorrindo no final do dia, ainda que simule quatrocentos mil suicídios e me mate metaforicamente quatrocentas mil vezes.

Só um exemplo, para não ser chata demais: versos fortes como "Talvez a Paixão de Cristo/que se revive todo ano/ no fundo não seja mais do que o não admitido prazer de ver o hipotético/ monstro em pele de cordeiro pagando – pelo menos uma vez a cada doze/ meses – por tudo que fez e faz neste maldito mundo

sem paz./ Ecce homo!/ Sim./ E eu sou este homo ludens/ homo habilis/ homo faber/ que/ depois dos enormes erros que culminaram com o fim da grande experiência/comunista/ em 1991/ deixou/ finalmente/ de ser credulus…/ O que me resta/ agora?" removem montanhas dentro de mim, onde habita o Jesus Cristinho de Alberto Caeiro, em "O guardador de rebanhos", o Jesus menino isento dos dogmas, textos, contextos…, o Jesus Cristinho (e eu me chamo Christina, vejam bem), que me ampara, brinca comigo e me conforta sempre. Removem montanhas, me comovem verdadeiramente, não me causam repugnância (diante da situação que descrevo poderiam, não?), mas uma sensação de "compreender" o outro, compadecerme por ele, constatar como é grande e angustiada a arte que faz, e, todavia, os mesmos versos não removem essa crença pollyannescamente otimista que me dá identidade.

O que ocorre comigo? Sou uma espécie de aberração? Fruir literatura e arte não é se transformar? Por que não me transformo? Por que compreendo, fruo, critico, me deleito, me angustio, me identifico, discuto, desejo intensamente o merecido reconhecimento da obra, e, no entanto, deixo ilesa minha Pollyanna? Há perdão para isso? São João poderia ser amigo de Pollyanna? Talvez eu, de fato, esteja apenas contemplando o já gasto enfrentamento entre o pessimismo e o otimismo. Tenho plena consciência, por tudo que já li, vi, estudei e conheci, de que os grandes artistas são pessimistas por excelência, já que possuem lentes raras e claras em seus olhos. Tenho, igualmente, plena consciência de que não sou uma grande artista, ainda que escreva, pinte e fotografe, desejando fazer algo "bacana". E essa segunda consciência não me dói, como dói à voz do poema Trigal a insatisfação de ter o ímpeto criador e se ver diante de um universo de criação

assustadoramente opressor (porque maravilhoso), uma vez que, como Pollyanna que sou, me deixo estar contente apenas por poder escrever algumas coisas, pincelar outras, captar, num clique, outras. Sem angústia diante da mesmice, fica fácil ser feliz.

Senti um desconforto horrível por me saber tão Pollyanna. Parecia desonesto ser crítica literária, professora e Pollyanna ao mesmo tempo. Parecia ou parece? Não, não parece mais, pois me estou revelando nesta crônica. Mas logo um azul no céu, um telefonema de uma amiga, uma gracinha de meu gato ou sei lá o que me desligou do desconforto e já estava eu de novo "contente". Conclusão: não tem jeito! Continuarei lendo meu apocalíptico "amigo" (ser ou não ser?) São João, orgulhosa de sua arte, envergonhada pelo simplório de meu ser, mas sempre disposta a cantar aos quatro ventos (ou aos dois ventos, já que quatro é coisa para crítico com voz olímpica) a arte estupenda que transborda desse artista. Ele não se preocupará em me perdoar, porque nem tem tempo para isso, nem sentirá necessidade de perdoar uma coisa dessa natureza. O mundo é uma máquina gigantesca e monstruosa cujo funcionamento, ainda bem, é supervisionado por pessoas raras e dolorosamente claras. Minha questão é só um pozinho depositado numa engrenagem qualquer. Mas, como a crônica nasce do pó do chão, registro meu pequeno conflito. E, "como o conflito poderia ser pior", me despeço contente.

(Aracaju, 7 de agosto de 2023)

SOBRE OS REACIONÁRIOS E SEUS MEDOS

A figura execrável do candidato à presidência na Argentina que ganhou as prévias recentemente por lá realizadas é um agudo sinal de que o reacionarismo que tem marcado as duas últimas décadas está bem longe de terminar. Basta ler algumas matérias que reproduzem as falas do talzinho que a sensação de *déjà vu* (já aconteceu e está acontecendo de novo) é imediata.

A situação também me fez ver o paradoxo argentino, porque, afinal, é argentino o Papa Francisco, e ele está situado do outro lado dessa história, rompendo, às vezes com muita coragem, algumas amarras nada cristãs que o Catolicismo criou. Por conta disso, que o Papa Francisco tivesse antagonistas já era de se esperar, afinal, seus apelos a determinadas renovações no seio dos preceitos católicos mexe com séculos e séculos de uma tradição arraigada em muitos valores que pouco, na verdade, tem a ver com o Amor que o próprio Jesus pregou.

No entanto, assusta a presença maciça de reacionários, que, não só no âmbito da Igreja Católica, mas no da política mundial – e agora na própria Argentina de Francisco –, andam "conquistando" retrocessos inconcebíveis pelas mentes de quem já considerava ultrapassadas algumas barreiras milenares das relações humanas.

O retorno das direitas no panorama político mundial; as conclamações à ditadura, ao poder militar, à revalorização fascista de "bons costumes"; o compromisso abominável de grande parte das mídias com as inverdades e o poder econômico; a volta

de manifestações públicas descaradamente preconceituosas em relação às mulheres, aos menos privilegiados, aos gays, aos negros, entre outros; a presunção escancarada de quem se pauta na meritocracia como parâmetro para regular o mundo; tudo isso revela o grande medo da enorme parcela reacionária dos seres humanos que hoje constituem a chamada Humanidade.

Esse medo geralmente está associado a uma pretensa "confortável" situação que movimentos de renovação podem abalar. O egoísmo de quem se acha no "lugar certo", porque se pauta em ideologias religiosas que se supõem as únicas verdades do mundo e do pós-morte, ou porque se imbui de um "nacionalismo" cego que confunde injustiça com "mérito", revela tudo menos amor ao próximo no sentido defendido por Jesus Cristo, um dos maiores rebeldes da história da Humanidade.

Jesus abalou os alicerces de uma crença sustentada por pilares patriarcais, discriminadores, desumanos, materialistas e egocêntricos para promover a valorização dos "pequenos", dos injustiçados, dos oprimidos. Jesus defendeu o Amor como a única lei realmente válida. E abraçou a parcela marginalizada da sociedade. Por isso morreu na cruz, assassinado pelos reacionários, pelos medrosos, pelos poderosos. Todos culpados pela sentença injusta, na qual "lavar as mãos" não significou isenção de culpa!

Quem hoje toma em vão o nome de Jesus para defender a intolerância às diferenças faz como os jesuítas colonizadores que contribuíram diretamente para genocídios nas Américas ou como fundamentalistas violentos que espalham terror pelo mundo usando outros nomes. Faz como Hitler, que julgou haver uma superioridade ariana, com permissão para matar os diferentes. Faz como os escravocratas que, sustentados por valores (ou falta de) religiosos e "científicos" cegos, entenderam haver

superioridade étnica no segmento “branco” da Humanidade e, em nome disso, fizeram as maiores perversidades em África e em outras partes do mundo onde a prática da escravidão existiu.

Um Trump evidentemente criminoso com chance de retornar depois de Biden; uma Europa lutando bravamente para não perder seu perverso lugar de “centro do mundo”, e, também paradoxalmente, alimentando, em sua própria carne, uma guerra que parece infinita; uma execração ridícula ao Comunismo como se houvesse um “monstro” pronto a devorar os privilégios dos que “tão merecidamente” chegaram a uma vida materialmente confortável; as guerras religiosas; o terrorismo; as novas formas de escravidão presentes nas fábricas e indústrias dos maiores poderosos do mundo financeiro; a natureza violentada; tudo isso integra o signo execrável do retorno à barbárie reacionária que destruirá conquistas humanitárias que pensávamos definitivamente instauradas no mundo.

Pobre Papa Francisco, que, como Cristo, Gandhi, Martin Luther King, Joana D’Arc, entre outros e outras, está na mira do ódio de quem não suporta ver o outro tendo uma chance (mesmo pequena, mesmo mínima) de SER em um mundo todo feito para a desvalorização da existência humana frente à valorização do mercado, do dinheiro e da matéria. Pobre parcela do povo argentino que corre o risco de ver “democraticamente” eleita uma pessoa que evidentemente tem tudo para destruir a própria democracia do país.

O pior, contudo, é constatar que mesmo quem, na verdade, está na parcela dos marginalizados sucumbe às inverdades reacionárias e se põe a defender ditaduras, bloqueios, nacionalismos extremistas, sem perceber que, como escorpiões, injetam em si próprios o veneno do ódio.

Para quem tem tanto pavor de um "Comunismo" que, afinal, nem existe na prática, mas que se tornou "palavra de ordem" (e de manipulação burra e mal informada) dos reacionários, um pequeno lembrete... Talvez o próprio Jesus tenha sido o maior deles!

(Aracaju, 21 de agosto de 2023)

UMA LAGARTA

Sou fã de Rubem Braga. Mas, entre as muitíssimas crônicas que ele escreveu, há uma em especial que sempre levo para a sala de aula, porque sou apaixonada por ela: “Um pé de milho”, publicada em dezembro de 1945. Ainda que tantas e tantas décadas dele nos separem, o texto é absolutamente vivo e lê-lo nos dá a dimensão real de como as crônicas tocam a atemporalidade que a arte tem.

Sinteticamente, a crônica conta, em primeira pessoa, as reações de um cronista que, de repente, vê seu pequenino jardim invadido por algo que parecia ser um pé de milho e que, gradualmente (apesar da opinião contrária de alguns amigos), revela ser mesmo um. O passo a passo do maravilhamento do cronista que chega a se sentir um rico lavrador da rua Júlio de Castilhos é contraposto a um evento de dimensão mundial: o primeiro contato com a lua por meio de radar.

No final das contas, o pé de milho, que desafia a lógica e conquista uma existência individualizada, chegando a dar flor, é mais importante que esse contato com a lua, porque é o maravilhoso do pequeno cotidiano de cada um/a de nós. A crônica é linda, vale buscá-la.

O que, entretanto, tem a ver “Um pé de milho” com esta minha crônica intitulada “Uma lagarta”? Ora, a velha e conhecida inspiração! Explico.

Há uns 20 dias, quando molhava o limoeiro que plantamos no quintal, vi umas folhas “comidas”. Pensei: “Há uma lagarta da-

nada comendo as folhas do meu limoeiro!". E comecei a procurá-la, para poder livrar meu avaro limoeiro (que até agora não deu flor nem fruto) da praga que o devorava.

De repente a vi. Mínima, caminhava rebolativa por uma folha ainda jovenzinha... não vou dizer que era bonita, porque seu aspecto não é dos mais estimulantes ao olhar. Mas era fofinha e eu podia ver sua boquinha se abrindo em busca do alimento. Resolvi fazer amizade com ela. E, claro, abandonei os ímpetos lagarticidas.

Passei a visitá-la todos os dias de manhã. E ela ia crescendo. Uma semana depois, resolvi pegar um galhinho e tocá-la. Surpresa! Brotaram duas antenas vermelhas ameaçadoras! Vixe! Fiquei com medo mesmo!

Fui buscar informações no Dr. Google e lá vi: *Heraclides thoas brasiliensis*! Depois do período de metamorfose, torna-se uma linda borboleta preta e amarela! É uma praga que atrapalha a citricultura, mas não a mim, que sou uma rica citricultora de Aracaju com apenas um limoeiro!

Passei uma semana em Triunfo e Serra Talhada e, ao voltar, no último sábado, corri para vê-la. Não estava mais no local onde eu a havia encontrado. Porém, insisti. Procurei, procurei e procurei (haja vista!) até me dar com a bichona, enooooorme, passeando do outro lado do limoeiro. Gorducha, plena, independente.

Dessa vez não tentei um contato imediato, pois, possivelmente, as ameaçadoras antenas vermelhas estarão bem maiores. Mas fiquei feliz. Ela ainda está lá e, quem sabe, não serei testemunha de sua metamorfose?

Tal como o cronista sentiu-se diante do que ele chamou de "belo gesto da terra" ao ver seu pé de milho pendoar, eu, modesta-

mente, me filiarei a seu sentimento, na expectativa de um “belo gesto da lagarta” que me permita vê-la sacudir as asas e se mandar por aí.

(Aracaju, 28 de agosto de 2023)

BULA DE REMÉDIO SEM ÓCULOS?

Acordamos. O bom dia dengoso que me cumprimenta todos os dias se faz presente. Será mais um domingo gostoso.

Aí vem ele com a novidade: você consegue ler, sem óculos, letras miudinhas feito as de bula de remédio? Achei graça daquela pergunta às seis da manhã. Consigo sim. Respondi. (E pensei: "ainda" consigo. Ri por dentro...).

Então ele se levanta, e com cara de menino travesso, faz algum movimento que não percebo direito, arranca uma página do caderno que está levando para o curso, amassa a folha e a dobra bem pequenininha. Estende a mão e me entrega o papel. Consegue mesmo? Vixe, o que é isso, Moreno? Veja aí... Vou tomar banho. Já volto.

Pego o papel. Vou desdobrando tudo, pensando na graça desse Moreno novidadeiro. De onde tirou isso às seis da manhã? Quando abro totalmente o papel, vejo algo bem miudinho no centro da folha. Está lá, em letras vermelhas: "Eu te amo!".

Depois que ele volta, eu, com a cara de boba que a gente fica quando o amor é cheio de detalhes românticos, ouço, derretida, a explicação: "Acordei e me lembrei de John Lennon e Yoko Ono. Ele se encantou por ela à primeira vista. Foi a uma exposição dela e viu uma instalação em que havia uma escada, com uma luneta a ser usada para se ler algo microscópico escrito no teto. Ele seguiu o roteiro e leu a palavra 'sim', escrita por ela. Aí resolvi fazer isso pra você!"

Inacreditavelmente ele me conta isso e me pede desculpas por não ter sido “original”!!! Estou certa de uma coisa: NUNCA precisarei de óculos para ler as mais minúsculas letras deste amor. Porque elas são as mais maiúsculas letras que o livro da minha vida escreve todos os dias com a caligrafia deste homem incrível!

Agora vamos ouvir o CD do Belchior, que é a cara dele!

Feliz semana para todo mundo!

(Aracaju, 4 de setembro de 2023)

UMA CRÔNICA SOBRE O AMOR

Uma crônica sobre o amor deve ser escrita com as palavras que nos dizem os olhos das pessoas contentes que passam pelas ruas. Deve ser escrita com as cores que nós podemos ver quando o sol está perto da montanha e os brincam um com o outro. Deve ser escrita com o som dos pássaros cantando em nossa janela ou com o som de nossas crianças brincando na praça. Deve ser escrita com o gosto do vinho que bebemos para celebrar a felicidade e com o aroma que nós podemos sentir quando nossa mãe está fazendo um bolo de chocolate para nós.

Uma crônica sobre o amor deve ser como uma obra de arte que podemos ver no museu, mas, ao mesmo tempo, deve ser como uma paisagem sem tintas que vive eternamente em nossa memória. Deve ser como um sopro de vida em nosso cotidiano; como um pequeno presente que nos é dado quando acreditamos que todas as coisas estão perdidas; como um aviso de Deus a nos dizer que sempre há uma nova maneira de construir a vida; como uma música de anjos a nos trazer a sensação de doçura e paz.

Uma crônica de amor, sobretudo, nos deve chegar com a mágica que transforma simples palavras em uma oração, uma pequena oração de amor.

(Aracaju, 14 de setembro de 2023)

ÀS VEZES FADA, ÀS VEZES BRUXA, ÀS VEZES NADA...

Hoje trago para você a apresentação de um livro – na verdade, um e-book, lançado ontem e disponível, gratuitamente, no site da Criação Editora – que organizei: *Às vezes fadas, às vezes bruxas, às vezes nada*. Micro e minicontos que reinventam os contos de fada. Espero, com a apresentação, deixar um gostinho de quero mais que leve vocês ao site.

E-book disponível em: https://editoracriacao.com.br/as-vezes-fadas-as-vezes-bruxas-as-vezes-nada-micro-e-minicontos-que-reinventam-os-contos-de-fadas/

Dizem que "quem conta um conto aumenta um ponto"... E quem reconta um conto de fadas em forma de micro ou de miniconto, brincando de reinventar tudo ou quase tudo? Quantos pontos serão aumentados? E quantos subtraídos ou transformados? Será que essas brincadeiras com contos da tradição das fadas – e das bruxas – e dos animais falantes permitirão que as fontes originais sejam reconhecidas?

Respostas para essas perguntas você só terá lendo os micro e minicontos – e algumas narrativas mais longas – produzidos por Aline Tavares, Antônio Marcos de Andrade Santos, Camila Farias, Caroline dos Santos Lima, Eduardo Campos, Elaine Barbosa dos Santos, Gabrielly Dantas, Guilherme Andrade Gois, Iara Rodrigues Vieira Santos, Jéssica Letícia Nascimento Silva, José Clévisson dos Anjos Lima, Josefa Maysa da Silva Tavares, Kaylaine Vasconcelos, Lidiane Cristina dos Santos, Maria Vitória S. R., Mirelle de Souza Santos, Tálisson da Silva Oliveira, Thalia Santana, Thauanny Ferreira, Valquiria de Almeida Bastos, Vitória Raiane Santos Oliveira, Viviane Lima Santos e Williane de Jesus Santos.

Essa é uma turma para lá de criativa, com quem tive e tenho o privilégio de conviver como docente da disciplina Experiência de Criação Literária, que integra, como optativa, o currículo do Curso de Letras do campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe.

Juntos/as, navegamos por diferentes expressões literárias e artísticas – até pedras pintamos em aula! E fizemos fuxicos de tecido e de palavra também! –, em busca de fazer desabrochar – em alguns casos – ou contribuir para aprimorar – em outros – o gosto pela criação literária.

Os resultados, em forma de fotopoemas, poemas, crônicas e contos – por enquanto, porque ainda haverá mais até o final do

período –, foram muito empolgantes. Cada qual em seu ritmo e com maior ou menor intimidade com a escrita criativa contribuiu e continua contribuindo – o período ainda não acabou – para que a existência acadêmica seja também uma experiência envolvida em alegria, sensibilidade e vontade de olhar o mundo de forma mais ampla e generosa.

Neste e-book, apresentamos a você micro e minicontos inspirados em tradicionais histórias do universo dos "contos de fadas". Todos produzidos em agosto deste ano. Filhotes recém-paridos.

A ideia da produção era buscar, de formar criativa, recontar, descontruir, transformar, atualizar, reinventar, metamorfosear, enfim, criar livremente, respeitando apenas a forma de micro ou de minicontos, os textos que couberam a cada um/a.

Essa proposta nada tem de nova. Há muitos e interessantes recontos espalhados pelas livrarias e também guardados nas gavetas do mundo. Mas o que aqui encontrarão fala dessa gente linda que escolheu o mundo das letras como caminho de vida. Por isso, uma proposta que não é original ganha sua própria identidade no momento em que, por trás de cada texto, um eu único se manifesta.

Lendo os micro e minicontos, você certamente perceberá referências diretas, semelhanças, diferenças e mesmo verdadeiras rupturas com contos como *Os músicos de Bremen*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O príncipe sapo*, *O ganso de ouro*, *Os sete corvos*, *Branca de Neve*, *A rainha das abelhas*, *A raposa e o gato*, *Os dois irmãos*, *A serpente branca*, *A Bela Adormecida*, *O alfaiate valente*, *Hansel e Gretel* – ou *João e Maria* –, *A Gata Borralheira*, *Rapunzel* e *O flautista de Hamelin*, coletados e também recontados pelos Irmãos Grimm e multiplicados pelo mundo.

Mas não estamos preocupados em identificar os diálogos específicos com os contos. Deixaremos por conta de você observar as pistas, desde as mais evidentes às mais implícitas, para, então, descobrir as opções que cada um/a fez para criar seus textos.

Despeço-me de você desejando que tenha bonitos encontros com os textos deste e-book e que, através deles, possa perceber como leitura e sensibilidade, juntas, conduzem a diferentes formas de traduzir a experiência de viver a literatura.

Às autoras e aos autores, minha gratidão pelos momentos fraternos e carinhosos que temos vivido.

(Aracaju, 18 de setembro de 2023)

AS PALAVRAS E OS CURRAIS DO POVO

Manchetes. Palavras com poder maiúsculo de penetrar retinas e pensamentos quando olhos e mentes desavisados matam sua sede na precariedade do óbvio. Textos que manipulam a multidão, expostos em bancas e nas redes, forjados em letras garrafais e imagens apelativas. A verdade? Há verdade?

Diz-se o que se quer e, principalmente, COMO se quer, para que o efeito produzido seja o que se desejava. Atenua-se o peso do que importa mais, coloca-se a informação principal escondida em espaço menor, e pronto: lá vai o gado direitinho caminhar pelos currais da ignorância programada. A mesma situação em manchetes diferentes. O Globo, Estadão, El País e Folha. Basta olhar, ver e refletir.

Quem acaricia mais o poder? Quem disfarça o impacto da informação? Quem ignora as minorias? Quem se importa com a ética? Chegamos ao tempo da todas as desconfianças. Não podemos crer nos instrumentos de veiculação das informações.

Estamos engolindo letras maiúsculas e sofrendo demais com a prisão de ventre crônica que não nos deixa expulsar esses dejetos que nos comem por dentro. Logo, ler, reler, desler, aler, todo o tempo em alerta, para correr menos o perigo de ser personagem da velha história de “vida de gado”, “povo marcado, ê, povo feliz” (Zé Ramalho).

(Aracaju, 23 de setembro de 2023)

A MENINA DAS FLORES

Para minha Isa,
A mais linda menina das flores.

Os olhos verdes da menina das flores eram redondos como a alegria de um domingo de sol. E, no entanto, eram seis da tarde em ponto, e o céu já trazia espetadas estrelas de muitas noites e eras. As mãos da menina das flores eram macias como as memórias olfativas de um bolo de laranja de avó, recém-saído do forno, pronto a entrar no oceano vasto do que passa mas fica. E, no entanto, não era laranja, mas também verde, verde clarinho o vestido longo e esvoaçante da menina das flores.

O cabelo da menina das flores era longo como a espera pela mãe que viajou a trabalho e ainda não voltou. E, todavia, estava preso o longo cabelo da menina das flores, num coque, também redondo e também macio, do qual se desprendiam cachos travessos de cabelo a brincar com suavíssimas guirlandas de florezinhas vermelhas e brancas.

Concentrada, a menina das flores esperava pelo sinal das notas musicais, que lhe ditariam os passos e o compasso com que deveria cumprir sua pequena/grande missão de abrir caminho para o que se desejava ser o anúncio de um futuro feito de verde, vermelho, branco, maciez e longevidade.

Ao som solene da "Ave Maria", a menina das flores começou a caminhar pelo tapete vermelho. De suas mãozinhas macias, caía o também vermelho das pétalas de rosa, deixando, no

ar, o perfume de uma emoção antiga e sempre renovada e, no chão, o sinal de que seguir em frente tem mais sentido quando o caminho se orienta pelas pequeninas doses de amor cotidiano.

Não durou dez minutos o percurso da menina das flores, mas, para ela, com seu pequenino coração de menina das flores, nunca a noite parecera tão bonita e majestosa. A imagem de Santana lhe sorria, parecendo aprovar a harmonia entre seus passos, a música e o ritmo das pétalas se derramando pelo chão.

Ao chegar, a menina das flores lançou ao mundo um sorriso florido como as gotas de orvalho enfeitando os jardins numa manhã de sol. Entretanto, além do sorriso, duas lágrimas silenciosas correram por seu rosto, deixando ainda mais verdes seus olhos. Com as mãos macias, limpou os brevíssimos regatos que se desenhavam em suas bochechas, e, já sem pétalas, cruzou os dedos, ajeitou a postura, e ficou ali, no altar, de pé, pronta para contemplar a noiva, que começara a despontar na porta pesada e imponente da igreja.

A vida, minha filha, também pode ser vivida por meio das palavras que reinventam sonhos, tornando-os realidade. Uma realidade diferente, é verdade. Um fato feito de palavras, que, de repente, realizam um sonho que o mundo não nos permitiu viver. Você foi, no olhar dessa narradora que eu invento e concretizo, a mais bela de todas as meninas das flores!

(Aracaju, 2 de outubro de 2023)

AJU AZUL

Acordei cedo para caminhar e chamei meu pai para ir à praia comigo. Combinamos que eu andaria no meu ritmo acelerado até o ponto distante aonde sempre vou, enquanto ele caminharia no passo dele, parando quando sentisse cansaço. Ao retornar eu me encontraria com ele onde ele estivesse. Ok. Combinadíssimo. E lá fui eu.

A praia estava perfeita. As piscininhas, a brisa, o azul luzindo, etc. Gente espalhada, fazendo de tudo: futebol, surfe, bicicleta, corrida, brincadeiras com as crianças ou simplesmente "jacarezando" na água (como pude fazer no retorno, já que não dava para resistir à temperatura e à calma do mar). Depois de uns três quilômetros já retornando, encontrei meu pai.

Nossa, pai, você andou bastante! Não está cansado? Não, tudo bem. Volte no seu ritmo, que eu vou no meu. Ok. Voltei. E parei para "jacarezar" de vez em quando. Jacarezei, jacarezei, e nada de meu pai! Ai, Deus, será que ele se perdeu? Mas é uma reta... Não, deve estar vindo devargarzinho. Jacarezei, jacarezei, e nada dele! Resolvi fazer o caminho de volta. Mas só andei uns metros e já o avistei bem longe ainda, mas caminhando. Tudo bem.

Acenei. Ele me viu. Acenou também. Fui até seu encontro. Estava visivelmente cansado, mas, bem-humorado, falou: dou dez passos e paro um pouco. Um moço me perguntou se eu estava me sentindo bem... Riu. Ô, pai, você é fogo! Por que andou tanto assim? Não, estou bem, vou no meu ritmo... Mas ainda fal-

ta um quilômetro até chegarmos ao carro... Aguenta? Aguento... Suspirou um pouquinho na hora de responder. Pai, vou chamar o carro do corpo de bombeiros! Rimos. Ah, pai, então tira uma foto minha ali na piscininha... Está bem. Tirou. Vai andando que eu vou atrás, no meu ritmo.

Quando olho para trás vejo que ele está segurando um pedaço de pau como bengala. Riu. Acenou me pedindo que eu tirasse uma foto e colocasse na legenda: meu pai depois de dois anos de academia todos os dias! E veio. Dez passos, cinco minutos de parada. Quando chegou, me perguntou: você vem amanhã? Venho. Ah, eu virei também! Mas acho que vou andar um pouco menos... Esse é meu pai!

(Aracaju, 9 de outubro de 2023)

A DIVERTIDA ARTE DE CASAR

Reproduzo aqui uma crônica que já tem quase 7 anos de existência, mas que, em meu coração, é atualíssima, porque, afinal, casar foi, neste caso, uma arte verdadeira!

Tenho certeza de que mesmo que Ítalo de Melo Ramalho e eu tivéssemos condições financeiras de bancar um "casamentão" cheio de luxo e beleza convencional, optaríamos por não o fazer... Por uma razão muito clara: nós somos simples demais e gostamos mesmo é de nos divertirmos com coisas que nada têm de sofisticadas. Mas como também somos apaixonados por arte e cultura, não poderíamos dispensar, nessa simplicidade, a presença da criatividade.

Claro está que casar em tempos de dureza não requer só criatividade! Requer bastante trabalho de correr pessoalmente atrás das coisas, sem a presença das equipes que estão por trás de casamentos mais luxuosos. Mas não é que é divertido descobrir que um Romeu e Julieta espetado num palito pode muito bem ser "docinho" de casamento e substituir os "caramelados"? Isso é a nossa cara! Depois, buscar a dois (a três, quatro, cinco, ..., porque família e amigos vão se unindo à empreitada) é delicioso.

Começa-se a montar um quebra-cabeças, no qual nada é convencional, nem "combinadinho", mas, por isso mesmo, como eu disse, tem a nossa cara! Ternos? Nem pensar! Nordeste e verão pedem roupas levinhas e gente à vontade para celebrar o amor conosco! Cristais e pratarias? Jamais! Gostamos mesmo é de pa-

lha, argila, chita, coisas deste Nordeste colorido, alegre, vivo! Cerimonial? Pra quê, se temos ideias para dar e vender? Vejo umas coisas na internet e mostro para ele. Vixe, que porreta isso! Anotado! O que vai sair no final? Certamente algo muito lindo, porque o que sentimos um pelo outro é o princípio, o meio e o fim desse momento chamado "casamento".

Aí poderia vir a pergunta: mas casar para quê? Oxe! Porque queremos! Queremos todos os rituais que expressam esse sentimento maravilhoso que é o amor. Mas, principalmente, queremos imprimir nossa simplicidade e nossa visão de mundo nesses rituais. Somos assim. E isso nos faz felizes. Realmente não há tempo marcado para a felicidade. É preciso, contudo, acreditar nela e reconhecê-la quando ela chega, para que se possa dar a ela a atenção e o cuidado que merece.

Poderíamos viver tudo isso calados? Claro! Mas somos dois tagarelas apaixonados pelas pessoas, e achamos que boas histórias motivam e trazem esperança. Assim, além de vivermos nossa felicidade, pedimos que todas as pessoas que desejem esse tipo de encontro possam realizar seu desejo. Na verdade, pouco preocupados estamos com o resultado do casamento em si, como um evento. Porque para nós não é evento. É vento! Um lindo, forte e sonoro vento, espalhando por onde vamos essa ternura que sela o pacto que fizemos de, aproveitando com sabedoria nossa maturidade, não deixarmos jamais que o amor se extravie do caminho da vida a dois que escolhemos para nós. Os tombos ficaram para trás.

Não dá para ser feliz trazendo para o presente o que já não cabe em nossa vida. Mas é nítida a consciência de como o que passou faz com que reconheçamos com maior clareza o valor do que encontramos. E celebrar isso é delicioso! Pessoalmente, para

mim, não há nada mais lindo, elegante, artístico e divino que saber que, caminhando sobre um tapete, sobre a grama, a terra ou a areia, eu encontrarei, no fim dessa caminhada simbólica da "noiva", os olhos apaixonados e o coração humano desse homem espetacular que a vida me deu de presente. E eu espero que ele use sandálias, porque aí saberei que ele estará ali com todo o conforto que eu desejo que ele tenha a meu lado.

Estamos mesmo é curtindo arretadamente esse casamento nordestino e cheio de novidades que já é e será o retrato ou a metonímia da vida que queremos ter. Uma vida simples, cercada de arte erudita e popular, de familiares e amigos queridos, na qual sejamos sempre um casal do bem, voltado para os menos privilegiados e para a construção de um mundo melhor (com mais Romeus e Julietas e menos caramelados).

(Aracaju, 16 de outubro de 2023)

O CORAÇÃO E O MUNDO

Drummond, em dois poemas de livros diferentes, deu tratamento oposto à relação entre "coração" e "mundo". Em "Poema de sete faces", do livro *Alguma poesia*, de 1930, o eu lírico afirma: "Mundo mundo vasto mundo, /mais vasto é meu coração." Já em "Em "Mundo grande", do livro *Sentimento do mundo*, publicado em 1940, encontramos: "Não, meu coração não é maior que o mundo./É muito menor./Nele não cabem nem as minhas dores". É do conflito claro entre essas duas perspectivas que falarei um pouco hoje.

A ideia de se ter um coração vasto, maior que o mundo, está certamente carregada de subjetividade e intimismo. Mergulhados em nós mesmos, é fácil descobrirmos um verdadeiro universo de sensações, sentimentos, memórias, intuições, desejos, reflexões. É tão ampla e complexa a natureza individual de nossa existência e tão contundente a visão de que, no final, estaremos sozinhos diante da experiência da morte, que o mundo, com suas histórias, parece se diluir em meio à consciência da efemeridade de tudo que toma conta de nosso coração.

Nesses momentos em que o coração se faz protagonista, e os acontecimentos têm a medida de nossas alegrias ou de nossas tristezas particulares, tudo aquilo que está fora de nós se fragmenta ainda mais, como se, para cada coração que habita o mundo real, houvesse partículas individuais que só interessam ao sujeito que com elas interage. Essa perspectiva, claramente egocêntrica, nos protege das dores alheias e nos impede de realmen-

te sentir as alegrias que não são nossas, a não ser a tristezas e alegrias de pessoas que habitam nosso próprio coração. E aí vem a pergunta: que pessoas realmente habitam nosso coração? Aquelas que conosco mantêm “laços de sangue”? Aquelas que, mesmo sem esses laços, teceram teias afetivas que nos envolveram? Ou nossos corações são capazes de amores maiores, que prescindem dos laços de sangue e do afeto proveniente da fraternidade concreta das relações pessoais?

Em “Poema de sete faces”, o eu lírico traduz um flash do cotidiano dizendo, metonimicamente: “O bonde passa cheio de pernas/Pernas brancas, pretas, amarelas/Para que tanta perna, meu Deus?/ Pergunta meu coração/Porém, meus olhos/Não perguntam nada”. As pernas multicoloridas, representando os seres, com suas diferenças, parecem sem sentido. E realmente o são, porque o vasto coração do sujeito lírico vive uma reflexão intimista sobre o sentir e o pensar que cabem em um eu “*gauche*”, predestinado à sensação de estar à margem do mundo, acompanhando, com indagações e com “comoção”, o caleidoscópio caótico da vida.

A consciência de uma vastidão tão aguda a caracterizar nosso coração exige de nós um exercício intenso de nos reconhecermos diante do espelho e de, diante ele, tentarmos capturar as faces perdidas na travessia de nosso próprio tempo. E neste processo, de fato, o mundo se apequena.

De outro lado, a depender da capacidade de amar que nossos corações possuem, há situações em que é preciso abandonar a vastidão do coração individualizado para perceber as dores e as alegrias que movem outros corações. “Mundo grande” foi fruto dessa capacidade do poeta Carlos Drummond de Andrade de abrir sua emoção a um mundo pós-guerra, repleto de vidas

destroçadas – quase vidas em estado de morte – e descobrir a limitação que o olhar autocentrado traz. Por isso, os versos: "Meu coração não sabe/Estúpido, ridículo e frágil é meu coração/Só agora descubro/Como é triste ignorar certas coisas/(Na solidão de indivíduo/Desaprendi a linguagem/Com que homens se comunicam)", que denunciam a capacidade que o individualismo tem de forjar um mundo talhado por nossas próprias emoções.

Hoje, é tempo de pensar essa relação entre o nosso coração e o mundo. Vivemos novas guerras. E há incontáveis vidas destroçadas. Vidas em estado de morte. Morte que não é a nossa, se pensarmos nessa primeira pessoa do plural como referência às pessoas que descansam no confortável espaço do privilégio de alguma paz. Mas morte que pode ser a nossa, se nosso coração tiver a capacidade de amar além dos laços de sague e das relações afetivas pessoais.

Ao fim e ao cabo, a relação entre nosso coração e o mundo ditará quem somos. E talvez nos descubramos bem menores do que imaginávamos ser. Pessoas pequenas, portadoras de supostos "vastos corações" (nos quais não cabem dores alheias) assinaremos os versos do poema "Sentimento do mundo", também de Drummond, e diremos; "Quando me levantar, o céu/estará morto e saqueado,/eu mesmo estarei morto,/morto meu desejo, morto/o pântano sem acordes".

Despertemos antes que o mundo seja apenas esse pântano sem acordes.

(Aracaju, 30 de outubro de 2023)

SOL EM PEIXES, ASCENDENTE EM CÂNCER E LUA EM PÁ VIRADA

Há passagens na história da gente que têm a propriedade de fazer do tempo cronológico apenas um acessório nesta experiência chamada vida. Essas passagens ou acontecimentos são tão inusitadas e especiais que recordá-las mexe com a lógica dos ponteiros e cria uma bolha de afeto que não pode ser medida por calendários, ainda que tenham, em si, marcas que explicitam sua origem e sua inserção no percurso da vida. Explicarei melhor tudo isso.

Minha filha mais velha, Gabriela, uma vez (mais especificamente no dia 7 de dezembro de 2022) fez uma postagem no Instagram em que mostrava três bilhetinhos que me escreveu quando era pequena. A idade em que cada um foi escrito não foi definida, mas, pela leitura, fica claro que ela não teria mais que 9 anos. Ela sempre foi uma menina diferente. Detestava os padrões "menininha cor de rosa", era irreverente, contestadora e tinha opiniões e gostos próprios (eu era Flamengo, ela escolheu o Vasco; eu era mangueirense, ela se apaixonou pela Mocidade Independente...), só comia o que queria (ai de nós se tentássemos colocar no prato algo de que ela não gostasse! Oh, luta!), já lia palavrinhas com 2 anos de idade e sempre tinha tiradas engraçadas. Até hoje é assim... O conteúdo dos três bilhetinhos vai revelar exatamente a criatura de quem falo. Vamos lá.

Um: "Eu te amo bem perto do meu coração. Sei que às vezes sou grosseira e chata mas tu me amas assim mesmo. Você

me ama do jeito que eu sou. Você é linda e maravilhosa. Te amo. Gabi".

Dois: "Mãe, desculpe por ter te deixado chateada, pois eu juro pelo nome do Senhor que eu nunca mais vou fazer isso, eu sou muito nervosa, mas o mais importante é saber que eu te amo. Muitos beijos da sua filha nervosinha. Gabi" (bilhetinho acompanhado de uma figurinha da Magali, da Turma da Mônica)

Três: "Mãe, eu gosto muito de você. Por favor, não suspenda minha mesada. E eu ainda vou na colônia de férias. Vamos esquecer o que aconteceu ontem, já fiz o dever. Beijos, Gabriela".

Obviamente eu não tenho ideia do que aconteceu em cada um desses "dramáticos" episódios implícitos nos bilhetes. E, claro, cada vez que os leio, caio na risada ao lembrar das "estratégias" de minha primogênita para me "enrolar" (o que ela sempre conseguia, claro!). Porém, mais que a graça desses registros, com grande destaque para "eu juro pelo nome do Senhor que eu nunca mais vou fazer isso", "Por favor, não suspenda minha mesada" e "Vamos esquecer o que aconteceu ontem", essas leituras renovam constantemente o pacto amoroso que sustenta e dá sentido à nossa relação. Somos e sempre fomos parceiras. Eu, ela e Isadora, a caçula.

Gabi escreveu os bilhetes porque sabia que podia se comunicar comigo. Eu e ela guardamos essas lembranças, porque temos claro que o tempo da infância dela não se foi, pois o que sobrevive ao calendário é eterno. Em cada curva de suas letrinhas está ela, reunindo todos os seus 34 anos de vida em uma imagem múltipla e viva na qual cabem a bebê, a criancinha, a mocinha, a adolescente, a jovenzinha e a jovem mulher, todas carregadas por esse espírito criativo que a caracteriza e que fez e faz da minha vida um constante espetáculo de novidades.

Se, nos bilhetes, ela, menininha, se descreveu como “grosseira, chata e nervosa”, na postagem no Instagram, a legenda foi esta: “Sol em peixes, ascendente em câncer e lua em pá virada. @chrisramalho64, muitos beijos da sua filha nervosinha”. Se o zodíaco, incluindo uma “lua em pá virada”, tem alguma responsabilidade nisso, eu não sei (acho que faz algum sentido sim...), mas o fato de ela, corajosamente, sempre buscar reconhecer suas características (as boas e as nem tão boas) também prova a criatura fantástica e “nervosinha” (nem é tanto...) que ela vem sendo há 34 anos.

O tempo não tem ponteiros suficientes para esse amor. E... EU JURO! nunca cortei nem cortaria a “mesada” dela! Isso certamente foi um dos meus próprios estratagemas para, provavelmente, convencê-la a continuar na colônia de férias!

Por fim, imagine pastas e mais pastas cheias de desenhos e de bilhetes produzidos na infância de minhas duas filhotas! Não faltarão crônicas, porque também a outra, a caçula Isadora, soube me enredar em suas inspiradas linhas de fofura... Você verá!

(Aracaju, 6 de novembro de 2023)

QUARENTA E CINCO GRAUS E A B61-13

O alerta de calor máximo invadiu as telas de nossos dias recentes. Para uns, uma notícia que arde diretamente na pele. Para outros, um calor ainda distante, que gera, no máximo, a curiosidade de quem ainda não foi afetado mas vê o vizinho sendo. No entanto, com maior ou menor proporção, o fato é que estamos em chamas. Literalmente.

Na Amazônia, o mundo das águas virou um universo de fumaça e seca. No Nordeste, o verão deu as caras bem precocemente e já se adivinha o que virá... No resto do país, pequenos tsunamis, termômetros testando sua capacidade de medir e, claro, os inevitáveis temporais que chegam quando a guerra do sol com a atmosfera terrestre transforma tudo em tempestade.

Incrivelmente, entretanto, falar em "quarenta e cinco graus" ainda gera pouco impacto na mente das pessoas. Como se o calor nascesse espontaneamente do acaso ou fosse mero capricho de São Pedro, talvez irritado com algum problema celeste. E parece adiantar pouco falar que tudo isso é consequência do que nós aqui – e bilhões de outros em outros lugares – andamos fazendo com o planeta.

Hoje mesmo vi na Instagram uma fala (não consegui anotar o nome da senhora que falava) que, ironicamente, se referia à ideia de "cuidarmos da Terra". Sim, ironicamente, porque, segundo o argumento muito coerente que a senhora apresentou, a Terra não precisa de nós. Ela sobrevive há 4,54 bilhões de anos a todo tipo de fenômenos. E essa é grande verdade: nós é que precisamos dela,

equilibrada, linda, generosa, farta em alimentos, água, ar puro. Nós é que vivemos o risco de real extinção. Não ela. A não ser, obviamente, que o governo dos Estados Unidos (pasmem!) coloque em prática o projeto de criar uma bomba atômica, a modelo B61-13, vinte e quatro vezes mais potente que a que destruiu Hiroshima, tal como alguns veículos de comunicação anunciaram em outubro agora. Aí explodiremos nós e a Terra também. C'est fini!

Sim. Não basta o anúncio de quarenta e cinco graus com sensação térmica de cinquenta. Não basta o degelo dos polos. Não bastam as tempestades, tsunamis, enchentes, secas, queimadas, poluição, mortandade de peixes, de aves e de outros animais, flagelo da fome em muitas regiões do planeta. É preciso criar e alimentar guerras e bombas, para que tudo fique ainda mais quente.

Pensando em tudo isso, lembro do conto "A igreja do Diabo", de Machado de Assis. Incrivelmente, parece que, de fato, o trecho "As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de cousas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs" está em pleno andamento. Tudo ao contrário. Defesa de genocídios, ode às armas, repúdio aos miseráveis, valorização da máxima competição entre os seres, o definitivo "vale tudo por dinheiro"...

Um mundo que, seguindo o pensamento do Diabo no conto – "Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele" – não preza mais a ideia de respeito à vida, à natureza, às pessoas, às diferenças.

Quarenta e cinco graus, a B61-13 e duas guerras (fora aquelas sem “charme” suficiente para alimentarem a mídia e as redes sociais): eis os números deste tempo. No Brasil e no resto do mundo, alcançamos a meta do Diabo cantado no conto e nos tornarmos pavorosos seres que, de forma acelerada, caminham rumo ao nada.

O glorioso nada em que tudo se derrete no silêncio do sem sentido.

(Aracaju, 13 de novembro de 2023)

ESSES OLHOS MORENOS

Neste 20 de novembro, relembro uma crônica que escrevi que, de alguma forma, se insere nas questões que o Dia da Consciência Negra nos traz. Vou a ela.

O culto aos olhos claros me irrita. Não porque eu rejeite o que há de mar (ou de mares) neles, nem porque ache pobres as metáforas que os cerquem (embora sejam). O problema é fazer dos olhos claros um paradigma de beleza a ponto de famílias, em alguns lugares do planeta, comemorarem (ainda que discretamente) a chegada de um bebê com olhos claros... Coisa mais insensível...

E as postagens de "belezas negras de olhos azuis"? Ainda que haja um contraste visualmente interessante e bonito, a verdade é que as "belezas negras de olhos morenos" raras vezes são postadas... E fica, no não dito, certa ideia de que um negro ter olhos claros é um "diferencial positivo". Não importando, por exemplo e inclusive, se houver um grau alto de miopia ou de hipersensibilidade à luz... Insensibilidade por todos os lados.

Eu acho lindos os olhos morenos! E não lhes nego a metáfora do mar (por mais batida que seja). Há neles o mar profundo, que esconde cores diversas. Mergulhar neles é viver a experiência do escafandrista que, em águas profundas, encontra cores que a superfície jamais poderá mostrar... Basta olhar com a atenção de quem não é marionete do imperialismo estético branco, loiro, azulado ou esverdeado!

Meu Moreno sabe disso, porque vivo elogiando os faróis que partem dele para iluminar minha vida. Coisa boa ser escafandris-

ta nas suas águas profundas... Mas talvez muitas pessoas queridas nem saibam da beleza que eu vejo em seus olhos castanhos e negros (que são belíssimos independentemente de minha opinião). Eu vejo suas fotos e sempre fico deslumbrada com a força misteriosa que vem de seus castanhos claros, castanhos escuros e negros.

Enfim, é difícil entender essa coisa chamada “estética do belo”. E quem estuda literatura sabe o que é ser refém desse conceito, afinal, mesmo em arte somos levados a juízos preestabelecidos que não nos deixam ver e sentir além dos paradigmas. Tenho que pensar sobre isso... E tentar redimensionar minha percepção estética, ampliando, cada vez mais, minha capacidade de encontrar beleza no mundo, ainda que os próprios estudos literários me levem ao movimento contrário, tornando-me (se eu deixar) uma pretensiosa “jurada” da estética do mundo.

Cabe dizer que, nesta crônica, não quero ser jurada de nada! Mas apenas homenagear amplamente pessoas cujo olhar me comove, incluindo a licença poética que o amor me concede de achar os olhos do meu amor os mais lindos do mundo!

Na verdade, o que eu gostaria mesmo era de viver em um mundo em que só o milagre da visão bastasse para vivermos a experiência estética do belo... Mas, já que não “estamos prontos” para o maravilhoso, que, ao menos, pouco a pouco, passo a passo, aprendamos a abrir mais os olhos para as reais e infinitas possibilidades de nos extasiarmos com as belezas deste mundo, que vão muito, muito além de meia dúzia de paradigmas redutores e tristes.

Viva o Dia da Consciência Negra! Valeu, Zumbi! Minha sincera gratidão a tudo o que nossa herança africana (inscrita em episódios de tanta crueldade) faz brotar de emoção em meu ser.

(Aracaju, 20 de novembro de 2023)

VASO QUEBRADO?

Há alguns anos li uma matéria sobre uma interessante prática da cultura japonesa: o "kintsugi", que, segundo o site https://www.japanhousesp.com.br/artigo/kintsugi, "significa literalmente 'emendar com ouro' e é uma técnica de restauração de cerâmicas e porcelanas que utiliza laca ou cola misturadas com pó de ouro, prata ou platina". O significado seria literal, segundo o mesmo site, porque "kin" significa "ouro" e tsugi, "emenda".

Emendar com ouro o que se rompeu tem, nesse contexto, um valor simbólico muito marcante, porque a nobreza do ouro, aplicada ao que se quebrou, não é um investimento no resgate de uma funcionalidade prática, mas a criação de um novo signo que, nas "cicatrizes de ouro" (ou prata ou platina), oferece uma possibilidade de reflexão que vai desde a reconsideração sobre o valor do que se rompeu ao gesto, em plano mais amplo, de perdoar as rupturas e imperfeições para resgatar algo que parecia perdido, mas que pode ser reinventado.

As peças, refeitas com delicadeza e sofisticação, se tornam referências da habilidade e da competência humana para aceitar as rachaduras como partes inerentes às experiências de vida. Assim, essas rachaduras marcadas pelo fio do ouro, em lugar de causarem repulsa, revelam o plano mais real de nossa tão fragmentada, cicatrizada e rota existência, que, no entanto, traz beleza nesse desenho de imperfeições.

Segundo a matéria, o xogum Ashikaga Yoshimasa, que viveu há quinhentos anos, foi o pioneiro no uso desse tipo de repa-

ro, por não admitir se desfazer de suas xícaras de café quando, por descuido ou fatalidade, uma delas se rompia. Obstinado, ele começou a buscar os melhores artesãos para conseguir que fossem recuperadas com arte e qualidade. A prática se tornou traço cultural, as peças ganharam valor estético, e o kintsugi passou do plano da artesania para o da filosofia, visto que também permitia às pessoas pensarem em suas fragilidades e rupturas e em sua capacidade de aprender com as cicatrizes, valorizando-as em lugar de escondê-las. As marcas, trabalhadas com artesania, deixam de ser máculas e passam a ser conquistas.

No entanto, quando deixamos o contexto japonês e nos aproximamos de nossa ocidental maneira de ver as coisas, logo vêm à tona o salmo 31 do livro dos Salmos, da Bíblia, que diz que "Estou esquecido no coração deles, como morto; sou um vaso quebrado" e o dito popular "vaso quebrado não se cola", que, em geral aludem à quebra da confiança como um episódio que sacramenta o fim derradeiro de uma relação.

Confesso que, entre a beleza do kintsugi e a condenação ocidental ao que se rompeu, sempre tive mais para a segunda vertente. Via brotar em mim uma real implicância com objetos quebrados ou lascados. Sentia presságios de má sorte e procurava me desfazer rapidamente de qualquer objeto quebrado. Nas poucas vezes em que tentei colar partes quebradas, sempre que meus olhos se deparavam com o remendo, a visão me perturbava. Não havia prazer estético e, muito menos, convite à filosofia.

Entretanto, de uns tempos para cá, algo em mim se orientalizou. Ando me apaixonando pelas cicatrizes. Talvez ande mesmo reinventando sentidos para as marcas que a proximidade dos sessenta deixa mais e mais visíveis e que, todavia, nem de longe, me tornam imprestável para a vida. Sei que sou um mosaico, um

coletivo de cacos que habitam distintos espaços em minha memória e em minha emoção, mas que, afinal, são parte integrante de meu multifacetado ser.

O kintsugi, cuja técnica não domino, mas que me chega em palavras e imagens de forma hoje bem diferente daquela que conduziu minha leitura da tal matéria, fez-se, de fato, um caminho novo para minha reflexão sobre o existir como prática incessante de colagem de cacos, em busca de se alcançar alguma felicidade. E, quanto mais essa colagem se reveste de paciência, aceitação e paixão pela beleza de existir, mais fácil e prazerosa se torna a convivência com a imperfeição de que somos feitos.

Olhar para as cicatrizes com ternura faz a ideia de "vaso quebrado não se cola" parecer mesmo imatura, porque o tanto de emoção envolvido na prática de colar as partes com zelo reafirma a sabedoria que reside na opção de valorizar o que passou como lição para o depois, sem desprezar os cacos como se fossem apenas dejetos repugnantes de nossos fracassos.

Não sei se, de fato, sou um vaso quebrado cujas peças coladas denunciam um percurso cheio de quedas ou se sou uma bela peça de kintsugi. Mas ando desconfiada de que a maturidade pode, sim, ser um belo caminho em direção à conquista do amor próprio. Um amor próprio isento da busca pela perfeição. Um amor próprio atravessado pelas linhas douradas dos tombos que escrevem minha própria existência no mapa das maravilhosas imperfeições que fazem de cada ser humano um vaso craquelado e único.

(Aracaju, 27 de novembro de 2023)

SER DÉDALO OU SER ÍCARO?

Você certamente já ouviu falar do pobre Ícaro, que, após ter alcançado o feito de voar usando penas de pássaros coladas com cera e sobrevoar o labirinto do Minotauro, foi ambicioso demais e, se aproximando do sol, viu a cera derreter e as asas se desfazerem. Seu destino foi a morte.

Mas você já ouviu falar do pai de Icaro, o senhor Dédalo? Pois bem, o mitólogo estadunidense Joseph Campbell disse o seguinte no livro O poder do mito: "Fala-se mais de ***Ícaro*** que de Dédalo, como se as asas, em si, fossem responsáveis pela queda do jovem astronauta. Mas nada se diz contra a indústria e a ciência. O pobre ***Ícaro*** despencou nas águas, mas Dédalo, que voou moderadamente, conseguiu atingir a outra margem". Pois bem, Dédalo, que, inclusive, criou o labirinto do Minotauro, conseguiu voar, chegou a seu destino e foi muito bem-sucedido (segundo versões do mito).

Desse conflito entre audácia e prudência, surgiu uma reflexão, que eu fiz há alguns anos e que se tornou parte de meu livro Lição de voar (2019). A decisão agora é sua!

Voar baixo, seguro, na medida justa que separa sol e cera, e chegar a Cumas pronto para o acolhimento do solo? Ou, destemido, ultrapassar fronteiras, largando o corpo na dupla vivência de alçar voo e queda livres?

Ter nas asas o instrumento para o alcance do solo perfeito? Ou, vestido por elas, gozar da persona de que não se foi feito?

Ser Ícaro ou ser Dédalo?

Deixar que a pele se lacere enquanto a alma se lança? Ou fazer da asa escudo até o próximo porto seguro?

Fazer do sol novo Minotauro no labirinto aéreo do sonho? Ou contornar os labirintos do impossível com a clara visão do trajeto a ser cumprido?

Plenitude ou prudência?

Segurança ou grandiloquência?

Resta esquecer a questão das asas...

Não.

Das asas não se esquece. Elas sempre voam quando o corpo adormece.

Contempla-se o solo ciente do voo e de suas ambivalências, sem se perder, contudo, o desejo de voar.

(Aracaju, 4 de dezembro de 2023)

O DISCURSO DE FORMATURA

Em 1995 fui oradora na formatura de minha turma de Letras. Eu não queria fazer um discurso tradicional. Gostava da ideia de tentar algo inusitado.... Foi quando me veio... "O discurso de formatura".

Uma energia, uma onda nervosa, invadiu sua mente, despertando o poeta adormecido, e ela viu suas sólidas ideias derretendo-se num processo lento, escorregadio... até voltarem à vida esculpidas por palavras, pontos e muitas entrelinhas... Foi assim, exatamente desse modo, que seu discurso tomou forma. O nervosismo das semanas anteriores deu lugar a um torpor tranquilizante. Sentia-se como a água, descongelando e se espalhando, umedecendo a superfície, invadindo os espaços...

./...

Seu nome era Alfa Beta Silva Rossler, nome de batismo, que lhe apontava o próprio destino – a paixão pelas letras. Sequer tentou travar uma luta contra sua sina... Deixou-se sempre levar pela sedução das palavras e, diante das ínfimas possibilidades de conquistas materiais que sua vocação lhe permitiria, buscava compensação na riqueza de todos os sentidos incompreendidos pela maioria e tão ao alcance dela. E mergulhava nos livros, passeava nas poesias e se descobria repleta de desejos de descobrir o mundo, tentar entender as razões das diferenças, os porquês da realidade e do sonho...

./...

A formatura seria no dia seguinte e seu discurso parecia estar congelado, solidificado...até o despertar do poeta...Alfa deixou o poeta falar. Sua mão obedeceu à voz lírica e esculpiu o discurso. Alfa estava em "delta". Quando acordou, pela manhã, encontrou o discurso pronto em cima da mesa de cabeceira. Colocou o CD do Caetano dentro do estojo e leu novamente o discurso. Seria realmente capaz de falar tudo aquilo?

./...

O auditório reunia faces conhecidas e desconhecidas. A noite quente, os formandos sorridentes, os parentes, os amigos, uns interessados, outros ausentes... Todos observaram quando a bela moça, de cabelos vermelhos e longos, aproximou-se do microfone, preparando-se para o discurso. A beca impecavelmente passada, a faixa cor de vinho, o rosto nobre de Alfa, tudo prenunciava um belo discurso, digno de uma moça "letrada".

Alfa olhou para seus pais e neles viu todos os pais. Agradeceu a presença dos convidados, sorriu para a mesa, abraçou todos os colegas com os olhos e... Para surpresa de todos, Alfa esfregou o dorso da mão nos lábios, retirando o batom; arrancou a peruca, deixando à mostra os cabelos pretos e curtos, e despiu-se da beca. Um short de brim e uma camiseta branca eram agora o único escudo de Alfa. Olhos curiosos e bocas mudas aguardavam... Dessa forma, inusitada e corajosa, Alfa iniciou seu discurso...

./...

"Retirei as minhas máscaras e convido os que assim queiram a também retirarem as suas. Mãe, ajude-me!" – disse Alfa, ao que sua mãe prontamente atendeu, livrando-se dos sapatos apertados que tanto detestava usar. Seu pai tirou paletó e gravata e também a máscara da seriedade. Algumas pessoas entenderam a intenção de Alfa e lhe imitaram os pais.

Como um surto, o salão encheu-se de máscaras: máscaras de médicos, advogados, empresários, professores, donas-de-casa, engenheiros, técnicos de TV, comerciantes, desocupados... No canto do salão, um senhor retirava compulsivamente uma máscara após outra, revelando o grande número de identidades que nele habitavam.

Alfa continuou: "Peço desculpas a vocês..., contudo preparei um discurso para pessoas sem máscaras...". E Alfa falou do poder das palavras, que tinham transformado a sociedade num conjunto de injustiças. Falou do uso cotidiano de máscaras, máscaras que fingem não ver os meninos magros, perigosos e sem rumo, esmolando nos vidros dos carros; máscaras que vibram em estádios repletos, fugindo da realidade; máscaras que jogam no lixo toneladas e toneladas de alimentos; máscaras que praticam pequenas corrupções diárias, enquanto reclamam das grandes corrupções diárias; máscaras que, entre a preguiça e o esforço, escolhem a primeira; máscaras que, entre a TV e o vizinho, escolhem a primeira, porque se devem evitar envolvimentos com vizinhos; máscaras que conseguem dividir o mundo em desenvolvidos e não-desenvolvidos, pretos, amarelos, brancos e "gays", nacional e importado. Máscaras que não percebem que todas as línguas têm a mesma finalidade. Máscaras que aprisionam a verdadeira essência do ser humano. Máscaras que palavras poderosas ajudam a construir.

Encerrando o discurso, Alfa disse: “Analfabeto é aquele que sabe ler e não percebe a riqueza das palavras... Entretanto, desprezível é aquele analfabeto que sabe ler, percebe a riqueza das palavras e as utiliza para tornar ainda mais miserável a vida dos verdadeiros analfabetos...”.

Enquanto voltava a vestir a beca, Alfa olhou para o salão e sentiu um sorriso invadindo-lhe o rosto: ali não mais havia mascarados, havia gente, gente pensando... Como fosse gelo, Alfa começou a derreter... Gente pensando e Alfa Beta derretendo-se pelo chão... Gente pensando, enquanto as palavras e a poesia de Alfa espalhavam-se pelo chão, derretendo com ela.

E pensar poderia ser o começo de tudo.

(Aracaju, 11 de dezembro de 2023)

“BOAS FESTAS”, DE ASSIS VALENTE

Você sabe quem foi Assis Valente? Bem, como não posso ouvir a resposta, falarei um pouco sobre ele... Assis Valente chamava-se José. José de Assis Valente. Nasceu em Salvador no dia 19 de março de 1911. Dia de São José. Foi compositor, protético e desenhista. Deixou canções como “Brasil pandeiro” (“Chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor”, “Camisa listada” (“Vestiu uma camisa listada e saiu por aí”), “E o mundo não se acabou” (“Anunciaram e garantiram/Que o mundo ia se acabar”), entre muitas outras, totalizando 154 composições. Mas, nestes dias natalinos, há uma composição dele que todo mundo conhece: “Boas Festas”!

Quem não deixa contagiar pela voz de Simone acompanhada do Timbalada, cantando “Anoiteceu/O sino gemeu/E a gente ficou/Feliz a rezar”? E há outras (muitas outras interpretações): Novos baianos; João Gilberto; Gaby Amarantos; Sambô; Zeca Baleiro; Caetano Veloso. Uma delas, emocionante e também disponível no Youtube, é a interpretada pela Coro de Natal São Paulo. Contudo, a canção de Simone com o Timbalada é, sem dúvida, a mais contagiante. É começar a ouvir e balançar o corpo: “Laialaiá, laialaiá, laialaiá... Anoiteceu...”.

Talvez o Natal para muita gente seja isso mesmo: canções, emoções, corpo balançando ao ritmo das canções natalinas. Esperança, presente, e um menininho Jesus discretamente deitado na manjedoura da decoração. No entanto, na letra de “Boas Festas”, Assis Valente deixou um recado que parece ignorado pela

grande maioria das pessoas que ouve a canção nas suas diversas interpretações. Vejamos a letra completa:

Anoiteceu

O sino gemeu
A gente ficou
Feliz a rezar
Papai Noel
Vê se você tem
A felicidade
Para você me dar
Eu pensei que todo mundo
Fosse filho de Papai Noel
Bem assim felicidade
Eu pensei que fosse uma
Brincadeira de papel
Já faz tem que pedi
Mas o meu Papai Noel não vem
Com certeza já morreu
Ou então felicidade
É brinquedo que não tem

Composta em 1932, essa letra, se ouvida ou lida com ouvidos e olhos atentos, é um desabafo profundamente triste. Na ocasião em que a criou, Assis Valente (segundo conta o livreto 22 da Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira) já vivia no Rio de Janeiro. O livreto relembra: "Num cubículo de casa modesta, em Niterói, reparou na gravura de artista anônimo, colada à parede, na qual uma menina esperava o presente de Papai Noel

com os sapatinhos sobre a cama". Foi a inspiração para o homem solitário. E a canção, na voz de Carlos Galhardo, se fez um hino nacional. Valente ganhou fama, sua música conquistou Carmem Miranda, que se fez intérprete de suas canções. Mas um amor impossível por ela havia se instalado no coração de Valente. Segundo Ruy Costa, "Brasil pandeiro" foi uma composição de Valente diretamente relacionada a Carmem Miranda.

Voltarei à canção daqui a pouco. Fico um pouco mais com Valente.

Assis Valente teve grandes momentos em sua vida. Viveu, por exemplo, grande emoção no morro da Mangueira, quando ouviu sua canção "Mangueira" (1935) sendo interpretada pela escola de samba. Casou-se, em 1939, com Nadyle da Silva Santos, com quem teve uma filha chamada Nara Nadyle. Mas o casamento se desfez, e o músico voltou à solidão e às dificuldades financeiras, fruto de seu descuido com o dinheiro. Voltou à cena nos anos 50, muito timidamente como pessoa, mas na voz da grande Marlene.

Sofreu muitíssimo. Era um homem atormentado pelas dificuldades da vida. Em 1941, mesmo em fase de sucesso de suas canções, tentou se matar, jogando-se do Corcovado. O livreto conta que o resgate levou horas. Depois do resgate, pediu desculpas à família e aos amigos, deixando vir à tona uma visão de mundo: "Glórias não resgatam letras".

No dia 11 de março de 1958, Assis Valente, o José, bebeu formicida com guaraná, suicidando-se em plena rua. Sua "herança pessoal" foi "um par de óculos, notas de cinco cruzeiros, alguns bilhetes em caligrafia irregular e a carteira de identidade, já rasgada". Segundo o embaixador Paschoal Carlos Magno, Assis Valente foi "um dos homens mais puros e mais torturados que conheci até hoje".

Pois bem, o homem nascido no dia de são José, que compôs "Boas Festas", está por trás da canção até hoje presente nos shoppings e nas residências na época do Natal. Se, pelo menos na voz de Baleiro, a canção parece carregar um pouco da tristeza que a letra contém, nas demais versões e na memória do povo brasileiro, "Boas Festas" não é cantada como se os versos "Eu pensei que todo mundo/Fosse filho de Papai Noel" e "Mas o meu Papai Noel não vem/Com certeza já morreu/Ou então felicidade/É brinquedo que não tem" não estivessem lá. O ritmo contagiante (que, de certo modo, está na versão original, muito provavelmente por ironia) toma conta e esses versos ficam silenciados. Para quem presta atenção, chega a dar agonia ouvir a voz da Simone e o balanço do Timbalada envolvendo essa letra. É um paradoxo vivo. Papai Noel "com certeza já morreu" e todo mundo está cantando feliz.

E você? Havia prestado atenção na letra? Mais que isso: havia percebido a reflexão proposta por Valente quando denunciou o fato de que Papai Noel não vem para todo mundo?

No Natal, José, Marias e Jesus se multiplicam em milhões de faces tristes, que não tê,m sequer uma cama para colocar um também ausente sapatinho. A pobreza da sagrada família vestiu-se, em parte dos lares, de brilhos, cores, presentes, mesa farta e uma troca incessante de votos de "Boas Festas". Em outros, ganha os contornos possíveis e mesmo impossíveis. Para todos, as "Boas Festas" de Valente se faz viva.

Não. Essa crônica não quer vestir o Natal de tristeza. Quer, apenas, falar dela, porque ela existe e, na maioria das vezes, está escrita em letras garrafais, que, ainda assim, não são lidas.

Em homenagem ao José, que tirou a própria vida, o agradecimento pelos versos que deixou como um alerta em "Boas Festas". É preciso lutar pelo direito amplo, geral e irrestrito à fe-

licidade. Com ou sem Papai Noel. Com ou sem religião. E quando alguém olhar para qualquer um de nós como se dissesse "Vê se você tem/A felicidade/Para você me dar" talvez seja a hora de tentar ser presente na vida desse alguém.

Boas Festas!!

(Aracaju, 18 de dezembro de 2023)

SOBRE A AUTORA

Christina Ramalho nasceu no Rio de Janeiro, em 1964. Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012), Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, França, 2017) e Historiografia Épica (Universidad de Buenos Aires, Argentina, 2022), é professora-associada do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe (campus Itabaiana). É pesquisadora especializada no gênero épico e no ensino de poesia. Como autora, tradutora e organizadora, tem mais de 50 obras publicadas, envolvendo teoria, crítica e historiografia literárias, poemas, contos, microcontos e crônicas.

Em Literatura, publicou *Epos* (microcontos, Espanha, 2023), *Sessenta minutos* (poema épico, 2021, Lei Aldir Blanc/FUNCAP), *Agujas de papel* (poemas, Argentina, 2021), *Ponteiros de papel* (poemas, 2020), *Poemas de Danda & Chris* (poemas para crianças, com Rosângela Trajano, 2020), *Lição de voar* (poemas, 2019), *Poemas mínimos* (2019), *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (cordel, com Ítalo de Melo Ramalho, 2019), *fio de teNsão* (poemas, 2018), *Ítalo* (poemas e crônicas, 2018), *Catimbó* (crônicas reunidas, 2018), *Dança no espelho* (contos, 2005 e 2018), *Laço e nó* (poemas, 2000) e *Musa Carmesim* (poema épico, 1998). Em breve serão lançados os livros *A menina que inventava mundos* (literatura infantil) e *Sergipe: caminhos que faço ao andar* (fotopoemas, pela SEDUC/SE).

Realizou diversas exposições nacionais e internacionais de pintura e fotopoesia. É membro do grupo musical *Acrópole*,

sendo autora de diversas letras de canções. Dedica-se também ao artesanato e à costura.

É membro honorário da Academia Gloriense de Letras (GL) e da Academia Caboverdiana de Letras (ACL), além de membro correspondente da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL). Em Sergipe, recebeu os títulos de Cidadã Aracajuana (2016) e de Cidadã Sergipana (2018).

Site: www.ramalhochris.com

YouTube: https://www.youtube.com/@ramalhochristina